

O Círculo Hermético

Hermann Hesse a C. J. Jung

Dia 22 de janeiro de 1961, em Montagnola, na parte italiana da Suíça. Almoço em casa de Hermann Hesse. Do lado de fora, neva; o céu, porém, está claro. Olho através da janela; em seguida para meu prato de curry. Ao levantar a vista encontro, na outra extremidade da mesa, os olhos também claros e transparentes de Hesse.

— *Que felicidade, digo, encontrar-me hoje almoçando aqui, na sua companhia!...*

— *Nada sucede casualmente, responde Hesse. Aqui só se encontram os CONVIDADOS CERTOS: é o CIRCULO HERMÉTICO.*



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

ÍNDICE

HERMANN HESSE

Demian

Abraxas

Narciso, Goldmund e Sidarta.

As Cidades e os Anos

As Metamorfoses de Piktör

Manhã

O Mestre Dyu-Dschí

Uma Carta

O Último Encontro

Domingo, 7 de maio de 1961

Últimas Mensagens

Minha Partida da Índia

A Árvore

A Estátua de Goldmund

O Sonho

A Festa de Bremgarten

Trechos de Duas Cartas

C. G. JUNG

A Antártida

Minha Primeira Entrevista com o Doutor JUNG

5 do maio de 1959: Segunda Entrevista

As Bodas Mágicas

Com a Doutora Jacobi

Jung Escreve o Prefácio de "Las Visitas de La Reina de Sabá"

Com Arnold Toynbee

Recebo a Última Carta do Doutor Jung

Texto das Cartas

O Novo Encontro

Os Sete Sermões aos Mortos

A Despedida

Uma Manhã na Índia Um Sonho

Jung Volta a Receber-me em sua Casa

Um Mito para a Nossa Época

Conclusão

Biografia do autor

Hermann Hesse

Demian

MEU PRIMEIRO contato com a obra de Hermann Hesse teve lugar em 1945, ou talvez um pouco antes. Não me lembro quem me emprestou *Demian*. Naquela época Hesse era quase um desconhecido no Chile. Era discutido em pequenos círculos, como em segredo. Aliás, fora da Alemanha sua fama era limitada. Foi em 1946 que o grande público tomou conhecimento de sua existência, ao lhe ser conferido o Prêmio Nobel de Literatura. A partir de então, passou a fazer parte, meio forçadamente diria eu, dos autores traduzidos em outras línguas. Apesar disso, há países em que Hesse continua sendo um autor que não desperta grande entusiasmo. Para o público anglo-saxão, Hermann Hesse é um escritor rebuscado e suas traduções não constituem um êxito editorial. Com efeito, suas obras completas não foram traduzidas para o inglês. Em Londres, fui obrigado a procurar durante dias alguns dos seus livros mais conhecidos para presentear um amigo meu, que nunca ouvira falar do escritor alemão. Que diferença com o público de língua espanhola, que leu e releu a obra de Hesse, considerando seu autor um Mestre que ensinava normas de vida a uma juventude ávida de novos horizontes espirituais.

“É estranha essa diferença entre o público saxão e o espanhol diante da obra de Hesse, Muito especialmente, foi o leitor latino-americano quem acolheu com maior entusiasmo o autor alemão; e dentro da América Latina, estão o Chile, a Argentina e o México”. Não

sei se no resto do mundo o escritor chegou a ter iguais admiradores. Na Índia, por exemplo, seu livro Sidarta, embora traduzido em bengali, hindi e outras línguas locais, não são amplamente conhecidos e circula apenas entre minorias que não são extremamente entusiastas.

Em quase dez anos de permanência na Índia, dei muitos exemplares de presente, enviando o último ao monge Krishna Prem, um inglês doutorado em Cambridge, filósofo bakhti, devoto de Krishna, autor do interessantíssimo livro "O Yoga de Kathopanishad" e que vive há mais de trinta anos nas vizinhanças da religiosa cidade de Almora, nas primeiras elevações do Himalaia.

Que diferença entre os latino-americanos! Um pintor mexicano fez-me presente de um slide colorido de um quadro seu, no qual ilustrava o Magister Musicae e José Servo, de O Jogo das Contas de Vidro. O velho professor está sentado ao piano enquanto o jovem Servo o acompanha ao violino na primeira sonata que tocaram juntos. O pintor enviara o quadro a Hesse como presente e Hesse recomendaram-lhe que me procurasse em Deli. Tive que me esforçar para o pintor não se mudar para a Índia.

A paixão que Hesse despertou nas almas espanholas só pode ser comparada com a que certamente desperta, ou despertou, entre os alemães de uma geração inteira.

Na atitude do pintor mexicano sentia-me interpretado, porque assim também aconteceu comigo e continua ocorrendo. Ainda hoje, daria a volta ao mundo para encontrar um livro, quando creio que ele seja fundamental ou é o alimento que minha alma necessita. E venero seu autor com um amor superior ao que jamais produziram em mim a "presença e a figura" nesta atormentada terra. Por isso estranho a juventude tibia de nossos dias que espera o prazer das obras, que não as busca em parte alguma, que não as venera. Poderia passar fome, roubar, a fim de obter o necessário para a aquisição de um livro. Nunca os quis emprestados, porque os desejava meus

absolutamente meus, para uma convivência íntima com eles durante horas e dias seguidos.

Como acontece com os homens, assim sucede também com os livros: possuem um destino próprio, são como que dirigidos às pessoas que os esperam, encontrando-as na hora exata. Os livros vivem, morrem e reencarnam; são construídos de matéria palpitante, que procura e abre caminho através das trevas, freqüentemente após a morte de seus autores.

Hesse dizia que Sidarta penetrara na Índia vinte anos depois de sua publicação e mesmo assim — fato que ele desconhecia — somente de forma limitada. No início, Hesse presenteava seu livro aos amigos para que o lessem, sem receber muitas vezes um bilhete de agradecimento. A obra destinada a agir profundamente necessita de anos de solidão.

Assim, conforme indiquei, a primeira obra de Hesse chegou às minhas mãos por volta de 1945. Foi Demian, esse livro mágico. Por que motivo produziu em mim uma impressão tão singular? Ondas de força transmitiram-se a mim de suas páginas. Fazia muitos anos que a obra fora escrita. Talvez não houvesse nascido quando foi imaginada.

Muitas pessoas já se tinham alimentado de sua influência; inúmeras edições haviam aparecido. Chegou a mim numa tradução, provavelmente cheia de erros; no entanto, conservava a energia, a força, o milagre. As palavras, o sonho, o sopro e o tormento no pensamento do indivíduo que a concebeu recriavam-se a contacto de uma nova mente que a recebia e a quem estava destinada. Não é isso um milagre? Quando seu autor, ainda jovem, inclinado sobre a escrivaninha, talvez em Baden, perto de Zurique, na pensão "Verenahof", dava vida à sua obra, nela se concentravam forças existentes já em potência, mas que seriam irreais para os que estivessem localizados numa outra esfera do espírito. Essas forças reviveriam, ressurgiriam poderosas ao contato de uma mente e um coração que haviam seguido idêntico peregrinar.

Demian, o herói, se converteria no modelo de muitas vidas; era preciso rivalizar com sua força e serenidade, com tudo aquilo que possuía de arquétipo. Por isso eu caminhava pelas ruas da minha cidade sentindo-me um homem novo, portador de uma mensagem e de um sinal. E é por isso também que Hesse foi mais do que um literato ou um poeta para várias gerações. Sua mensagem atinge regiões que estavam reservadas à religião. Se bem que somente em alguns de seus livros ocorra esse fenômeno, refiro-me aos que pertencem ao gênero mágico, e não aos evocativos. Os últimos, destinam-se principalmente ao público alemão, dotados que são de um caráter local. Para mim, a obra de Hesse limita-se a Demian, Viagem ao Oriente, sua fantástica Autobiografia, Sidarta, O Jogo das Contas de Vidro, O Lobo da Estepe e Narciso e Goldmund. Logo depois coloco As Metamorfoses de Píktor, que serão comentadas adiante.

Demian não é realmente uma criatura física, não está separado de Sinclair, o narrador da história. Demian, na verdade, é o próprio Sinclair, seu ego profundo, o herói arquétipo existente no fundo de todos nós. O Ser, em suma, que permanece imutável e inalterado na alma, e em cuja vizinhança todos nós procuramos ou deveríamos procurar viver. Há nesta obra uma mensagem de pedagogia mágica; refiro-me à tentativa de conduzir um adolescente ao contato redentor com um ser milenar que vive nele e de onde extrairá as forças que poderão ajudá-lo a superar os perigos, cavalgando sobre as ondas do caos primitivo, sobretudo na adolescência. Todos nós, em maior ou menor grau, encontramos durante nossas vidas personagens como Demian, perdidos numa infância remota: meninos seguros de si, serenos, heróis venerados pelos outros. Mas Demian, na realidade, está dentro de nós. No final das páginas insinuantes do romance, Demian aproxima-se de Sinclair, que se encontra no leito de um hospital militar, beija-o na boca ensangüentada e diz: "Escute, meu menino, se alguma outra vez você necessitar de mim, não voltarei

mais dessa forma prosaica, a cavalo ou de trem. Você me encontrará dentro de você mesmo.”

Hesse escrevia isso nos seus dias mais angustiados, quando pensava em abandonar para sempre sua pátria e a guerra. Encontrara Demian, encontrara-se a si mesmo.

Esta mensagem, porém não está racionalizada no livro. Encontra-se envolta em uma matéria mágica, é um símbolo. Por conseguinte, só pode ser compreendida pelo coração, pela intuição. E explode, por assim dizer, na alma do leitor, para quem o livro chegou silenciosamente, "como um ladrão dentro da noite", abrindo caminho através das espessas sombras do esquecimento e da penitência.

É por isso que há muitos anos atrás eu caminhava pelas ruas da minha cidade com o peito inchado, sentindo que algo novo acontecera na minha vida: uma mensagem de eternidade.

Abraxas

Luz E TREVAS é a vida. Contudo, esforçamo-los em realizar “apenas um desses extremos”. Nossa alma anseia pela luz, com muita força, pelos altos cumes, por Deus. Visões sublimes, esperanças exaltadas. Desde criança, primeiro uma pedagogia familiar, em seguida escolar, humanística, nos marcaram a fogo os valores correspondentes a uma única face da moeda.

A civilização cristã ocidental pretende superar o lado sombrio da esfera, sem encontrar uma simbologia apropriada, posta à disposição do indivíduo que começa a viver, de sorte que possa aceitar e interpretar igualmente as sombras que a luz projeta.

E quando caímos destas alturas, de braços sobre a terra e sendo felizes ali durante um instante, nossa mente carece de nexos e sinais que nos possam ajudar. É assim que surge a dualidade.

O mesmo não sucede no Oriente, na Índia, onde uma antiqüíssima civilização da natureza aceita seus deuses polifacéticos, conseguindo o homem uma expressão simultânea, sem transições, entre a luz e as trevas, o bem e o mal, de sorte que o Demônio foi

desarmado, por assim dizer, da mesma forma que Deus. Mas o preço de tão alta empresa é pago duramente à Mãe Natureza. O homem hindu é menos individualizado do que o ocidental, é um pouco mais alma coletiva, mais natureza.

Pois bem, como poderia o homem cristão ocidental chegar a um ponto onde, sem deixar de ser indivíduo, atingisse um estado em que a luz e as trevas, Deus e o Demônio, coexistissem?

Terá que descobrir um deus cristão antes do Cristo, e que possa continuar sendo depois d'Ele. Isto é, o Cristo da Atlântida, que existiu certa vez e que pode surgir de novo das águas profundas, como do centro de um continente recuperado.

deus é Abraxas, deus e demônio ao mesmo tempo.

A primeira vez que soube da existência de Abraxas foi em Demian; ele já estava porém dentro de mim desde a minha infância, tendo-o visto no fundo da cordilheira andina e nas profundidades insondáveis do oceano que arruína nossa costa; porque nas espumas das grandes vagas também reverberam os fogos-fátuos, seus ardores do céu e do inferno.

Abraxas é um deus gnóstico; por conseguinte, cristão antes de Cristo; é por isso o Cristo da Atlântida. Foi conhecido por outros nomes pelo índio aborígene das Américas.

Hermann Hesse fala dele da seguinte maneira:

"Observa o fogo, observa as nuvens e quando surgirem os presságios e começarem a soar em tua alma as vozes, abandona-te a elas sem indagar se isso é conveniente ou se está certo. Caso contrário perder-te-ás, assumirás uma aparência burguesa e serás um fóssil. Nosso Deus chama-se Abraxas: é Deus e Demônio ao mesmo tempo; possui em si o mundo luminoso e o tenebroso. Abraxas não se opõe a nenhum dos teus pensamentos, nem a nenhum dos teus sonhos. Não te esqueças disso. Mas ele te abandonará se te tomares normal e irrepreensível. Ele te abandonará e procurará um outro caldeirão onde possa cozinhar seus pensamentos."

Para poder superar o conflito dramático em que se encontram o homem cristão a civilização ocidental, sem provocar uma dessas catástrofes apocalípticas periódicas no Ocidente e sem chegar a rebaixar os níveis, o que se produziria ao "orientalizar-se", talvez não há outra possibilidade senão Abraxas, isto é, uma projeção da alma em torno da esfera, um submergir-se nas próprias raízes, biográficas, até encontrar ali o arquétipo puro que foi desfigurado, mas que é a imagem autêntica do deus" entristecido por nossos pecados, imediatamente após a submersão da Atlântida nas espantosas águas da nossa própria alma.

Abraxas também quer dizer o Homem Total.

Narciso, Goldmund e Sidarta

PARA OS QUE estão familiarizados com os livros de Hesse, nomes como Narciso, Goldmund e Sidarta são bem conhecidos. A obra de Hesse gira em torno de um tema sempre idêntico. Sinclair e Demian são uma mesma pessoa; Narciso e Goldmund representam as duas tendências essenciais do homem: a contemplação e a ação; o mesmo sucede com Sidarta e Govinda: são talvez um único ser; por isso, nasce a profunda amizade entre eles, a piedade, a compreensão. É o amor de si mesmo, a caridade pela alma desgarrada entre a introspecção e a extroversão. O Jogo das Contas de Vidro aborda o mesmo tema através de motivos complicados, evoluindo em fugas e arabescos, tão caros à alma musical dos alemães. O hinduísmo, o taoísmo chinês, o budismo zen e talvez a matemática, deram toques conscientes ao tema original, trabalhado agora como uma fuga de Bach ou uma pintura de Leonardo.

Quando me encontrei pela primeira vez com Hermann Hesse, ele era possivelmente um pouco mais Narciso do que Goldmund; ou seja, havia deixado de peregrinar, vivendo em seu retiro afastado de Montagnola, em serena introspecção. O mais provável contudo é que

Hesse tenha sido ao mesmo tempo, até o final de sua vida, Narciso e Goldmund.

Estou certo, porém, que naquela época eu era mais Goldmund do que Narciso; aliás, encontrava-me perdido entre essas duas tendências da personalidade. Como Sidarta, iria encontrar o amigo mais sábio muitas vezes no decorrer da vida, vestindo roupagens diferentes e ornado com dignidades opostas.

Na minha primeira entrevista carregava uma mochila e levava um livro embaixo do braço. Era jovem e pela primeira vez saía do meu país.

Encurtarei os detalhes que precederam o encontro. Basta dizer que na Suíça poucas pessoas conheciam o lugar exato onde residia Hesse; somente depois de muitas indagações, uma jovem deu-me em Berna notícias do seu paradeiro.

Tomei o trem para Lugano. Era junho de 1951 e o calor do verão fazia-se sentir até mesmo nas montanhas da Suíça.

Em Lugano, tive que indagar novamente o paradeiro do escritor, asilado em país helvético. Uma pessoa disse-me que Hesse morava em Castagnola. Fui de ônibus até a pequena cidade, onde informaram-me que a residência de Hesse era em Montagnola. Outro veículo levou-me ao lugarejo elevado, situado em frente ao lago de Lugano e às neves alpinas. O ônibus subiu por ruas estreitas até chegar ao seu destino. Desceu junto comigo uma mulher jovem. Indaguei-lhe a direção da casa do escritor. Disse-me que era sua empregada e convidou-me a segui-la.

No entardecer daquele dia chegamos à entrada de um jardim. No alto do portão, uma tabuleta escrita em alemão dizia: "Bitte, keine besuche" (Não recebemos visitas.) Atravessei o portão e, por um caminho cercado de árvores altas, cheguei até a porta da moradia. Havia ali outra inscrição em alemão, traduzida do chinês antigo:

Palavras de Mench-Hsi

*Quando alguém chegou à velhice
e cumpriu sua missão,*

*tem o direito de enfrentar tranqüilamente
a idéia da morte.
Não necessita dos homens.
Já os conhece e sabe perfeitamente como são.
O que necessita é de paz.
Não convém visitar homem, falar-lhe,
fazê-lo sofrer com banalidades.
Convém, antes, passar ao largo
diante da porta de sua casa,
como se ninguém vivesse nela.*

A jovem empregada abriu a porta e me fez passar num corredor escuro. Ofereceu-me uma cadeira junto a uma pequena mesa encostada na parede e pediu-me um cartão de visitas. Como não tinha nenhum comigo, dei-lhe em lugar disso o meu livro *Ni por mar, ni por tierra*, que havia trazido especialmente para Hesse, com uma dedicatória em espanhol.

A jovem afastou-se pelo corredor. Esperei um momento ali, naquele ambiente tranqüilo, recolhido, envolto num perfume de sândalo, naquela tarde antiga, cerca de dezenove anos atrás.

Foi então que uma porta lateral se abriu e uma figura magra, vestida de branco, surgiu na penumbra. Era Hesse.

Levantei-me sem poder distingui-lo bem a princípio. Só pude observá-lo quando atravessamos o corredor e entramos numa sala de janelas largas. Seus olhos eram muito claros e um belo sorriso foi-se esboçando no seu rosto magro. Parecia um asceta, um penitente, vestido de linho branco. De sua pessoa desprendia-se um perfume especial, de sândalo ou resina de árvore velha.

— O senhor chegou num momento difícil, disse ele; deveríamos ter saído ontem de férias. Talvez viajaremos amanhã. Minha esposa foi mordida por uma abelha e decidimos adiar a partida... Tudo está em desordem aqui. Vamos ao meu escritório.

Atravessamos uma sala coberta de estantes que chegavam até o teto e entramos numa outra sala menor, onde havia uma mesa ao centro e estantes altas, quadros, objetos vários, pequenas estatuetas do Oriente.

Hesse sentou-se dando as costas à janela, por onde o sol se punha sobre os morros e o lago distante. Sentei-me em sua frente, no outro lado da mesa de trabalho, de onde já haviam sido retirados os papéis e outros objetos de escrever.

Hesse olhava-me sem dizer uma palavra, com um sorriso suave nos lábios, esperando e deixando que uma paz desconhecida se apoderasse do ambiente.

Sentia a importância do instante. Agora, ao recordar essa ocasião, percebo que aqueles foram os anos intensos da minha vida, quando a alma era ainda capaz de estremecer diante dos encontros e quando os encontros ainda existiam.

Ali estava eu, diante de um homem admirado, e para encontrar-me com ele atravessara pela primeira vez o oceano. E a acolhida que ele me dispensou foi de acordo com as circunstâncias espirituais que motivaram a peregrinação.

Pareceu-me que Hermann Hesse não tinha uma idade definida. Creio que naquele mês de junho de 1951 acabava de completar 73 anos; seu sorriso, contudo, era o de um jovem e toda sua figura parecia ter recebido uma patina das disciplinas do espírito, como se fosse uma folha de aço fino, guardada numa bacia de linho branco.

— Venho de muito longe, disse, mas o senhor é bem conhecido no meu país...

— É curioso, respondeu Hesse, o interesse que despertam meus livros junto ao público espanhol. Recebo freqüentemente cartas de leitores da América Latina. Gostaria muito que o senhor me dissesse como são as novas traduções, sobretudo a de O Jogo das Contas de Vidro.

— Pois não, disse. A edição de Narciso e Goldmund conserva o espírito e o sentido do original.

— Narciso e Goldmund representam as duas tendências contrárias da alma: a contemplação e a ação, embora algum dia elas possam unir-se...

— Entendo, acrescentei, porque vivo também dentro desse conflito, lutando entre esses dois extremos. Sonho com a paz da contemplação, mas a necessidade de viver me impele à ação exterior. Na verdade, sou agora um pouco mais Narciso. . . embora anseie por ser Goldmund. . .

— É preciso deixar-se levar com as "nuvens brancas". . . Não se deve resistir. Deus está presente, nesse destino perdido, tanto quanto naquelas montanhas e naquele lago ao longe. É difícil e árduo compreender isso. . . O homem afasta-se cada vez mais da natureza e de si mesmo. ..

— Ajudou ao senhor a sabedoria da Índia? pergunto.

— Mais do que os Upanishad e a Vedanta inspirou-me a sabedoria chinesa... O I Ching pode transformar uma vida...

Observei o entardecer. Uma tênue luz azul, ou talvez rosada, perdurava nas janelas, aureolando a figura também frágil de Hermann Hesse.

— E junto a essas montanhas cobertas de neve, encontrou o senhor a paz? perguntei.

Hesse ficou em silêncio um comprido momento, sem por isso desaparecer do seu rosto o sorriso delicado, de sorte que podia escutar o sussurro da luz, o silêncio das coisas e da tarde, até o momento em que ele interrompeu essa tranqüilidade.

— Junto à natureza é possível ouvir a voz de Deus.

Permanecemos sentados ali ainda alguns minutos, até que percebi ser hora de partir.

Hesse presenteou-me com uma pequena aquarela pintada por ele, escrevendo no dorso: "Montagnola. Lembrança." Amava a pintura e era um bom aquarelista.

Acompanhou-me em seguida até a porta; ao despedir-me, apertou-me a mão como a um velho amigo e disse:

— Se voltar uma outra vez, é possível que não me encontre mais.

Foi assim minha primeira entrevista.

Aqueles que ainda são bastante jovens para fazer as perguntas que dirigi a Hesse naquela tarde, ou como as que Sidarta fizera a Buda, compreenderão minhas impressões.

De volta às ruelas estreitas de Montagnola, não encontrei o ônibus, mas um jovem transportou-me até Lugano em sua motocicleta.

Naquela mesma noite estava em Florença, essa cidade carregada de magia renascentista.

Eram os anos do após guerra e a Itália empobrecida procurava ainda refúgio no dólar e no álcool das tropas de ocupação.

As Cidades e os Anos

MUITOS ANOS iriam transcorrer até meu próximo encontro com Hermann Hesse. Contudo, durante todo esse tempo, não deixamos de nos comunicar. Foram mensagens bem mais sutis de sua parte. É estranho e não posso deixar de me admirar com o ocorrido. Separados por anos, distância, formações culturais e continentes, uma verdadeira amizade, tecida numa tela assombrosa, foi-se criando, até se converter em algo do destino. O escritor mundialmente admirado, o Mestre, o Mágico por assim dizer, estendia sua mão idosa a um jovem desconhecido, vindo de um país pequeno, quase perdido na extremidade do mundo, e o fazia seu amigo, a ponto de dizer-lhe nos seus últimos dias: "Já não tenho amigos da minha idade, todos morreram..."

Após minha partida para a Índia, em 1953, as comunicações com Hesse se tornaram mais freqüentes, uma vez que ele sempre estivera mergulhado na antiga sabedoria hindu, que alimentara sua obra e sua alma. Comuniquei-lhe minha partida sem dizer-lhe que ia

como diplomata, porque continuava sendo para ele um peregrino, com seu cajado e seu saco nas costas, como na ocasião em que o visitara pela primeira vez em seu santuário nas alturas alpinas.

Minha vida e minha experiência na Índia encontram-se narradas no meu livro *La Serpiente dei Paraíso*. Acrescentarei agora que não passava ano sem que enviasse a Hesse alguns sinais, como os recebia também d eremita que não apreciava a prodigalidade. Às vezes eram fotografias; outras vezes, pinturas, poesias, livros.

Nossa amizade não foi, certamente, literária, mas sim mágica, sem idade, sem tempo: um encontro no meio do rio eterno das coisas.

Montagnola é uma pequena cidade construída sobre o lago de Lugano. É formada de ruas limpas e estreitas, de casas cuidadas, algumas bastante antigas, e que foram reproduzidas por Hesse em suas aquarelas de Tesino. Durante muitos anos o escritor habitou um andar num velho casarão, com parapeitos e janelas dando para um jardim verdejante e colinas ondulantes. Numa das varandas da casa escreveu *O vitimo Verão de Klingsor*, história ardente como o calor daquelas paragens.

Muitas vezes fui sentar-me sobre os degraus de pedra do jardim e admirei a varanda e os parapeitos daquele casarão, que foi construído por um dos arquitetos suíços que tomou parte, como mercenário, no exército com que Napoleão invadiu a Rússia. Após a retirada do Corso, os mercenários permaneceram para reconstruir Moscou, voltando mais tarde ricos para a Suíça e vindo a ser proprietários abastados.

Vi esta bela mansão durante o árido verão e também com seus telhados cobertos pelas neves do inverno. Os plátanos, que montam guarda no beco em frente, mostraram-me seus galhos secos e escuros, bem como suas flores primaveris.

Hesse vivia então numa outra casa mais afastada, sobre uma colina, com um grande pomar de árvores frutíferas e de hortaliças.

Foi construída especialmente para ele por um amigo que a cedeu até sua morte.

Foi nesta casa que o visitei pela primeira vez e à qual voltaria novamente muitos anos depois.

Para chegar a Montagnola, passei aquela vez por Locarno e Ascona, essas duas belíssimas cidades da Suíça italiana. Em Locarno, iria encontrar-me pela primeira vez com o professor Jung.

Era o primeiro de março de 1959. Quase oito anos haviam passado. Representava meu país na Índia, na função de embaixador. Uma nova encarnação. Sidarta voltava a encontrar-se com seu amigo, vestido de outras roupagens.

Outras vestes para o espelho de Maia, para a tela fantasmagórica da Grande Ilusão.

O automóvel que me transportava ia subindo novamente por aquelas ruelas estreitas, enfeitadas de cercas e jardins.

Ao acaso, detive-me diante de uma hospedaria. Seu proprietário era o senhor Ceccarelli; sua esposa, conhecida em casa de Hesse, telefonou para lá solicitando uma entrevista.

Hesse marcou encontro para aquela mesma tarde. Atravessei o portão cuja lembrança se conservava fixa na minha mente. E outra vez me encontrei na sala de janelas largas. Novamente estava diante do escritor, que agora tinha oitenta anos. Contudo, seu rosto era o mesmo e seu sorriso mantinha-se sempre belo, embora tocado de uma indefinível tristeza.

Apertou-me a mão e disse:

— Sim, recordo-me do senhor.

Eu me sentia diferente. Não era mais o peregrino de outrora. Os duros climas asiáticos, outras buscas esgotantes, haviam deixado em mim suas cicatrizes. O coração porém batia com emoção diante do encontro com o amigo.

A senhora Hesse entrou na sala e nos convidou para sentar-nos. Era bastante mais jovem do que o escritor, com um rosto de beleza secreta e uma voz e sorriso atenuados.

Hesse procurava certamente avivar na sua lembrança a imagem do nosso primeiro encontro.

— Como está a Índia? perguntou. Esse grande povo feito para o sofrimento. Visitei-a muitos anos atrás, em homenagem a meu avô e meu pai. Meu avô trouxe de lá uma estatueta de Krishna, o dançarino azul, que me é tão cara.. . Tive um amigo na Índia, o professor Kalidasa Nath, de Calcutá... Viverá ainda? Gostaria que o senhor averiguasse isso e se ele está vivo, dê-lhe lembranças minhas. Visitou-me uma vez, em companhia de Romain Rolland.

— Farei isso. Trouxe-lhe essas pequenas lembranças.

E entrego-lhe umas varinhas de sândalo para queimar e uma antiga miniatura do Vale de Kangra. Representa duas mulheres que caminham por uma estrada escura, sob a chuva forte da estação, atravessada por raios. Uma das mulheres apoiava-se com delicadeza no ombro da outra.

— Talvez seja a Princesa Fátima, digo, que o senhor procurava em seu livro Viagem ao Oriente.

Hesse sorriu e continuou olhando o quadro. Dirigiu-se à esposa e apontou para a mão da jovem, apoiada no ombro de sua companheira.

— Observe a ternura desta mão.

Escrevera atrás do quadro: "Para Hermann Hesse, do mundo dos símbolos."

Expliquei:

— Porque o senhor viveu seus próprios símbolos, sua própria lenda e, na sua obra, os desenvolve e repete, ampliando-os.

Sua esposa saiu um instante e voltou logo depois com uma garrafa de vinho velho. Colocou-a sobre a mesa e Hesse apoiou contra ela a miniatura, e continuou admirando-a.

— Venho de Locarno, disse, onde estive com o professor Jung. Ele interpretados símbolos, analisa-os. É curioso, mas na Índia não se dá a devida transcendência à sua obra.

— A Índia não interpreta os símbolos: vive-os. Também meu livro Sidarta levou vinte anos para chegar à Índia, seu verdadeiro lugar. Somente agora foi traduzido em hindi, bengali e outras línguas. Há na Índia uma espécie de egoísmo mental que é, contudo, sua força; ao contrário do Japão, onde as pessoas assimilam tudo o que é estrangeiro. Creio que esse egoísmo mental é necessário.

— Sim, respondi. A Índia gira em torno de suas próprias criações milenares. Os escritores hindus são exegetas de suas tradições e de seus livros sagrados, vivem mergulhados no passado, no Inconsciente Coletivo, repetindo-se a si mesmos como uma Missa. É por isso também que são sagrados, talvez eternos...

— Essa a razão porque o budismo desapareceu da Índia, continuou Hesse; era demasiado intelectual e negava o mundo dos símbolos... Mas, voltando a Jung, creio que ele tem o direito de interpretar os símbolos. E sabe por quê? Porque Jung é uma montanha imensa, um gênio extraordinário... esteve doente recentemente... Conheci-o através de um amigo comum que também se interessava pela interpretação dos símbolos. Faz alguns anos que não o vejo. Se voltar a encontrá-lo, dê-lhe lembranças do Lobo da Estepe.

E sorriu alegremente.

— Perguntei a Jung o que seria aquilo que denomina o Si-Mesmo, (N. T. — Alguns junguianos no Brasil usam a palavra inglesa "Self") e que ele associou ao Cristo. Disse-me que para o homem ocidental, Cristo é o Si-Mesmo.

Hesse interrompe seu sorriso. Fica um momento em silêncio. Volta a admirar o quadro encostado na garrafa de vinho, olha para sua esposa e diz:

— Precisamos encontrar alguma coisa para nosso amigo do Chile e da Índia.

Aproxima-se de uma das estantes repletas de livros até o teto e sobe numa pequena escada para alcançar os que se encontram no alto. Apanha um deles e desce com um salto.

Sua esposa aproxima-se dele e acaricia-lhe com ternura a cabeça, pois o escritor fez um grande esforço apesar de sua saúde precária nessa época.

A senhora Ceccarelli advertiu-me que Hesse sofria de artrite e recomendou-me não apertar sua mão com força para não machucá-lo.

Hesse estende-me um livro belíssimo, impresso com sua própria letra manuscrita, em estilo gótico, e ilustrado por ele mesmo com aquarelas que representam algo semelhante a um estado paradisíaco. O pequeno livro intitula-se *As Metamorfoses de Piktör* e está colocado dentro de um estojo parecido com uma velha caixa chinesa. Hesse escreve a seguinte dedicatória na primeira página: "Para o convidado do Chile e da Índia."

Bebemos um último copo de vinho. Levanto-me para sair; Hesse, porém, faz-me passar à sala de jantar, onde deseja mostrar-me um óleo que representa sua cidade natal, Cawl. Há ali uma ponte sobre o rio; penso que talvez tenha sido olhando suas águas que Hesse observou pela primeira vez os peixes de Goldmund e de Sidarta e viu deslizar aquela corrente que, como os rios sagrados da Índia, conduzem tudo em direção ao grande mar.

Hesse aproxima-se em seguida de um busto de pedra que está junto à parede. É sua própria cabeça executada por uma escultora amiga. Põe sua mão sobre ela.

Pergunto-lhe:

— É importante saber se existe algo além da vida?

— Não, não é importante... Morrer é como cair no Inconsciente Coletivo de Jung para então, dali, voltar uma outra, vez à forma, às formas. ..

E Hesse acaricia sua cabeça de pedra.

As Metamorfoses de Piktör

É DE NOITE na hospedaria do senhor Ceccarelli. Com a janela aberta sobre as colinas, quase à luz das estrelas, leio o pequeno livro.

O jovem Piktör entrou no Paraíso e se encontra diante de uma árvore que é ao mesmo tempo homem e mulher. Olha-a com veneração e pergunta: "És porventura a Árvore da Vida?" Quando, no entanto, em lugar da árvore, responde-lhe a Serpente, Piktör volta-se para continuar seu caminho. Observa tudo com atenção: tudo o encanta no Paraíso. Pressente claramente que se encontra na origem, na fonte da vida.

Vê outra árvore, que é agora ao mesmo tempo Sol e Lua.

E Piktör pergunta: "És porventura a Árvore da Vida?" O Sol confirmou rindo; a Lua sorriu.

Flores maravilhosas admiravam-no, flores de cores diversas, flores que tinham olhos e rostos. Algumas riam francamente, outras motejavam; algumas não riam nem se moviam, permaneciam mudas, ébrias, mergulhadas em si mesmas, envoltas no seu próprio perfume, como sufocadas. Uma flor cantou-lhe a música do lilás; outra, uma canção de ninar azul escura. Uma flor tinha os olhos como safira dura; outra recordou-lhe seu primeiro amor; uma outra, a cor do jardim da sua infância, a voz de sua mãe e seu perfume. Uma ria, outra pôs a língua de fora, uma lingüinha curva, rosada que se aproximou dele. Piktör estendeu sua língua para tocá-la. Sentiu o sabor acre e selvagem, com gosto de uva e de mel, e também como o beijo de uma mulher.

Ali, entre todas as flores, Piktör sentiu-se repleto de nostalgia e receio. Seu coração bateu fortemente, como um sino, ardendo, ansioso por algo desconhecido.

Piktör viu então um pássaro deitado na relva, brilhando de tal maneira que parecia possuir todas as cores. Piktör perguntou-lhe:

— Ó pássaro, onde se encontra a felicidade?

— A felicidade? Mas em toda a parte: na montanha e no vale, na flor e no cristal

O pássaro sacudiu alegremente suas penas, moveu o pescoço, agitou a cauda, virou um olho e permaneceu imóvel sobre a relva. Repentinamente havia-se transformado numa flor; as penas eram folhas, as patas, raízes. Piktör observou-o maravilhado.

Quase em seguida porém a flor-pássaro sacudiu suas folhas; cansara de ser flor e já não tinha raízes. Projetando-se languidamente para o alto, transformou-se em borboleta, movendo-se sem peso, toda luz.

Piktör maravilhava-se ainda mais. O alegre pássaro-borboleta voou em círculo em torno dele, brilhando como o sol; deslizou para a terra e como um floco de neve permaneceu ali, junto aos pés de Piktör. Respirou, tremeu um instante com suas asas luminosas e, repentinamente, transformou-se em cristal, de cujos cantos irradiava uma luz vermelha. Maravilhosamente brilhou entre a relva, como sinos que tocam para uma festa.

Assim brilhou a jóia.

Parecia porém que seu fim se aproximava, que a terra a atraía e a pedra preciosa foi diminuindo com rapidez, como se quisesse penetrar na relva.

Piktör, levado por um desejo imperioso, apanhou a jóia em suas mãos e a segurou. Com fervor admirou sua luz mágica; seu coração parecia transpassado de um desejo ardente por todas as aventuras.

Foi nesse instante que do galho de uma árvore morta deslizou a Serpente e lhe sussurrou no ouvido: "A jóia se transforma no que quiseres. Dize rapidamente teu desejo, antes que seja tarde."

Piktör temeu perder a oportunidade de alcançar a felicidade. Com pressa disse a palavra secreta. E transformou-se numa árvore. Porque árvore era o que Piktör sempre desejara ser. Porque as árvores são repletas de calma, força e dignidade.

Cresceu peneirando suas raízes na terra e levantando sua copa para o céu. Folhas e galhos novos surgiram do seu tronco. Estava feliz com isso. Suas raízes sedentas absorveram a água da terra, enquanto

as folhas balançavam-se no azul do céu. Insetos viviam em sua casca e, no seu pé, as lebres e o Porco-espinho encontravam abrigo.

No Paraíso, em sua volta, a maioria das coisas e dos seres se transformavam na corrente enfeitiçada das metamorfoses. Viu feras que se transformavam em pedras preciosas ou que saíam voando como pássaros radiantes. Junto dele várias árvores desapareciam subitamente: mudavam-se em rios; uma se fez crocodilo, outra foi nadando, cheia de prazer, transformada em peixe. Novas formas, novos jogos.

Elefantes transformaram suas roupagens em rochas; girafas se transformaram em flores monstruosas.

Mas ele, a Árvore-Piktor, permanecia sempre idêntica; não podia transformar-se mais.

Ao perceber isso, desapareceu sua felicidade e, pouco a pouco, começou a envelhecer, assumindo o aspecto cansado, sério e ausente que se observa em muitas árvores velhas.

Da mesma forma, os cavalos e os pássaros, os seres humanos e todas as criaturas que perderam o dom da metamorfose, decompõem-se com o tempo, perdem sua beleza, enchem-se de tristeza e de preocupação.

Certa vez, uma menina se perdeu no Paraíso. Sua pele era vermelha e seu vestido azul. Cantando e dançando, aproximou-se da Árvore-Piktor. Alguns macacos espertos riam-se alegremente atrás dela; os arbustos roçavam seu corpo com seus galhos; as árvores lançavam-lhe flores ou frutos, sem que ela percebesse. E quando a Árvore-Piktor viu a menina, foi tomada de uma desconhecida saudade, de um imenso desejo de felicidade. Sentiu como se seu sangue gritasse: "Pensa, recorda hoje tua vida inteira, descobre um sentido! Se não fizeres isso, será tarde demais e nunca mais serás feliz!"

E Piktor obedeceu. Recordou seu passado, seus anos de adulto, sua partida para o Paraíso e, sobretudo, aquele momento que precedeu sua transformação em árvore, aquele maravilhoso instante

em que aprisionara a jóia mágica entre suas mãos. Naquele momento, como todas as metamorfoses eram possíveis, a vida palpitava poderosamente dentro dele.

Lembrou-se do pássaro que havia rido e da árvore Sol e Lua. Pareceu-lhe que naquela ocasião esquecera algo, deixara de fazer alguma coisa e que o conselho da Serpente fora fatal.

A menina escutou o ulular das folhas da Árvore-Piktor, seus galhos murmurantes. Olhou para o alto e sentiu uma dor no coração. Pensamentos, desejos e sonhos desconhecidos agitaram-na. Atraída por essas forças, sentou-se à sombra dos seus galhos. Pensou compreender que a árvore era solitária e triste, ao mesmo tempo em que emocionante e nobre em seu isolamento total. Embriagadora soava a canção dos galhos murmurantes. A menina apoiou-se contra o tronco áspero, sentiu-se comovida e um tremor a percorreu. Sobre o céu da sua alma passaram nuvens. Lentamente caíram dos seus olhos lágrimas pesadas. O que seria aquilo? Por que deveria sofrer? Por que o coração desejava romper de seu peito, ansiando por alguma coisa além, por aquilo, a beleza solitária?

A Árvore-Piktor tremeu em suas raízes e com veemência acumulou todas as forças de sua vida, dirigindo-as para a menina num desejo de unir-se a ela para sempre. Ah, deixara-se enganar pela Serpente e era agora apenas uma árvore! Quão cego e estúpido fora! Tão estranho para ele fora assim o segredo da vida? Não, porque então teria pressentido obscuramente alguma coisa! E com enorme tristeza lembrou-se da árvore que era homem e mulher.

Foi então que um pássaro se aproximou voando em círculos, um pássaro vermelho e verde. A menina viu-o chegar. Algo caiu do seu bico. Luminoso como um raio, vermelho como o sangue ou como a brasa, precipitando-se sobre a relva, iluminando-a. A menina inclinou-se para apanhá-lo. Era um carbúnculo, uma pedra preciosa. Mal segurou a pedra nas mãos, cumpriu-se o desejo que seu coração suspirava. Extasiada, uniu-se e fez-se uma com a árvore,

transformando-se num forte galho verde, que cresceu com rapidez até o céu.

Agora tudo estava perfeito e o mundo estava em ordem.

Somente naquele instante fora encontrado o Paraíso. Piktör não era mais uma árvore velha e preocupada. E por isso cantou alto, com força: "Piktória! Vitória!" Havia se transformado, mas alcançara a verdade na eterna metamorfose; porque, de metade, transformara-se em algo inteiro.

De agora em diante poderia transformar-se tanto quanto desejasse.

Para sempre correu pelo seu sangue a corrente enfeitiçada da Criação, tomando parte assim, eternamente, na criação que a cada instante se renovava. Foi veado, peixe, homem e serpente, nuvem e pássaro; mas em cada forma estava inteiro, em cada imagem era um par, dentro de si tinha o Sol e a Lua, era homem e mulher. Como rio gêmeo corria pelos países; como estrela dupla, atravessava o céu.

À medida que naquela noite suave de Montagnola terminava a leitura d livro e observava seus desenhos, cujas cores refletiam realmente um estado de volta ao início das coisas, meditava numa frase que Hesse escrevera outrora:

"A alguns homens, numa idade avançada, é dada a graça de voltar a experimentar os estados paradisíacos da infância."

Naqueles desenhos, daquela história ingênua e, ao mesmo tempo, profunda. Era realmente uma visão do Paraíso recuperado.

E, enquanto me embriagava com o perfume das magnólias abertas no jardim daquela hospedaria de montanha, e com aquele outro perfume do Paraíso, voltava a ver, com uma nitidez de insônia, a mão de Hermann Hesse sobre seu busto de pedra e escutava suas palavras, em harmonia com a história que acabara de ler: "Voltaremos à forma, às formas..."

Manhã

LEVANTEI-ME cedo e fui ao jardim observar do alto o lago de Lugano, iluminado pelos primeiros raios do sol. Lentamente caminhei pelas ruas estreitas até encontrar-me novamente próximo à antiga casa de Hesse. Os plátanos escuros estendiam seus galhos sem folhas.

Com a manhã avançada, dirigi-me pelo caminho que passava em frente à casa de campo, ocupada pelo escritor. Com surpresa, vi que Hesse se encontrava no pomar, junto à cerca, coberto com um chapéu de abas largas e fazendo uma fogueira de capim seco. Ele me viu e foi abrir a porta do pomar.

— Bom dia, disse, estendendo-me a mão.

Respondi a sua saudação mostrando-lhe o livro *As Metamorfoses de Píktor*, que levava comigo.

Segurou-o e apontou-me alguns desenhos, sorrindo como um menino.

— São maravilhosos, exclamei.

— São cristais, pássaros, borboletas, tudo isso durante um instante, como na Criação.

— E Píktor? perguntei.

— Píktor contém todos, é tudo isso e algo mais. . .

— É o rio de Sidarta, disse, o rio eterno das formas, Maia.

— E também o Lobo da Estepe, acrescentou Hesse. Há pessoas que não podem entender que tenha escrito Sidarta e ao mesmo tempo O Lobo da Estepe. . . E, no entanto, ambos se complementam, são os dois extremos da vida entre os quais os homens se movem. . .

Hesse fez uma pausa. Devolveu-me *As Metamorfoses de Píktor* e disse alto para si mesmo:

— Ontem, quando o senhor me visitou, era o aniversário do meu filho. Fazia cinquenta anos. . .

Assim terminou nosso encontro.

Parti seguindo o caminho que subia pelo morro. Cheguei a uma clareira e deixei-me cair sobre a erva seca, perto de algumas árvores.

Segurei algumas folhas na mão e procurei encontrar ali a pedra da metamorfose. Mas não consegui. Voltei pelo mesmo caminho. Hermann Hesse encontrava-se ainda no seu jardim queimando o capim. Envolto em fumaça, parecia o oficiante de um antigo ritual. Sentei-me sobre uma pedra. Ele não podia me ver agora e observei-o um bom momento. Do alto da casa desceu então uma pessoa e, à medida que se aproximava, reconheci ser sua esposa.

Carregava uma cesta no ombro e alisava com cuidado seus cabelos grisalhos. Compreendi que gesto tinha por finalidade agradar a Hesse e senti uma certa vergonha de havê-lo surpreendido. Era comovente pensar que aquela mulher madura desejava ver-se bela para o homem de oitenta anos. A união entre eles devia ser profundamente espiritual e terna. Levantei-me para partir. Vi ainda como subiam juntos pelo caminho do pomar; ela ia adiante e ele atrás, recolhendo as ervas daninhas e colocando-as dentro do cesto.

Imaginei que assim tinham vivido os sábios chineses da antigüidade. Na verdade, Hesse parecia um mestre chinês e também uma sábia árvore.

Ao passar em frente à casa, ele me viu novamente. Voltou-se e tirando o chapéu de abas largas acenou-o num gesto de adeus.

O Mestre Dyu-Dschi

VOLTEI a Montagnola para levar a Hesse um dos primeiros exemplares do meu livro *Los visitas de la reina de Sabá*, escrito na Índia e prefaciado pelo doutor Jung.

Foi no domingo, 22 de janeiro de 1961. Era inverno na Europa. A neve cobria agora o lugarejo. Como sempre, fui primeiro contemplar o velho casarão e vi os plátanos recobertos de mantos brancos, com seus galhos pelados. Penetrei pelo corredor até o terraço que levava ao jardim; tudo ali estava coberto pela neve. Era impossível agora lembrar a primavera de Tesino.

Lentamente, caminhei até a colina onde se encontrava a casa de Hesse.

Caminhava com dificuldade pelo caminho íngreme, quando ouvi o ruído de um automóvel. Afastei-me da estrada para deixá-lo passar, mas o carro se deteve e uma mão me fez sinal. Era Hesse. Sua esposa dirigia. A porta do carro abriu-se para eu entrar.

— Venho da cidade, disse Hesse; fui comprar isso para o senhor.

E me estendeu um exemplar do Neue Züricher Zeitung.

No suplemento dominical fora publicada uma poesia sua.

— Com esta poesia responderei a todas as consultas que o senhor poderá fazer-me hoje, disse em seguida.

Chegamos em casa quase imediatamente e passamos à sala familiar.

Hesse e eu nos sentamos. Parecia um pouco mais magro que há dois anos atrás. Segurou o jornal e começou a ler a poesia:

O DEDO LEVANTADO

*O Mestre Dyu-Dschi era— conforme nos contam —
de maneiras caladas, suave e tão modesto,
que renunciou às palavras e aos ensinamentos
porque a palavra é aparência
e evitar qualquer aparência
era sua preocupação.*

*Quando os alunos, os monges e noviços
apreciavam brilhar em conversas elevadas
com ditos espirituais sobre o supremo anseio,
sobre o porquê do mundo, ele os observava em silêncio
evitando qualquer exagero.*

*E quando lhe perguntavam,
vaidosos ou sérios,
sobre o significado das escrituras antigas,
sobre o nome de Buda, a iluminação,*

*o princípio e o fim do mundo, permanecia
em silêncio e, lentamente, apontava apenas
com o dedo levantado para o alto.
E com sinal mudo, convincente,
foi-se tornando cada vez mais terno:
advertiu, ensinou, elogiou, castigou, indicou
de maneira tão própria o coração do mundo
e da verdade que, com os anos,
mais de um discípulo compreendeu o delicado
levantar do seu dedo,
despertou e estremeceu.*

Via Hesse com seu dedo levantado e permaneci em silêncio observando os flocos de neve que, suavemente, caíam junto às janelas. Foi ele quem rompeu o silêncio:

— As palavras são uma máscara que raramente expressam de maneira correta o que está por trás; antes, encobrem. A inteligência não é o que importa, mas sim a imaginação. Os que são capazes de viver na fantasia não necessitam de religião. É com a fantasia que se pode compreender que o homem volta ao Universo. Repito agora que não importa saber se existe algo além desta vida. O que conta é ter realizado o trabalho certo. Dessa forma tudo estará bem. O Universo, para mim, significa o que Deus é para os outros. O Universo, a Natureza. Não devemos tomá-los como inimigos, mas antes como uma mãe e abandonar-nos pacificamente à Natureza, com amor. Então sabemos, sentimos, que o indivíduo volta ao Universo, como todas as coisas, como os animais, como as plantas. Somos unicamente partes infinitesimais do Todo, do Universo. É um absurdo revoltar-se. Há que se entregar à grande corrente, como a uma mãe. . .

— E a persona? pergunto. Ela resiste. No Oriente não se encontra a persona tal como a concebe o cristianismo. A persona é um produto do cristianismo, tal como o amor, um subproduto da

persona. Sem persona não existe amor; pelo menos, não existe a loucura do amor.

Hesse concorda que a persona seja um produto do ocidente cristão.

Continuo:

— Também a beleza, o conceito da beleza individualizada, é um produto da persona. A beleza do gesto, da atitude de uma vida pessoal, também é, como são as ruas, as praças, as catedrais e as cidades do Ocidente. A natureza também é bela, mas de maneira diferente. Os templos e os monumentos do Oriente são belos, mas como o são uma cachoeira ou uma floresta, de maneira impessoal. Conheço alguns Swamis que se mostraram frios diante da beleza de Florença. É que para o Oriente a persona ainda não surgiu, o pessoal ainda não foi compreendido, como tampouco o amor no sentido cristão ocidental. Evidentemente não se trata de uma crítica e se o fosse poderia aplicar-se de certa maneira ao Ocidente, já que ninguém sabe se a persona não seria antes uma doença, ou o próprio mal. . .

Detenho-me e penso no que Hesse disse certa vez sobre o seu livro Sidarta e como somente entrou na Índia após vinte anos de sua publicação. Ainda hoje é um livro que os hindus ortodoxos consideram "artificial", um produto de especulações cristãs-ocidentais sobre verdades do Oriente. O drama de Sidarta é o drama da alma individualizada, a busca de uma saída para a persona; e os atos de consciência que Sidarta executa na metade e no fim de sua vida são resultados da presença constante da razão.

— É curioso, digo, como os hindus continuam dando volta em torno de seus Vedas, de sua Bagavat Gita. Não criam nada de novo. Até mesmo os pintores abstratos modernos terminam interpretando o Ramaiana.

— Mas isso eu considero algo bom; aí está a força do hinduísmo. Continua seguindo uma única linha; trata-se da concentração, em oposição à dispersão. Não se esqueça: o que muito

quer. .. Por outro lado, se os hindus lêem pouco, isso se deve a que os ingleses não lhes forneceram traduções do pensamento europeu e universal. Creio ver no que o senhor diz um desejo oculto de defender o Ocidente e isto porque o Ocidente é quem está perdendo hoje, enquanto o Oriente se levanta outra vez. É impossível não sentir simpatia pelos fracos.

— Não, não é isso. Por que seria? Não sinto simpatia pelo Ocidente; pelo menos não sinto maior do que pelo Oriente. Não pertenco nem a um nem a outro e, como sul-americano, estou melhor entre ambos. ..

Hesse levanta um dedo, como o Mestre Dyu-Dschi. . .

— Não se esqueça, diz, a máscara das palavras. . .

A senhora Hesse entra e nos convida a passar à sala de almoço. A sala está banhada de luz. Na parede está pendurada a pintura de Cawl, a cidade natal do escritor.

A senhora Elsy Bodmer também foi convidada, viúva do proprietário da casa, o amigo de Hesse.

Hesse me informa que o almoço será servido à maneira hindu.

— Quando era menino, em nossa casa em Cawl, havia sempre curry aos domingos e os meninos das colônias almoçavam conosco. Meu avô e meu pai estiveram na Índia. Graças a eles aprendi a amar Krishna.

Hesse serve o vinho de Tesino e levanta um brinde. Um raio de sol frio bate sobre o cristal dos copos, criando uma alquimia de cores matinais. Repouso minhas mãos sobre a mesa e observo a cena com serenidade. No outro extremo da mesa encontra-se Hesse, com o copo levantado, iluminado pela luz branca do inverno, com seus olhos muito azuis, como se estivesse em meditação.

— Por que estou aqui? digo, dirigindo as palavras lentamente para Hesse. Por que tenho a felicidade de encontrar-me em sua casa, comendo em sua companhia, vindo de tão longe?

Hesse conserva seu semblante hierático e sem sair da luz invernal que o envolve, responde:

— Nada sucede por casualidade; aqui só se encontram os convidados certos: é o Círculo Hermético. . .

Compreendo que suas palavras atravessaram desta vez a casca, penetraram no centro, ou foram extraídas da região que somente os símbolos alcançam.

Hesse dava agora um significado às minhas peregrinações e voltas, falando como Sidarta fizera certa vez a Govinda.

Permaneci calado, pois me pareceu que, no interior da luz, o Mestre Dyu-Dschi repetia seu gesto.

Uma Carta

DE VOLTA à Índia enviei a Hesse a seguinte carta:

"Querido senhor Hesse:

Desejo agradecer-lhe aquele domingo e o privilégio de pertencer ao Círculo Hermético, o que é equivalente a ser membro da Ordem da Viagem ao Oriente. Em verdade, sinto-me membro desta Ordem sem espaço e sem tempo, e dizia isso ao doutor Jung em Kusnacht quando lhe repetia suas palavras sobre os "convidados certos". Talvez seja por essa mesma razão que ele escreveu o prefácio para meu livro, uma vez que ele também é um dos mestres da Viagem ao Oriente. Procuro unicamente continuar essa viagem, sendo apenas uma ponte de contato (n caso, entre a América do Sul, a Europa e a Ásia), tal como me revelou o I Ching outro dia.

De volta à Índia, tornei a ler seu poema sobre o Mestre Dyu-Dschi e compreendo bem seu significado. O senhor disse que as palavras eram uma máscara. É verdade: mas é certo também que sob o diálogo das palavras há um outro diálogo de águas profundas, e é o que importa e é o que devemos ouvir.

Transmiti ao professor Jung os cumprimentos do Lobo da Estepe. Sorriu e me perguntou pelo senhor. Conversamos de muitas coisas e também ele pôde fazer o gesto do Mestre Dyu-Dschi. . ."

O Último Encontro

O LIVRO de Hesse, *Viagem ao Oriente*, é a história de uma festa que o autor dedica a si mesmo, a seus personagens, seus ídolos e seus mitos. Uma festa com sua própria alma, que ocorre talvez na metade de sua vida, em meio a uma busca ou a uma peregrinação até o Oriente (de onde vem a luz), fazendo parte de uma ordem de peregrinos, que são os Peregrinos do Oriente. A busca estende-se por montanhas e por vales, talvez nos Alpes, mas é mais provável que se realize nos despenhadeiros e paisagens interiores da alma do autor. O Oriente é a pátria da alma, a juventude da luz.

Os peregrinos procuravam coisas impossíveis. Um deles pretendia encontrar a Serpente Kundalini; Hesse procurava a Princesa Fátima. Entre os peregrinos encontrava-se um chamado Leo, o Servo, que ajudava os demais. A grande festa dos símbolos realiza-se em Bremgarten, com luzes, cantos e recordações. Ali, todos se encontram presentes: está don Quixote, Holderlin, o poeta preferido de Hesse, Hoffmann, Henrique de Ofterdingen e também os personagens dos seus livros, o Lobo da Estepe, Demian, Pablo, o músico, Klingsor, o pintor, Narciso, Goldmund, Sidarta e Govinda, todos aqueles nos quais Hesse se reencarnou em sua longa existência.

Mas algo acontece, algo trágico. Leo, o Servo, desaparece, abandona-os e, assim, a *Viagem ao Oriente* é interrompida. Os amigos se dispersam, a Ordem se desfaz. Quem é Leo, que apenas com seu desaparecimento provoca esta catástrofe? Hesse não tornará a vê-lo a não ser bem mais tarde, Leo reaparece em sua obra talvez como José Knecht, o Grande Mestre de *O Jogo das Contas de Vidro* (livro que Hesse dedicara aos Peregrinos do Oriente), esse Papa de uma ordem leiga. Knecht significa em alemão "servo". O livro *Viagem ao Oriente* termina com um símbolo curioso, o encontro de uma estatueta num arquivo mágico.

Essa figura é o Andrógino, Ardhanarisvara. Mas antes foi preciso passar por várias provações, entre elas a do cão Necker e o reencontro com Leo, o Servo.

De toda a obra de Hesse, a Viagem ao Oriente é a mais hermética. Nunca procurei interpretá-la, preferindo senti-la em sua beleza sutil, especialmente em sua primeira parte.

Na minha última entrevista com Hesse, perguntei-lhe sobre a Viagem ao Oriente, sobre Leo e o cão Necker.

Foi no sábado 6 do maio de 1931. Não havia deixado passar muito tempo sem visitar Hesse. Levava comigo duas caixinhas de prata lavrada, de Cachemira, engastadas com turquesas. Uma era para Hesse; a outra, para o professor Jung.

— Venho de Florença, digo; fui lá unicamente para ver na Galleria Uffizi, o quadro de Leonardo "A Anunciação". Permaneci ali perto de uma hora, admirando-o.

— O que o interessa especialmente nessa pintura?

— Vou tentar explicar-lhe. Em Leonardo existe algo como na sua obra, uma mensagem a ser compreendida, sem ser decifrada, como na Viagem ao Oriente, por exemplo... "A Anunciação" está envolta em vibrações. As asas do anjo tremem no ar, especialmente os dedos de sua mão direita, fazendo o sinal. Destes dedos alguma coisa se transmite à Virgem e aos demais mortais, mas a advertência hipnótica está sendo praticada com o olhar. Quase me atreveria a dizer que o anjo terrível faz entrega do Cristo à Virgem com o olhar; ele a transpassa, a engravida. Ela, assustada, infantil, recebe a mensagem e a advertência em sua doce mão esquerda, enquanto apóia a direita sobre o texto sagrado, as profecias e o Destino. Por isso ela diz: "Estava escrito."

último detalhe, porém, é apenas um virtuosismo de Leonardo para satisfazer a Igreja, diria eu. A verdade é que a Virgem está surpreendida e somente aceita tudo isso porque está hipnotizada, possuída pelo Anjo e nunca mais voltará a ser o que era. . . No fundo do quadro aparece aquela paisagem leonardesca de sonho, de

Inconsciente, de onde tudo vem, o mistério, o Destino, Cristo e o próprio Anjo. . .

Hesse escutou com atenção.

— Leonardo foi um gênio universal e sua pintura é mágica, diz. A maioria das pessoas só compreende o que apalpa com os sentidos, mas não o que está por trás, o que é inatingível. A magia, a arte mágica expressa isso. . . Existe também um outro tipo de arte, o evocativo. . .

— Demian e sua Viagem ao Oriente encontram-se nessa linha mágica... A propósito, quem é Leo?

Hesse olha pela' janela aberta, pela qual entra um gato miando. Ele passa a mão nas costas do gato e diz:

— Leo é alguém que sabe conversar com os animais... com o cachorro Necker, por exemplo.. . Um amigo meu tinha um cachorro que foi obrigado a dar. Levaram o cachorro a cinquenta quilômetros de sua casa. O cachorro fugiu e voltou, encontrando o caminho, a trilha. Isso também é mágico. . .

— Tive um cachorro na Antártida, há muitos anos, digo, e o perdi entre as geleiras... Voltando a Leonardo, que compositor, na sua opinião, aproxima-me dele na música? Qual seria um músico mágico?

— Bach, responde Hesse, especialmente em sua Missa e nas Paixões segundo São Mateus e São João. São obras mágicas. Toda vez que podia, viajava a Zurique quando davam ali essas obras.

— Sim, existe em Bach, sobretudo em sua Missa, uma repetição ou novas elaborações dos motivos usados por ele durante toda a sua vida. Volta sempre aos próprios mitos, às lendas de sua vida e de sua obra, como fizera Leonardo e como o senhor faz hoje. . . Isso é mágica. . .

Hesse levanta-se e se aproxima de sua biblioteca.

— Escreveu alguma" coisa após O Jogo das Contas de Vidro? — pergunto.

— Evocações. O trabalho do poeta consiste também em evocar, reviver o passado, o efêmero. .. Esta é uma parte do trabalho do poeta.

Mostra-me em seguida uma tradução em italiano de algumas páginas suas.

— Por fim os italianos me traduzem. E dizer que vivo na parte italiana da Suíça! Em compensação, a editora espanhola Aguilar está publicando minhas obras completas.

Peço-lhe que as veja e me diga se são fiéis. Também na Alemanha estamos em plena invasão de traduções de escritores de língua espanhola.

E Hesse me estende uma edição alemã do escritor venezuelano Rómulo Gallegos.

Antes de despedir-me naquela tarde, conversamos sobre alguns escritores. Pergunto-lhe se conheceu Rilke.

— Não o conheci, diz. A propósito de traduções, creio que Rilke é melhor compreendido numa tradução.

— E Keyserling, o senhor o conheceu?

— Sim, era um homem extraordinário, imenso, poderoso, capaz de mugir como um touro.

E Hesse tenta imitar o mugido.

— E Gustav Meyrink, como era?

— Conheci bem Meyrink. Interessou-se seriamente pela mágica e a praticou. Nos momentos de maior perigo podia concentrar-se sobre o coração, conservando sua calma inalterada. Era um homem dotado de um agudo sentido de humor. Certa vez, no meio de uma sessão espírita, justamente quando deveria aparecer o visitante do além, Meyrink acendeu um fósforo para vê-lo, pondo fim à sessão, evidentemente. Meyrink esteve vacilando entre as fronteiras da magia branca e da negra.

Ao despedir-me naquela tarde, a senhora Hesse convidou-me para almoçar no dia seguinte.

Domingo, 7 de Maio de 1961

CHEGO CEDO no domingo e, na mesma sala, continuamos a conversa da tarde anterior.

— Koestler escreveu um livro sobre o Oriente, a Índia e o Japão: O Lótus e O Robô. Critica duramente o escritor Suzuki.

— Pode estar certo que Suzuki não perderá o sono por isso. Ele não se deixa tocar.

Não se deixa tocar. Lembro a história que contam de Jesus. Ia pelas ruas de Jerusalém com a intenção de curar uma mulher enferma; parando subitamente exclama: "Quem me tocou no manto, fazendo-me perder a capacidade de curar?"

— Estive com Koestler na Índia quando procurava motivos para seu livro. Convidei-o a jantar na minha casa em Nova Deli e depois fomos visitar uma mística sufi, a Irmã Raihana. Lia o passado nas costas da mão. Disse a Koestler que na sua encarnação anterior ele fora capelão do exército.

— O senhor está escrevendo alguma coisa no momento? perguntou Hesse.

— Faz cinco anos que trabalho numa obra sobre minhas experiências na Índia, uma busca entre dois mundos. Talvez não devesse escrevê-la.

— Já pensou no título?

— Sim, o título ocorreu-me contemplando as ruínas de Angkor, no Camboja. A estrada que leva aos grandes templos está cercada por cordões de serpentes de pedra. E o mesmo acontece no caminho que conduz à libertação. A Serpente Kundalini, procurada em sua Viagem ao Oriente, enrosca-se na base da coluna vertebral, que deve ser a Árvore do Paraíso. A verdade é que meu livro tratará da Serpente e da Árvore. E seu título será por isso "La Serpiente dei Paraíso". Trata-se de uma viagem simbólica, subjetiva, como a sua ao Oriente. . . Interessei-me especialmente pelo voga, esta ciência que trata de Kundalini, a Serpente. . .

Hesse diz:

— Kundalini é o conhecimento. O yoga procura levantar o animal a um plano superior; como a alquimia, sublima. É uma técnica antiga, arcaica.

— Já praticou o yoga? pergunto.

— Unicamente o yoga da respiração, tempos atrás, embora seguisse de preferência o caminho do yoga chinês ao hindu. É muito difícil e até mesmo perigoso caminhar por estas estradas no Ocidente, onde não existe um clima apropriado para práticas que necessitam de uma solidão completa e de um ambiente como o que só se encontra na Índia. Aqui estamos demasiado presos às novidades. Somente na Índia se pode praticar o verdadeiro yoga.

Não estou convencido do que diz Hesse. Em Montagnola ele vive num retiro quase completo, nas alturas e belas solidões. Eu pratiquei a concentração nas montanhas dos Andes e até mesmo em hotéis e ruas de cidades populosas.

— A mente, digo, é como um rádio: emite e recebe, em qualquer lugar que se encontre, nas grandes alturas ou nas profundezas. Existe por sua vez uma mente coletiva que recebe essas ondas. Não creio que a ação exterior, social, ou o contato físico sejam imprescindíveis para produzir os efeitos que se deseja; pelo contrário... Em Benares, a cidade santa, alguns brâmanes solitários estão concentrados, repetindo fórmulas mágicas, antigos mantrams para garantir a paz no mundo. . . Talvez eles possam mais do que as Nações Unidas. . . Sim, a mente é como um rádio. . .

Hesse diz:

— O assunto é mais complicado, mais sutil. Somente na Índia existe hoje um meio prático e sábio para esse tipo de vida. Aqui, entre nós, unicamente em alguns conventos católicos. . . Talvez aí seja possível viver essa vida; mas eu me encontro numa outra linha. . .

— Na dos beneditinos?

Hesse balança a cabeça afirmativamente.

— E o que acontecerá no futuro com as viagens interplanetárias, com os foguetes espaciais, com os sputniks e com a super técnica? Poderá o homem continuar preocupando-se com os problemas do espírito e da salvação?

— Ah! — exclamou Hesse. — Dentro de cinqüenta anos a Terra será um cemitério de máquinas e o interior do homem espacial, dos pilotos dos sputniks, será a cabine de seu próprio veículo!

O almoço estava servido. Passamos à sala de jantar.

Encontrava-se ali a filha de Hugo Bali, o primeiro biógrafo de Hesse e o autor de O Cristianismo Bizantino. Hesse manteve com a mãe da convidada uma correspondência muito interessante, que foi publicada num belo livro.

Observo outra vez a pintura de Calw — a pequena cidade, a velha ponte, o rio — e tomo o propósito de visitar algum dia esta cidade alemã sobre a qual Hesse escreveu algumas belas páginas. Hesse volta cada vez mais às emoções de seus anos juvenis (porque "a alguns eleitos é dado voltar a experimentar em seus anos avançados essas emoções próximas ao Paraíso que se viveram na infância".)

A senhora Hesse diz:

— Sempre me agradaram as serpentes.

No fundo, na outra extremidade da mesa, hierático, destacando-se contra seu busto de pedra, está Hermann Hesse. Seu sorriso de ancião-menino, de volta do Paraíso, foi conquistado na luta leal com sua alma e mediante o amor apaixonado pela natureza. Hesse levanta um copo cheio de vinho tinto de Tesino e diz em espanhol:

— Salud!

Essa é a última imagem que conservo dele.

Últimas Mensagens

DEPOIS DESSE encontro com Hesse, fui visitar o professor Jung. Encontrava-se então muito doente e foi essa também a última visita que lhe fiz. Recebi a notícia do seu falecimento em Nova Deli. Profundamente comovido, escrevi a Hermann Hesse a seguinte carta:

"Nova Deli, 8 de dezembro de 1961.

Querido senhor Hesse:

Quando parti de Lugano, fui visitar o doutor Jung. Recebeu-me em seu escritório, junto a uma janela que dava para o lago. Uma luz especial o envolvia, a luz do entardecer. Estava sentado e vestido com um quimono de cerimônia japonês, parecendo um monge zen ou um antigo mago.

O doutor Jung encontrava-se muito cansado aquele dia, pois havia trabalhado intensamente num artigo de oitenta páginas manuscritas para uma publicação norte-americana, intitulado "o Homem e Seus Mitos", que deverá ser publicado, segundo creio, no próximo ano.

Algo me fez sentir que aquela era uma despedida. Uma doce e profunda despedida.

Penso agora constantemente no doutor Jung.

É o mistério do "Círculo Hermético". Teremos, porventura, nos encontrado em outras vidas? Por que os senhores foram tão atenciosos comigo? Teremos caminhado juntos, antes, por outras estradas? Voltaremos a nos encontrar? Quando? Onde?

Penso muito no doutor Jung, esse grande espírito, e no senhor. E na relação que para mim existe entre o senhor, ele e eu. Toda vez que o visitava, ia também vê-lo. Pouco tempo atrás, transmiti a ele suas lembranças.

"Com todo afeto, seu."

No dia 29 de julho de 1961, o jornal suíço Neue Ziiricher Zeitung publicou uma edição especial em homenagem ao doutor Jung. Enviei uma crônica intitulada "Meu Último Encontro com o Doutor Jung", que seria pouco depois publicada em espanhol, em diferentes revistas, e

em inglês, na Índia. O jornal suíço a incluiu na sua edição comemorativa. Para minha grande surpresa fui encontrar publicada, na mesma página em que apareceu minha crônica, a carta que escrevera a Hesse. Ele mesmo deu-me a explicação na seguinte carta:

"Querido amigo:

Com Jung eu também perdi algo insubstituível. Morreu recentemente, com a idade de noventa e quatro anos, o mais antigo dos meus amigos, o artista Kuno Amiet. Penso que agora só me restam amigos que são mais jovens do que eu.

Devo confessar-lhe algo: sabia que o Nene Züricher Zeitung estava preparando uma página em memória de Jung. Não me encontrando bem de saúde, foi-me impossível escrever alguma coisa, e tomei por isso a liberdade de enviar sua carta escrita na ocasião da morte de Jung. Assumi a responsabilidade da publicação e espero que não lhe pareça mal. . .

Hermann Hesse"

D modo, e em conseqüência da morte de um dos Peregrinos do Oriente, o maior de todos talvez, cumpria-se gesto simbólico. O Mestre de Montagnola movera delicadamente sua mão para levantar apenas o véu do mistério.

Minha Partida da Índia

APÓS UMA PERMANÊNCIA na Índia de quase dez anos, chegara o momento de partir.

Vivi submerso nessa cultura e mundo dionisíacos, apalpei suas essências com ambas as mãos, dissolvi-me nessa atmosfera fantasmática na qual o tempo é um rio infinito, cósmico, que arrasta as folhas efêmeras e afoga tudo o que é perecível, também a persona, delicada flor do cristianismo, do Ocidente fáustico e extrovertido.

Entretanto, desejoso de alcançar o fundo das águas profundas, pela lei da inércia, encontrei-me um dia, naturalmente, na superfície, descobrindo então que era diferente, que ainda mesmo depois de viver como um hindu, não o era na realidade; tampouco era um ocidental. Estava agora entre dois mundos. é o drama do sul-americano, que só pode participar de um modo relativo de ambos os universos, do Oriente e do Ocidente, mas que se esforça em descobrir-se a si mesmo em seu peregrinar.

Meu governo nomeou-me embaixador na Iugoslávia. O Chile mantém uma tradição que favorece os escritores e os pesquisadores, os peregrinos.

Naqueles dias escrevi a Hesse dizendo-lhe: "Agora estarei fisicamente mais próximo do senhor".

Mais próximo? O escritor caminhava para seu fim.

Antes de estabelecer-me em Belgrado, passei pela Espanha. Ali procurei a edição Aguilar das Obras Completas de Hesse, a fim de poder informá-lo sobre a tradução. Viajava com meu filho mais velho. Passamos pelo lago de Garda, na Itália, nos arredores de Montagnola. Meu filho, que desde pequeno ouvira falar em Hermann Hesse, desejava conhecê-lo. Algo sucedeu que nos impediu de cumprir o desejado.

Já em Belgrado, procurava um jornal que fosse escrito numa outra língua que não a local, incompreensível para mim. Encontrei o The Times, de Londres; um número atrasado. E ali, juntamente com a fotografia de Hermann, aparecia a notícia de sua morte.

Senti uma profunda tristeza. Sua lembrança me perseguira nas últimas semanas. Todo aquele dia e o seguinte permaneci em casa, meditando, concentrado na imagem do amigo morto.

Pouco depois, meu filho teve que partir. Acompanhei-o até Zurique e juntos fizemos a última peregrinação a Montagnola, para visitar a viúva de Hesse.

Ainda uma vez visitei Montagnola, talvez pela última vez. E o "Albergo Bellavista" do senhor Ceccarelli. Mostrei a meu filho o velho

casarão e dali caminhamos para a casa que o poeta habitara até o fim. Ninon de Hesse nos recebeu na biblioteca. Estava vestida de preto e em seu rosto adivinhava-se a concentração profunda de todo o seu ser. Aquela bela mulher, possuidora de um sorriso estranho, encontrava-se agora profundamente abatida. Uma vida de muitos anos, de estudos, de cuidados, de arte, de música e de natureza, em companhia de Hesse, chegava também ao fim.

Sentamo-nos juntos e permanecemos um longo momento em silêncio. Foi ela quem o interrompeu:

— Quando o senhor chegou aqui pela primeira vez, anos atrás, eu tinha sido picada por uma abelha e não estive presente ao seu encontro com Hesse. Ele me disse depois:

"Hoje visitou-me alguém que conheço e que é meu amigo, um jovem do Chile. . Hesse estimava-o muito. Uma amizade boa e profunda existiu entre os dois. . .

— A senhora não sabe quanto sinto não ter vindo uma semana antes; meu filho desejava conhecer Hermann Hesse. ..

— Sua morte foi repentina. E foi melhor assim. Estava muito doente e há seis anos sofria de leucemia. Ele não sabia; mas algumas vezes sua exaltação diante da natureza, diante do crepúsculo ou de uma noite de luar, deixava ver que era a vida que se despedia da Vida. . . Havia nele um pressentimento, um instinto de que se aproximava do fim. Trabalhava, desde alguns dias, em uma poesia. Somente terminou-a na noite de sua morte. E deixou-a para mim em cima de sua cama. Encontrei-a ali. Ao amanhecer, quando entrei em seu quarto, estava morto. Morreu durante o sono. Seu poema é dedicado a uma velha árvore que não sabe se chegará a ver a próxima estação. . .

Ninon de Hesse presenteou-me então com uma cópia do poema.

A senhora Elsy Bodmer, que viera passar o dia com a senhora Hesse, entrou na sala. Sentou-se ao lado da amiga sem dizer uma

palavra. Na janela aparece o gato. A senhora Hesse olha para ele com olhos penetrantes.

— Ele procura Hermann por toda a casa, diz, procura-o de dia e de noite. Como eu, sente aqui sua presença. . . Sabem, uma coisa bela aconteceu. Por uma casualidade, embora talvez não seja, no dia da morte de Hesse encontrava-se em férias na Suíça, em Seis Engadin, o pastor Voelter, amigo de infância de Hesse. Costumavam discutir longamente sobre Lutero, de quem Hesse não gostava. Voelter veio a Montagnola para o enterro de Hermann e pronunciou um sermão junto à sua sepultura. Foi comovente ver ali aquela figura alta e magra realizando uma cerimônia a que estava predestinado por uma longa vida de união na amizade.

Ninon de Hesse não sabia então se permaneceria em Montagnola, na casa solitária, acompanhada apenas por sua antiga cozinheira e pelo gato tristonho.

Dirigindo o olhar para as estantes cobertas de livros, apontou para um desenho a cores: um pássaro levantava vôo para as alturas.

— Esse desenho foi mandado a Hesse algumas semanas antes de sua morte, para seu aniversário. Ficou feliz e passava muito tempo admirando-o. E o senhor sabe por quê? Porque ele era um pássaro. O senhor não sabia?

Lembrei-me de Demian e do desenho do pássaro de Sinclair com a legenda: "O ovo é o mundo, o pássaro quebra a casca. Voa para Deus e o Deus se chama Abraxas." Sim, o pássaro de Hesse quebrou a casca e vai caindo, ou voando, para um lugar além do mundo, d mundo.

À tarde fui com meu filho visitar o cemitério de Montagnola, onde estava enterrado o poeta. Na pedra da sepultura ainda não fora gravado seu nome; somente flores amarelas cobriam a terra removida há pouco tempo. Sentei-me no chão, em frente à sepultura, e meditei sobre o amigo, sobre o Mestre, sobre o poeta e o mágico, procurando lembrar-me de seus traços, tentando fixá-los no tempo, por mais algum tempo, antes que sua forma, que já ia navegando

pelo rio imenso, se desfizesse completamente, embora fosse nas vibrações da luz increada, para alcançar o mar sem fundo no qual talvez nada perdesse e nem sequer um fio de memória possa penetrar.

Lembro-me de suas palavras: "Morrer talvez seja ir para o Inconsciente Coletivo, perder-se, para dali retornar um dia à forma, às formas."

Alguém aproximava-se pelos caminhos de terra. Levantei a vista e vi um casal de jovens. Ambos carregavam mochilas nas costas, calçavam sapatos ferrados e vestiam calças curtas. Conversavam em alemão. Detiveram-se junto a mim e me perguntaram se aquela era a sepultura de Hesse.

Respondi-lhes afirmativamente. E eles permaneceram ali, em profundo recolhimento, apoiados um no outro, a moça com sua cabeça encostada no ombro do rapaz. Assim permaneceram um instante, até que o rapaz abriu sua mochila e tirou do interior um pequeno livro encadernado de azul claro. Começou a ler, junto à sepultura, uma poesia do escritor morto. Com devoção, como quem reza. Aqueles jovens alemães liam para Hesse seus próprios versos, suas belas palavras de outrora, da vida, da pátria, do mundo, da terra.

Hesse os escutaria em algum centro, em algum raio da luz increada, além das águas que o levavam em seu curso?

A Árvore

NAQUELA NOITE, li com meu filho o último poema de Hesse:

O RANGER DE UM GALHO QUEBRADO

Do galho quebrado, lascado,
balançando ano após ano,
range seca a canção ao vento;

sem folhas, sem casca,
pelado, descolorido cansado
de viver em demasia.,
de morrer em demasia.
Seu canto soa duro e insistente;
soa arrogante, ocultando o medo.
Outro verão ainda,
outro comprido inverno.

A Estátua de Goldmund

ANTES DA PARTIDA de meu filho, visitamos também a sepultura de Jung, em Kusnacht. Estávamos fechando o Círculo.

Permaneci sozinho em Zurique durante alguns dias. Ali encontra-se a casa senhorial da família Bodmer. Elsy Bodmer já deveria estar de volta de Montagnola e resolvi visitá-la, antes de abandonar a cidade, para conversar mais longamente sobre o amigo recentemente desaparecido.

Sua casa, dos fins do século XVI, é talvez a mais antiga que exista hoje em Zurique. Hans C. Bodmer, o amigo de Hesse, apreciava a música, os cavalos e a medicina. Atravessar o portão de sua casa é afastar-se do mundo de nossos dias. Dentro se encontram outros anos e um grande silêncio.

A senhora Bodmer conserva-a como no passado; até mesmo os quartos onde nasceram seus filhos se mantinham iguais à época em que residiam ali, com os móveis e os brinquedos que pertenciam a eles. As madeiras de lei exalam um perfume de pensamentos e de história. Conservam-se ali tesouros de arte; há quadros de Boticelli e esculturas medievais.

Subo até o último andar, onde Elsy Bodmer me recebe num salão tranqüilo. Ali esteve Hesse em muitas ocasiões.

Ao principiar nossa conversa, Elsy Bodmer também me diz:

— Entre o senhor e Hesse existiu uma ligação importante. Ele tinha poucos amigos novos, não recebia ninguém em seus últimos anos; mas com o senhor foi diferente. . . É curioso, vindo de tão longe e sendo de idade tão diferente.. .

E se cala meditando.

— A senhora Hesse permanecerá em Montagnola? pergunto.

— Creio que sim. Consultei meu filho se desejava ocupar a casa de Montagnola e ele está de acordo em deixá-la para a senhora Hesse. Tudo depende de ela acostumar-se à sua nova solidão.

— Haverá um museu Hesse, com seus livros e manuscritos?

— Sim, embora ainda não esteja decidido onde. Há quem pense em Berna, outros na Alemanha. O que o senhor pensa? Parece-me que Berna seria um pouco distante, acontecendo o mesmo com Lugano.

— Penso, disse, que está na hora de Hermann Hesse regressar à Alemanha desde seu exílio.

Ao dizer isso, sinto que Hesse está me aconselhando.

Lembro também o casal de jovens alemães junto à sua sepultura.

Elsy Bodmer diz:

— Creio que o senhor tem razão. Há um indício de que Hesse desejava isso. Consultado a esse respeito certa vez, referiu-se à cidade alemã em que se encontra o museu de Rilke.

— Ademais, continuo, Hermann Hesse é profundamente alemão; o último cultor da linha romântica de Hölderlin.

Como os mais ilustres alemães, liga-se ao Oriente, à Índia; como Schopenhauer, como Nietzsche e tantos outros. Parece-me que também chegou a hora de a Alemanha devolver a Hesse em amor e culto toda a beleza exposta por ele em sua língua materna. As velhas cidades e os caminhos da Alemanha foram cantados por Hesse com exaltação. Nuremberg e seu povoado natal de Calw. Lembra-se do seu belíssimo conto Knulp? Outro dia, em Montagnola, presenciei uma cena que me emocionou profundamente e que desejo contar-lhe.

Narro à senhora Bodmer a cena dos jovens alemães.

— Contarei isso à senhora Hesse, exporei sua opinião para que ela decida sobre o local do museu. A propósito, o senhor visitou o museu de Thomas Mann aqui em Zurique? É muito interessante.

— Não, não o vi, mas gostaria muito. O museu de Mann não permaneceu na Alemanha?

— O senhor sabe que Thomas Mann condenou a Alemanha em bloco, sem fazer distinções, durante a última guerra. E os alemães não o perdoaram, deixando transparecer isso quando ele visitou o país depois da catástrofe. . . Hesse afastou-se da Alemanha, mas nunca a condenou globalmente. . .

— Penso que Thomas Mann, apesar de sua condenação integral da Alemanha, continuou sendo sempre um alemão; isto é, perdeu o sentido da medida. . . A Alemanha é como a Espanha, absoluta. . .

A senhora Bodmer abaixa suas pálpebras com doçura.

Serve-me, em seguida, um vinho velho num belo cálice de cristal.

A luz do meio-dia penetra através das venezianas de madeira pintada. Levanto-me para partir, mas ela me detém, desejando mostrar-me numa sala vizinha algumas pinturas da Renascença e um ícone com inscrições em latim.

Num canto afastado encontra-se uma figura que absorve toda a minha atenção. É a estátua de um monge em tamanho natural. Elsy Bodmer explica-me que é uma obra do século XII.

Permaneço imóvel observando esta escultura extraordinária. O jovem monge, de cabeça raspada, pés descalços, coberto apenas por um hábito grosseiro, segura na mão esquerda, junto ao coração, umas taboinhas e com a mão direita faz o gesto de abençoar. As mãos e os pés são belíssimos e toda a figura é delicada e banhada de espiritualidade. Seus olhos lançam um olhar penetrante, que vem dos inícios do cristianismo, daqueles séculos em que também a luz se combinava com a sombra, para elevar o canto sublime da Criação.

Goldmund, o herói de Hesse, vagabundo pelos caminhos da Idade Média européia, criou uma única obra em sua vida, uma única obra de arte, além do amor de que foi tão pródigo: uma escultura em madeira para o púlpito de uma igreja. E penso que ela poderia ter sido como essa escultura, produto de toda uma vida, de toda a luz e de toda a escuridão de uma vida.

Recentemente foi decidida a permanência do museu de Hermann Hesse na Alemanha, na cidade de Marbach, sobre o rio Neckar, no Schiller National Museum, onde se encontram também os arquivos de muitos outros ilustres escritores alemães, entre eles os de Rilke. Os arquivos de Hermann Hesse foram doados ao governo suíço e os facilita à Alemanha. A decisão foi tomada por Ninon de Hesse.

O Sonho

NAQUELA NOITE, em Zurique, tive um sonho. Vi um grande edifício branco, comprido, com vários andares, que parecia uma universidade. Nele estudavam inúmeros alunos; cada dependência era uma sala de aula. Estudava-se ali de preferência as ciências exatas e aplicadas, a engenharia, a física. Cada aluno daquele exército incontável seria logo um cientista, um engenheiro, que aplicaria os maravilhosos conhecimentos automaticamente, por assim dizer, sem jamais maravilhar-se deles, nem prolongar o pensamento até a dúvida, sem tirar conclusões vitais, sem elevar-se às essências.

Era aquele o mundo do presente e do futuro. Os homens saídos destas aulas seriam duros, rígidos, feitos para expressar-se pelas leis da mecânica, produtos eles mesmos da mecânica. Os últimos expoentes de um mundo com alma, de um tempo solar, com carne e espírito, os últimos representantes dos deuses e dos demônios clássicos, da terra viva, do vinho e do sangue, já haviam desaparecido. Tinham acabado de morrer. Semi-deuses, homens vivos, os últimos filhos heróicos do sonho e da magia. Seriam julgados

pelos homens-formigas do presente como românticos, como idealistas, produtos da superestrutura de uma sociedade burguesa em decomposição. Os arquétipos do presente seriam os homens-cinzas do átomo, da máquina, os conquistadores físicos do espaço, os que se preparam tão furiosamente nessas universidades de cimento, nesses países de asfalto. E cada vez será pior, cada vez mais. Que tinha eu a fazer ali? Indagava. Qual era meu lugar, meu domínio? Estranho, alheio, não existia para mim um único buraco, um único espaço. E Hesse, e Jung, para onde tinham ido? Para muito longe, para o inatingível. Eles não retornariam mais; iriam para outros mundos, para outros universos conquistados com o trabalho que realizaram em suas almas. E eu, que poderia fazer? Preparar-me também, esforçar-me para não voltar nunca mais a esta terra e merecer por minha vez o caminho de outra esfera. Tinha muito pouco tempo para isso, deveria fazer um último esforço. Deveria agir agora, sem demora, se desejava salvar-me do deserto de chumbo em que a terra seria transformada pela mecânica, da prisão horrível, e poder avançar pelo mesmo caminho que meus camaradas maiores, que meus amigos, os semi-deuses de sangue e de carne, os magos, os guardadores do sonho.

A Festa de Bremgarten

HOJE É DOMINGO. Encontro-me sozinho na minha casa de Belgrado e me proponho a celebrar um ritual, rodeado dos meus quadros e esculturas do Oriente. Vou ouvir a música mágica que Hesse amava e vou escutá-la com ele, vou emprestar-lhe meus sentidos para que possa continuar ouvindo-a. Estou certo de que ele virá ouvir.

Acendo umas varinhas de sândalo da Índia e coloco ria vitrola a Missa de Bach em Si menor. Recosto-me no sofá e deixo que a música nos envolva. Não perco uma nota, não seria possível aliás, porque ele está ouvindo através de mim e devo ser-lhe fiel, devo escutar tal

como ele fazia enquanto estava vivo. Ah, sim, esta música é como a pintura de Leonardo, como "A Anunciação", o "São João", "Santa Ana e a Virgem", como a "Virgem dos Rochedos". Nessa missa, Bach repete sua própria vida, oferta seus motivos, seus símbolos, suas lendas, a esse algo que o transcende e que é sua própria alma. É uma missa consigo mesmo. É um sacrifício à própria vida, à própria alma, buscando-se, rebuscando-se, e onde os últimos acordes são um matrimônio e uma oferta quase sacrílega. É a morte e a esperança da Ressurreição, mas nos próprios mitos, nas histórias criadas, nos compassos, nos motivos, nos jogos dos números, no contraponto, nas vozes imaterializadas e na flor que cresce de tudo isso, a flor mística que brota do Altar que é o produto imaginário da exaltação controlada da alma que gritou desde o berço até a sepultura: "Meu pai, por que me abandonaste?" A mágica é isso: a criação da Flor Mística. Só muito poucos conseguiram. Bach em sua Missa. A Missa é também a festa de Bremgarten que Bach se ofereceu a si mesmo, repetindo nela toda a sua existência de criador.

Continuo escutando. Não perco nada. E Hesse está comigo e me agradece. Ouve comigo, ensina-me a ouvir a música.

A Missa terminou e foi seguida pela "Paixão segundo São João" e pela "Paixão segundo São Mateus". Durante todo aquele dia, uma semana inteira, até o domingo seguinte. E no fim do ritual, que já foi cumprido, virá a nossa Festa de Bremgarten, a minha.

Com efeito, preparei o almoço na casa solitária de Belgrado, nesse país que luta para superar a era do sol e da espiga. E vou convidar para almoço todos os meus fantasmas, meus mitos e meus mortos.

Será um almoço em honra do amigo desaparecido. Devolverei então sua hospitalidade de Montagnola. E convidarei também minhas lendas.

Faço passar meus hóspedes à sala de jantar e vou acomodando-os na mesa, enquanto próximo dali se executa a música mágica. Todos se sentam de modo tal que formam um Mandala.

No princípio a festa foi em honra de Hesse, mas pouco a pouco transformou-se numa Missa celebrada em minha própria alma, com os sonhos de toda uma vida. Então, servi vinho tinto de Istria e dos Andes. E levantei um brinde a Hesse, para que o caminho de além-túmulo lhe fosse suave. Prometi, ademais, conservá-lo em minha lembrança contra as águas assustadoras do Grande Rio. E ofereci um brinde a cada um dos meus fantasmas e a todos os grandes sonhos.

Brindamos, brindamos muito, enquanto cantavam os coros de bruxos. E envoltos neles moviam-se em cadência os rostos da Lenda, dos amigos sem espaço nem tempo.

Trechos de duas Cartas

"Belgrado, 6 de outubro de 1962.

Querida senhora Hesse:

. . . Escutei esses dias a Missa de Bach e as Paixões segundo São João e São Mateus. Durante todo o tempo tive a impressão de que Hermann Hesse ouvia-as comigo. Emprestei-lhe meu ouvido para que pudesse assim desfrutar as vozes dessa grande oração.

Faça a senhora o mesmo, empreste-lhe seus sentidos, viva feliz, pois ele necessita da senhora para isso. Cumpra o ritual. Trata-se de uma Cerimônia em que devemos ser os celebrantes, cultivando-a e aperfeiçoando-a para nossos amigos mais queridos, para aqueles que já atravessaram a outra margem e que, às vezes, dali, parecem estar fazendo sinais. . ."

"Montagnola, 21 de outubro de 1962.

Querido senhor Serrano:

. . . Estou certa de que Hermann Hesse se sentiria feliz ao saber que o senhor escutou a Missa em Si menor, pois era sua grande paixão. Sobre esta obra escreveu sua Carta de maio, n mesmo ano.

. . . Não se esqueça de Hermann Hesse. Tudo é esquecido tão facilmente!

Enche-me de alegria saber o quanto o senhor o amou e quanto o ama ainda. . .

Ninon de Hesse

A Antártida

EM 1947, parti para a Antártida. Essa viagem, tanto exterior quanto interior, às geleiras do mundo, no seu ponto extremo, em busca de um misterioso oásis de águas temperadas, foi narrada por mim em *Quién llama en los Hielos*. . . O que não contei ali, contudo, é que levava um livro que diminuiu em parte o interesse daquela aventura: *O Ego e o Inconsciente*, de Carl Gustav Jung. Tive que lutar contra essa obra, a princípio, porquanto se apoderara de mim, fazendo-me esquecer o contorno das geleiras em que me submergia.

Só no fim vim a compreender que o livro e a aventura nos extremos do mundo, no Antigo Sul, deviam ter uma relação, um sentido análogo.

Foi esse meu primeiro contato sério com a obra do professor Jung. Havia lido Freud e Adler, mas nunca havia aprofundado Jung. Um ligeiro contato com seus "Tipos Psicológicos" fora tudo, até então.

E agora, enquanto atravessava os canais da Patagônia e da Terra do Fogo, sob uma chuva persistente, enquanto admirava as luzes da cordilheira da Última Esperança, as borrascas do Beagle e atravessava o Purgatório do Mar de Drake para, finalmente, cair no fogo branco das neves, ali, junto ao trono dos icebergs que se desprendiam das gigantescas barreiras da Antártida, perdido sobre as estepes de gelo, queimado pelo frio, na busca ansiosa do Oásis lendário, o livro do professor Jung ia comigo no bolso da parka, e meu pensamento voltava amiúde sobre seus enigmas, desviando minha atenção das grandes fendas da planície gelada, e procurando também o remédio que permitisse fechar essa outra fenda que na alma do homem moderno separa o ego do inconsciente.

O que, na realidade, despertou em mim um interesse tão agudo por essa obra? Refletindo agora, creio que o encontro com a idéia do Arquétipo e a menção, de passagem, que ali se faz da possibilidade de que até mesmo Jesus fora prisioneiro dessas tremendas forças autônomas. Todo um mundo espantoso me foi revelado, aterrador como as extremidades geladas e o silêncio branco da Antártida, como o sudário que cobre seus abismos. Constelações de idéias pressentidas, embora ainda não formuladas, penetraram de golpe na minha consciência.

Ao regressar da Antártida, foi-me difícil saber o que fora mais importante para mim: a expedição ou a leitura da obra de Jung.

Entretanto, não li na ocasião um outro livro do mesmo autor. A viagem externa até os gelos repetiu-se interiormente, incitando-me a alcançar os extremos. Desta busca ansiosa surgiu o desejo de conhecer a Índia, como um meio de encontrar as fontes, as raízes, em busca da origem dos mitos e das lendas da nossa América, e também para tomar um contato direto com a doutrina yoga, ciência essa com que travara conhecimento no Chile.

A necessidade de traduzir em linguagem racional aquela velha sabedoria, procurando torná-la mais acessível a mim mesmo, levou-me de novo a Jung. Voltei a ler O Ego e o Inconsciente e em seguida passei a seus comentários dos livros sobre o yoga chinês e tibetano: O Segredo da Flor de Ouro, publicado em colaboração com Richard Wilhelm; o I Ching; o Livro dos Mortos, do Tibet, e o Livro da Grande Libertação, editado por Evans-Wentz. Li também seus trabalhos sobre alquimia, seu estudo sobre o "Rosarium Philosophorum", atribuído a Petrus Toletanus; Psicologia e Religião, Aion, Os Símbolos da Transformação, e outros. A libido, que para Freud era sinônimo de sexo, com Jung adquiria uma certa semelhança com o "Kundalini" do yoga tântrico.

Acreditei, além do mais, entrever na "Psicologia Analítica", ou "Psicologia Profunda", de Jung, a semelhança com um caminho de iniciação, subjacente, como uma segunda língua, a respeito do qual o

próprio" autor talvez não possuísse uma perfeita consciência. O psicanalista passava a ser o "Guru", o Mestre, e o paciente o "Cheia", o Discípulo. Se admitimos que toda enfermidade é na verdade um estar dividido, incompleto, e que toda saúde é um encontro com a totalidade, ou com um novo equilíbrio momentâneo, o caminho de Jung levava também, nesse caso, até a última realidade do Purusha, ou o Si-Mesmo, esse centro ideal da pessoa.

Jung porém queria diferenciar-se do hinduísmo e do Oriente em geral, pretendendo estabelecer um diálogo sem fusão com o Um, evitando aniquilar a pessoa, sem que o ego perdesse sua identidade.

Minha pesquisa na Índia levou-me a descobrir finalmente que também naquele país, num passado distante, haviam existido alguns indivíduos extraordinários, chamados Siddhas, que foram magos e alquimistas, habitantes lendários de uma Índia pré-ariana, que intencionavam travar esse diálogo separado, por assim dizer, e que opuseram um êxtase ainda mais profundo ao "samadhi" dos vedantistas absolutos da era ariana: o "kaivalya", que quer dizer "afastado", "separado", à parte do Universo, de Prakriti, de Brama, de Deus mesmo.

Os siddhas aspiravam conseguir a imortalidade em seu corpo mediante a combinação dos metais.

Minha Primeira Entrevista Com o Doutor Jung

EM DEZEMBRO de 1957, escrevi uma carta ao doutor Jung, remetendo-lhe um artigo publicado por mim no The Hindustan Times, intitulado "A crucifixão do ego", inspirado na frase de um discurso que o então vice-presidente da Índia, o filósofo Sarvapali Radhakrishnan, pronunciou por ocasião do Congresso Mundial das Religiões, realizado em Deli. N artigo referia-me a Jung.

Não recebi resposta direta à minha carta, a não ser por intermédio de sua secretária, Aniela Jaffe. Comunicava-me que o doutor Jung lera o artigo mas que, encontrando-se mal de saúde naquela ocasião e sobrecarregado de trabalho, agradecia-me por seu intermédio.

Naquela época, na Índia, deixava passar os dias como os grandes pássaros de asas pesadas. Sentava-me à margem do tempo e observava ali o deslizar de madeiras carcomidas, sonhos desfeitos, amores, desejos irrealizados. De vez em quando, acomodava-me na posição do lótus e praticava o yoga da concentração. Murmurava a sílaba sagrada om.

Foi também a época das visitas da Rainha de Sabá. Para empregar a terminologia junguiana, diria que esses foram os anos de minha luta de morte com a alma. Escrevi nesses dias a história que intitulei "Las Visitas de la reina de Sabá". Não sabia que essa história iria ser o primeiro elo numa cadeia de outros, produtos de um grande choque, e que iriam em breve constituir um livro publicado sob o mesmo título e prefaciado por Jung.

Em minha primeira visita ao doutor Jung entreguei-lhe aquela história, na qual se misturavam símbolos do Oriente e do Ocidente, conhecidos por ele, mas que sintetizavam também as "lendas" da minha vida.

Seria ingratidão não recordar a parte fundamental que a Índia teve n encontro e na amizade posterior que mantive com o doutor Jung. Sem a Índia talvez não houvesse existido a possibilidade da atração poderosa sobre o grande homem, pois é conhecida a importância que país exerceu sobre Jung, como acontecera antes com Hesse.

Foi a senhora Indira Gandhi, filha de Nehru, quem me apresentou a Dorothy Norman, inteligente mulher norte-americana, interessada em Jung e em seu trabalho com os símbolos. A senhora Norman telegrafou à doutora Jacobi, discípula de Jung, em Zurique, comunicando-lhe meu desejo de ser recebido pelo professor e minha

próxima visita àquela cidade. Pedia que me ajudasse a conseguir uma entrevista .

Embora, naquela época, não fosse fácil aproximar-se de Jung mesmo para a doutora Jacobi, pois que ele vivia em completo retiro, foi ela quem me indicou seu paradeiro. O doutor Jung encontrava-se em férias em Locarno.

Para ir à casa de Hermann Hesse, em Montagnola, deveria passar precisamente por Locarno. Tentaria pois visitar Jung.

Foi assim que na tarde do dia 28 de fevereiro de 1959 encontrei-me no amplo hall do Hotel Splanade, em Locarno, aguardando o doutor Jung, que havia consentido em receber-me.

Avistei-o quando descia vagarosamente a escadaria. Era alto e um pouco curvado nos ombros. O cabelo branco; estava magro naqueles anos e creio que trazia um cachimbo na mão. Cumprimentou-me amavelmente, convidando-me para sentar em um canto, junto a uma balaustrada, onde ficávamos completamente isolados.

— O senhor vem da Índia? perguntou-me em inglês. Estive lá algum tempo atrás; procurei convencer os hindus da impossibilidade de anular completamente o ego, a consciência, o "samadhi" profundo.

Jung entrava dessa forma diretamente no assunto. Seus gestos e suas palavras eram pausadas, elegantes, embora cheias de um entusiasmo contido, de um ardor interior, adivinhando-se a trepidação de um pensamento vivo, constante, de todas as horas, n homem que, na época, estaria por volta de oitenta e quatro anos.

Continuou:

— Em Bengala, na Universidade de Calcutá, mantive discussões com professores e doutos brâmanes sobre o mesmo assunto, mas não entendiam. Procurava explicar-lhes que se Ramakrishna, por exemplo, houvesse anulado completamente a consciência em seus êxtases profundos, não teria existido nele nada para experimentá-los, conhecê-los e ainda mais usufruí-los; nada teria saído deles, não teria podido recordar-se de nada.

Durante diálogo, compreendi que devia manter-me plenamente consciente do momento que estava vivendo em presença do grande gênio tão admirado ns últimos anos.

Procurando ampliar ao máximo minha lucidez e concentração mental, observava-o atentamente. Embora envelhecido, uma poderosa energia desprendia-se dele enquanto falava, como também bondade, juntamente com uma certa ironia, ou talvez sarcasmo. Tudo isso envolto num certo ar de ausência e de mistério. Percebia-se que aquele homem bondoso poderia transformar-se num indivíduo cruel e destruidor, se assim desejasse, mediante uma espécie de fusão de extremos ou mediante a supressão das polaridades. Seus olhos observavam, penetrantes, além das lentes e, ao que parecia, além do tempo. Seu nariz era aquilino. Já tinha visto fotografias de Jung na juventude e também em sua idade adulta; surpreendia-me agora a transformação na sua fisionomia, pois não encontrava nenhum ponto de contato entre aquelas fotografias e o rosto que tinha diante de mim. Seria aquela uma transformação como a de Aurobindo Ghose em Aurobindo velho, no "Ashram", de Pondichery? O rosto que agora observava era o de um velho alquimista do século XVII, revelando uma assimetria evidente. Suas mãos eram nodosas, como as de Hesse. No dedo anular da mão esquerda destacava-se uma pedra escura, montada em ouro, que chamou fortemente minha atenção. Seus desenhos deviam ter um significado, que não conseguia perceber.

Como entre nós dois parecia haver-se criado com facilidade um ambiente cordial e agradável, nossa primeira entrevista estendeu-se muito além do que havia esperado. Ao terminar a visita, tive mais a impressão de um novo encontro do que de um primeiro. Era como se voltasse à presença de uma pessoa que me esperava e que conhecera antes. Trocávamos impressões de nossas peregrinações.

Escutava-o dizer:

— O inconsciente significa a não-consciência. Ninguém pode penetrar ali completamente, enquanto vive, nem recordar-se em

seguida, como pretendem os hindus. Para recordar é preciso um espectador, o ego, a consciência. Discuti esse assunto com o Guru do Marajá de Mysore. . .

Faz uma nova pausa e bate seu cachimbo contra a balaustrada.

— O hindu procura anular o ego, intervenho, para não regressar mais aqui, à roda do samsara; teme a eternidade como uma insônia, deseja fundir-se no todo. Mas nem sempre foi assim e houve também alguns que aspiraram ao contrário, os Siddhas. Compreendi que o senhor deseja estabelecer um diálogo entre o ego e aquilo que o transcende, projetar a luz da consciência cada vez mais no interior do inconsciente. . . Pois bem, os senhor fala do Inconsciente Coletivo; segundo a lei da polaridade deveria existir também um Consciente Coletivo e talvez até um Superconsciente. Não será a isto que o hindu se refere e ao que aspira elevar-se nos Samadhis e, em especial, nos kaivalyas? Para alcançar a Superconsciência, seria preciso anular a pequena consciência racional de todos os dias. . . Poderia haver um mal-entendido em torno do que o hindu entende quando fala de anular o ego, a consciência.

— Pode ser, diz Jung, e isso é devido à fraqueza expositiva do hindu, que não pensai nem expõe racionalmente, mas em sermão, em parábola. Não se interessa em definir, em impressionar a razão do seu interlocutor. Esta é uma condição intrínseca do Oriente em geral. . . Quanto à hipótese de uma Superconsciência, ela pertence ao plano da Metafísica, e está fora do meu campo. Pretendo caminhar sobre fatos e experiências. E no inconsciente não encontrei um centro estável, definitivo; não o encontrei até agora, e não creio que exista. . . Aquilo que chamo o Si-Mesmo é um centro ideal, eqüidistante do ego e do inconsciente, equivalendo, de certa forma, à expressão máxima e natural de uma individualidade, seu complemento ou complementação, sua totalidade. A natureza anseia por expressar-se, esgotando suas possibilidades. O homem também. O Si-Mesmo é essa possibilidade de complementação, de totalidade. Por isso, é um centro ideal, uma criação, um sonho da natureza. Os hindus são

sábios n assunto. O Purusha dos filósofos Sankhyas o Si-Mesmo. Também o Atman é algo semelhante. E a definição que dele dão os hindus corresponde perfeitamente.

É evidente que essa definição é uma parábola. O senhor conhece a história do discípulo que foi visitar o Mestre para perguntar-lhe o que era o Atman? O Mestre respondeu:

"— É tudo.

— Nesse caso é o elefante do Marajá?

— Sim, disse o Mestre. Atman é você e também é o elefante do Marajá."

O discípulo partiu muito contente. Em seu caminho, encontrou o elefante do Marajá. Não se afastou do caminho, pensando: "Se sou o Atman e o elefante também é, ele me reconhecerá," Mesmo quando o condutor do elefante gritou para que ele se afastasse, não lhe deu ouvido, de sorte que o elefante golpeou-o com a tromba jogando-o a vários metros de distância. Todo machucado foi procurar no dia seguinte o Mestre e lhe disse :

"— Você disse que o elefante e eu éramos Atman, e veja que ele me fez.

O Mestre, sem perder a calma, indagou:

"— E o que lhe disse o condutor do elefante?

— Que me afastasse do caminho.

— Você deveria ter seguido seu conselho, disse o Mestre, porque o guia do elefante também é o Atman. . ."

— Ah, os hindus têm respostas para tudo. Sabem muito!

E Jung riu-se com vontade, alegremente.

— Vivem nos símbolos, disse eu; estão penetrados, compenetrados neles, mas não os interpretam nem apreciam quando alguém o faz, pois isso seria de certa forma destruí-los... O senhor interpreta os símbolos... Não me surpreendo pois que sua obra não seja mais amplamente conhecida e discutida na Índia, apesar de sua grande dedicação à cultura hindu e ao Oriente em geral. . . No meu país o senhor é bem conhecido e muito lido.

— Sim, recebo constantemente comunicações do Chile e de outros países da América Latina, o que me surpreende, já que meu trabalho, minhas obras e meu esforço estão dirigidos antes do mais para mim mesmo; são marcas deixadas no processo íntimo de uma individuação, ainda mesmo quando se vinculem com elos herméticos do passado e do futuro; e não estando destinadas à popularidade nem ao êxito das massas, surpreende-me o sucesso que passei a ter repentinamente n e naquele país. Receio que isso não seja uma coisa boa. O trabalho essencial é realizado no silêncio e só frutifica na mente de alguns poucos. Há um provérbio chinês que diz: "Se um homem sozinho e sentado no seu quarto forma pensamentos corretos, s serão ouvidos a mil milhas de distância..."

Cala-se um instante e prossegue:

— Sim, a Índia é extraordinariamente interessante e o senhor deverá viver essa experiência corretamente, intensamente, até chegar a hora. . . Eu também desejei enfrentar esse universo, como produto que sou do Ocidente, para pôr à prova nossos caminhos e dar vida dentro de mim àquelas zonas que correspondem às experimentadas pelos hindus, trazê-las a minha consciência por meio do contato com um mundo diferente. Foi por isso que viajei para a Índia em 1938. Vou tentar explicar-lhe como vejo esse país e o senhor dirá se tenho ou não razão. Um hindu, enquanto hindu, não pensa; pelo menos não pensa na forma que entendemos o ato de pensar. O hindu, em vez disso, percebe o pensamento. O hindu assemelha-se aos primitivos n sentido. Não digo que seja primitivo, mas sim que o processo do seu pensamento lembra-me as formas primitivas de produzir pensamento. O raciocinar primitivo é na sua essência uma função inconsciente e só percebe seus resultados. Deveríamos esperar essa peculiaridade de uma civilização que gozou de uma continuidade quase ininterrupta desde as idades primitivas. Nossa evolução natural foi interrompida repentinamente em seu nível primitivo para invasão de uma psicologia e de uma espiritualidade procedentes de um nível mais alto de civilização. Fomos

interrompidos no começo de um politeísmo bárbaro, embora cortado pela raiz ou suprimido no decorrer dos séculos, e isso não faz muito tempo. Suponho que fato produziu um desvio particular na mente ocidental. Nossa existência se transformou em algo que ainda não foi realizado e que não poderá sê-lo totalmente. Produziu-se assim no homem ocidental uma dissociação entre a parte consciente e inconsciente de sua mentalidade. Conseguiu, sem dúvida, liberar a consciência do fardo da irracionalidade e dos impulsos instintivos às custas da individualidade total. O homem dividiu-se entre a personalidade consciente e inconsciente. A personalidade consciente pôde ser domesticada porque foi separada do homem primitivo. De sorte que conseguimos ser altamente disciplinados, organizados e unilateralmente racionais mas o outro lado permaneceu suprimido, excluindo o ato primitivo da educação e da civilização. Isso explica nossas recaídas nas mais espantosas barbáries e isto explica o fato, terrível, que quanto mais alto subimos em nossas conquistas científicas e tecnológicas, mais perigoso e diabólico é o mau uso que fazemos de nossas invenções e progressos. . . Esta porém não é a única forma de o homem chegar a ser civilizado: pelo menos não é a forma ideal. Seria possível pensar numa outra possibilidade mais satisfatória. Em lugar de diferenciar exclusivamente uma parte do homem, poderíamos tentar diferenciar o homem total. Poderíamos impedir essa fatal dissociação entre uma metade alta e uma metade baixa, unindo conscientemente o homem ao peso terrestre de sua esfera primitiva. Na Índia podemos encontrar o exemplo de uma civilização que incorporou todo o essencial do primitivismo, incluindo o homem total, desde o mais alto ao mais baixo. A civilização e psicologia hindus assemelham-se a seus templos: representam o Universo. Digo isto para poder explicar o que entendo por não pensar.

Deveria dizer exatamente: graças a Deus que existe um homem que não aprendeu a pensar, e que ainda percebe seus pensamentos como se fossem visões ou seres vivos, que percebe seus deuses como pensamentos visíveis, baseados na realidade dos instintos. Ele

resgatou seus deuses e eles vivem com esse homem. É verdade que se trata de uma vida natural, cheia de surpresas, rusticidades, misérias, enfermidades e mortes; contudo, de certa forma, é completa, satisfatória e de uma beleza emocional insondável. Sem dúvida, sua lógica é imperfeita e é surpreendente ver como fragmentos da ciência ocidental vivem pacificamente ao lado daquilo que nós chamamos superstições. Mas na Índia não importam as contradições intoleráveis. Se estas contradições existem, são peculiaridades dos pensamentos autônomos e a responsabilidade é exclusiva deles mesmos. O homem não é responsável por essas contradições desde que o pensamento seja visto assim. O hindu não se interessa pelos infinitos detalhes do Universo. Sua ambição é ter uma visão da totalidade. Ele não sabe ainda que o mundo existencial pode ser destruído entre dois conceitos...

O professor Jung inclina-se na cadeira, fitando um ponto distante, talvez o homem hindu e suas imagens.

— É assim mesmo, disse. A Índia se parece com uma grande civilização natural, ou com uma civilização da natureza. O Oriente, em sua totalidade, não desejou, pelo menos até recentemente, dominar a natureza, e sim respeitar suas leis, compreendê-las, dando-lhes um sentido. Dessa forma também a vida humana se enche de sentido. Sem dúvida, é menos persona, mais "arquétipo". Naturalmente que ser persona não significa necessariamente um bem, podendo ser exatamente o contrário. . .

— Sim. A Índia é arquétipo, confirmou Jung. Por isso não procurei visitar lá os Swamis e Gurus, não fui visitar o Ramana Maharishi, o que inspirou Somerset Maugham, porque pensei que isso não me faria falta. Sabia o que era um Swami, tinha a visão exata do seu "arquétipo", o que me bastava para compreender os demais, num mundo onde não existe a diferença pessoal extrema do Ocidente, produto da desligação com a natureza, onde existe maior variedade, se bem que também a pobreza vital. . .

— O senhor disse, professor, que foi à Índia para conhecer melhor a si mesmo. Estou procurando algo semelhante, pois desejo descobrir quem somos nós, os sul-americanos. Não somos a Ásia nem tampouco somos a Europa. O senhor mesmo disse que o hindu não pensa seus pensamentos. Seguramente isto quer dizer que não os pensa com sua mente racional, com o cérebro, e sim que são produzidos por algum outro centro do ser. É isso possível? Parece-me que também nós, os sul-americanos, não pensamos com o centro racional e sim com o outro, que devemos descobrir para chegar um dia a sermos nós mesmos. Onde se localiza esse centro? Deveríamos levar em conta talvez a hipótese dos chakras, esses centros psíquicos do yoga...

— Sem dúvida, diz Jung. Recordo uma conversa com o cacique dos índios pueblos, Ochwián Bianco, ou Lago da Montanha. Explicava-me sua impressão dos brancos, sempre agitados, sempre procurando alguma coisa, desejando alguma coisa, Em seus rostos, sulcados por rugas, refletia-se a eterna inquietação. Segundo Ochwián Bianco, os brancos estavam loucos, pois afirmavam pensar com a cabeça e somente os loucos pensam assim. Essa afirmação do chefe pueblo me causou uma grande surpresa e lhe perguntei com o que pensava ele. Respondeu-me que com o coração.

E Jung acrescentou: — Tal como os antigos gregos.

— É extraordinário, confirmei. Também os japoneses situam o centro da pessoa no plexo solar. Mas o senhor acredita que os brancos pensam com a cabeça?

— Não. Pensam com o centro da garganta. — E Jung leva a mão ao pescoço. — Com a palavra, a palavra que hoje veio substituir o Logos. . .

— O que pensa o senhor dos chakras? Alguns afirmam que correspondem aos plexos que a ciência ocidental descobriu recentemente. Pelo menos suas localizações no corpo humano coincidem com as dos plexos. Sem dúvida, o yoga tântrico afirma que os chakras e os nadis são centros psíquicos, não fisiológicos, que se

estendem ao longo da "coluna vertebral" também psíquica. Os chakras não existiriam realmente, mas potencialmente, idealmente, como uma possibilidade de criação; são de formação voluntária, mediante precisamente a prática do yoga. Talvez nisso sejam como o Si-Mesmo a que o senhor se referia. Algo que é preciso inventar. Em todo caso, essa ciência do Oriente, várias vezes milenar levanta uma interrogação sobre sua própria técnica, pois sugere que se perderam as ligações, talvez num cataclismo em que sucumbiu uma civilização de deuses.

— Os chakras, diz Jung, são centros da consciência e Kundalini, a Serpente ígnea, que dorme na base da coluna vertebral, é uma corrente emocional que une de baixo para cima e também de cima para baixo. Faz um esforço, em seguida, para recordar os nomes em Sânscrito dos chakras.

— Estou muito velho, estou perdendo a memória. A meu ver, pelo contrário, me parece que sua memória é extraordinária.

— O primeiro é em baixo, na base da coluna vertebral é o Muladhara; segue-o o Manipura, no plexo solar; logo em seguida, o Anahata, sobre o coração; o Vishuda, na garganta; o chakra Ajna, no meio do peito e o Brahmachakra ou Coronário. . . Claro, dou estas localizações para poder falar. . . Os chakras são centros da consciência. Os inferiores são centros da consciência animal. Existem outros centros ainda abaixo do Muladhara.

— Se chegássemos a desenvolver todos os centros, digo, seríamos o homem total e talvez terminasse dessa forma a História, que é um movimento pendular entre diferentes chakras, isto é, de civilizações que expressam um chakra, uma instância diferente, outras consciências, em diversos lugares e épocas da terra, com um homem que pensa outros pensamentos, de um modo peculiar. Ah, se pudéssemos atingir o homem total!. . . O que é o Si-Mesmo, doutor Jung, o que é esta totalidade, centro ideal da pessoa?

— O Si-Mesmo é um círculo cujo centro está em toda parte e sua circunferência em nenhuma parte, diz Jung, recitando a frase em

latim. E sabe o senhor o que é o Si-Mesmo para o homem ocidental? É o Cristo. Cristo é o Arquétipo do Herói, a aspiração suprema. Ah, tudo isso é um mistério que às vezes nos assusta!

Permaneço um momento em silêncio.

Entrego-lhe então uma cópia em inglês do meu conto "Las visitas de la reina de Sabá" que trouxe especialmente para ele. Escrevi uma dedicatória em espanhol. O doutor agradece-me e começa a folhear o livro.

Nesse momento aproximam-se três pessoas; entre elas, uma mulher de preto, alta, de feições tranqüilas. Lembra ao professor que está na hora do jantar. Percebo que o tempo passou rapidamente e levanto-me para partir. O doutor Jung despede-se de mim. Aperto sua mão, sem saber se voltarei a encontrá-lo de novo e pensando quantas outras coisas gostaria de lhe dizer.

Saí à noite de Locarno e perambulei algum tempo por seus caminhos elevados.

5 de Maio de 1959

Segunda Entrevista

No DIA SEGUINTE, fui a Montagnola visitar Hermann Hesse.

Ao regressar, senti que deveria ver novamente o doutor Jung, pois havia muitas perguntas que gostaria de fazer-lhe. Decidi telefonar diretamente para sua casa de Kusnacht, perto de Zurique, onde já se encontrava de volta de suas férias. Se não houvesse dado esse passo, talvez minha relação com Jung não tivesse ido mais adiante. Telefonei sabendo que ele não costumava receber visitas naquela época. Sua secretária e a mulher que o acompanhavam afastavam os importunos, protegendo seu isolamento. À semelhança de Hesse, também Jung teria podido gravar no portão de sua casa a sentença do sábio chinês.

Sua secretária atendeu o telefone; chamava-se Aniela Jaffe, com quem mantivera correspondência desde a Índia. Mostrou-se

cética sobre a possibilidade de uma entrevista, repetindo-me que o professor não recebia ninguém e que não se encontrava bem de saúde. contei-lhe que estivera com ele em Locarno e lhe pedi que comunicasse ao professor meu desejo. A senhora Jaffe pediu-me para esperar ao telefone, voltando logo em seguida para comunicar-me que o professor Jung me receberia nesse mesmo dia, às quatro horas da tarde.

Foi assim que me encontrei em frente ao portão de sua casa em Kusnacht, às margens do lago de Zurique. E também ali, no alto, sobre a pedra, havia uma inscrição. Dizia: "Vocatus ad que non vocatus Deus aderit" (Invocado ou não invocado, Deus está presente).

O interior da casa encontrava-se na penumbra. Recebeu-me a mesma senhora alta, amável, que já vira em Locarno e que se apresentou como Miss Bailey. Convidou-me a subir a escala. As paredes estavam cobertas de gravuras antigas, representando figuras da alquimia, cenas do Renascimento e da Idade Média. Em cima esperei num pequeno quarto, até que apareceu o doutor Jung.

Saudou-me com gestos elegantes e cordiais, convidando-me a passar ao seu escritório, uma sala com janelas dando para o lago, com paredes cobertas de livros e de quadros e uma escrivaninha cheia de papéis. Vi alguns Budas de bronze e, na parede, em cima da mesa de trabalho, uma grande tapeçaria representando Siva sentado sobre o monte Kailas.

Ao pensar na minha peregrinação daqueles anos no Himalaia, para chegar até aquela montanha, sua visão não deixou de me impressionar.

Sentamo-nos junto a uma janela. Jung acomodou-se numa poltrona na minha frente.

— Sua história da Rainha de Sabá é muito mais do que uma poesia ou um conto, disse. Está no assunto, que contém tudo, a Rainha de Sabá e o rei, o numinoso..

Escutei em silêncio. Ele continuou:

— Ah, se o senhor encontrar algum dia em sua vida a Rainha de Sabá em carne e osso, pela lei decorrente do sincronismo, não cometa o erro de casar-se com ela! A Rainha de Sabá é para o amor mágico, nunca para o matrimônio. No matrimônio, ambos se destruiriam, sua alma numinosa se desintegraria. . .

— Bem sei, respondi.

— Na minha vasta experiência psiquiátrica não encontrei até hoje um único casamento que fosse suficiente em si mesmo, por assim dizer. Uma vez pensei ter encontrado. Um professor alemão assegurava-me que o seu era. Acreditei nele, até que, de passagem por Berlim, fui informado que sua esposa mantinha um apartamento secreto... É a lei. Por outra parte, o casamento de compenetração exclusiva não é benéfico para a evolução da personalidade, nem para o indivíduo; leva à anulação, produz uma baixa de nível, algo semelhante à estupidez coletiva de uma sociedade de massas. . . Se não for o marido, é a mulher que fará excursões no mistério. . . Veja, é assim. . .

Jung apanha uma caixa de fósforos e abre-a. Põe suas duas metades separadas, uma em frente à outra, de modo que pareçam completamente iguais e em seguida vai aproximando-as até uma entrar na outra.

— É assim, diz, parecem iguais, mas não são, não devem ser, e uma parte deve incluir a outra, uma fica fora da outra. O ideal é que seja o homem que fique do lado de fora, que abranja a mulher. É uma questão de grau. O homossexual possui até uns cinquenta e cinco por cento de feminino, às vezes. O homem, por si mesmo, é polígamo. Os muçulmanos sabem disso. Sem dúvida, desposar várias mulheres ao mesmo tempo é uma solução primitiva, além de cara, hoje em dia. . .

Ri e continua:

— Creio que os franceses encontraram a solução: o número três. Às vezes este número tem a ver também com o casamento mágico e com o encontro da Rainha de Sabá, o que é uma coisa

muito diferente da interpretação sexual de Freud e das apreciações de D. H. Lawrence. O primeiro se enganou, por exemplo, na interpretação do incesto, o qual, no Egito, referia-se à religião e era um processo de individuação. Com efeito, o rei era o indivíduo e todo o povo, a massa amorfa. Devia desposar a mãe ou a irmã para proteger o indivíduo e proteger a realeza. Lawrence exagerou a importância do sexo devido à excessiva influência materna ; sobrestimou a mulher em sua obra, porque permaneceu criança, sem conseguir integrar-se na terra. Outro caso curioso é o de Saint-Exupéry; fiquei por sua esposa de importantes detalhes de sua vida. O vôo, a evasão, é uma tentativa para escapar da terra. . . Mas a terra, a matéria, deverá ser aceita reconhecida; de certa forma, sublimada. Isto se realiza mediante o mito e a religião. O dogma da Assunção de Maria é a aceitação e o reconhecimento da matéria, sua divinização. A pedra é a realeza da matéria.... Analisando-se os sonhos compreende-se melhor isso. Também no estudo simbólico da alquimia. É uma lástima não possuímos textos de alquimia escritos por mulheres, pois nos seria dado conhecer a visão da mulher sobre esses temas, que deverá ser diferente do homem.

— O senhor acredita, doutor Jung, que é necessário analisar os próprios sonhos, dar-lhes atenção? E seria possível combinar isso com as práticas do voga? Desde que voltei a analisá-los sinto que minha vitalidade cresceu, como se me tivesse incorporado tesouros ocultos de energia, que de outro modo se perderiam. . . Sem dúvida, conversei com Krishnamurti, na Índia, e ele me disse que os sonhos não têm maior importância, que o principal é olhar, estar consciente, totalmente consciente do instante, do momento, para o qual se deve olhar tanto com o consciente quanto com o inconsciente.

Disse-me ele que não sonha nunca, pois, como olha com todo seu consciente e inconsciente, não lhe sobra mais nada para o sono, quando unicamente repousa...

— Sim, disse Jung, alguns cientistas que vivem com a atenção voltada para a pesquisa, pensam não sonhar; um dia contudo

esse processo deixa de funcionar e então sonham. . . Quanto à sua pergunta se é importante analisar os próprios sonhos, parece-me que o principal é seguir a natureza. . . Um tigre deve ser um bom tigre; uma árvore, uma boa árvore; também o homem deve ser homem. Claro que é preciso saber em que consiste ser homem. . . Seguir a natureza, e tudo o mais chegará por si mesmo, inesperadamente, como a Rainha de Sabá. . . Mas nada é possível sem amor, e isso inclui até mesmo o processo alquímico, uma vez que somente a pessoa apaixonada põe em jogo toda a personalidade e arrisca até mesmo a vida. . . Sem dúvida, quando alguém afirma amar freqüentemente, na verdade não ama ninguém.

Jung levanta-se e aproxima-se de uma das prateleiras de sua estante para apanhar um livro. Volta a sentar-se e começa a folheá-lo com delicadeza. Trata-se de *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Abre-o no capítulo "Estudo de um processo de individuação". Mostra-me os desenhos extraordinários em cores que foram reproduzidos no livro. Alguns são verdadeiros mandalas tibetanos.

— Foram feitos, diz-me, por uma mulher com quem tentamos um processo de individuação por quase dez anos. Era uma norte-americana, filha de mãe escandinava.

Aponta-me uma pintura de cores estranhas. No centro aparece uma espécie de flor, um trevo de quatro folhas. Sobre ele, um rei e uma rainha desposam-se numa boda mística, segurando um facho aceso nas mãos. Há um fundo de torres.

— O processo da boda mística, diz Jung, tem várias etapas e está sujeito a inúmeras vicissitudes, como o *Opus Alchimia*. A *conjunctio* é, por outra parte, uma realização, um processo de individuação conjunta, n caso entre o médico e a paciente. . .

Um processo de amor mágico, penso, uma boda alquímica; Salomão e a Rainha de Sabá, Cristo e sua Igreja, Siva e Parvati, em cima do monte Kailas; o homem e sua alma; a criação do Andrógino, do Homúnculo, de Ardhanarisvara. Jung, como se falasse consigo mesmo, prossegue segurando em suas velhas mãos o sugestivo livro:

— Em alguma parte, alguma vez, houve uma Flor, uma Pedra, um Cristal; uma Rainha, um Rei, um Palácio; um Amado e uma Amada, há muito tempo, no Mar, numa Ilha, há cinco mil anos. . . É o amor, é a Flor Mística da Alma, é o Centro, é o Si-Mesmo. . .

Fala como um iluminado.

— Ninguém entende isso, a não ser alguns poetas, somente eles me compreenderão. . .

— O senhor é um poeta, digo emocionado pelo que acabo de ouvir. — E essa mulher ainda está viva?

— Morreu há oito anos. . . Sou muito velho. . .

Compreendo que a entrevista devia terminar aqui. Trouxe comigo As Metamorfoses de Píktor, de Hermann Hesse.

Mostro-lhe os desenhos paradisíacos e dou-lhe lembranças do Lobo da Estepe.

— Conheci Hesse por intermédio de um amigo comum que se interessava pelos símbolos e pelos mitos, diz Jung. O amigo trabalhou algum tempo comigo, mas faltou-lhe valor para continuar até o fim, porque o caminho assusta. . .

É tarde quando deixo a casa de Jung.

Caminho um bom momento, meditando sobre o conversado e procurando pôr em ordem meus pensamentos e emoções.

As Bodas Mágicas

PENSO : existirá também um sentido duplo, uma linguagem de interpretação esotérica no processo da individuação, no método descoberto por Jung? Se lhe perguntasse, sem dúvida negaria. Talvez ele mesmo ignore; mas a linguagem dupla e até mesmo tripla certamente existe. Está aí, esperando. Uma coisa é o que o homem pretende fazer e outra o que faz sozinho, involuntariamente. Constatei isso em muitas partes d vasto mundo, em edifícios, obras de arte, biografias de pessoas que chegaram a ser extraordinárias, involuntariamente. Basta colocar-se numa determinada linha e

continuí-la com tenacidade; e um sopro do outro mundo apodera-se de nós e as coisas passam a depender de sinais e de poderes. O homem é usado por deuses ou demônios, cai dentro do Mito. Jung trabalhou demasiado intensa e dramaticamente para que sua linha não se vinculasse à eternidade.

Se é certo que ele é o continuador dos gnósticos e da Alquimia, nesse caso não poderá deixar de tornar parte nos seus mistérios, embora tenha procurado afastar as trevas desses caminhos. Nem os gnósticos nem os alquimistas criaram seus símbolos com a finalidade de fazer psicologia analítica, e sim por pura magia. De sorte que, embora não o deseje, Jung está destinado a ser também um mágico, ultrapassando as fronteiras da ciência oficial do nosso tempo. E talvez ele soubesse disso quando me disse que só os poetas o entenderiam devidamente.

No trabalho da Alquimia, a Soror Mystica ajudava o alquimista a misturar as substâncias, no seu atelier, em sua retorta. Ela participava assim do grande processo da fusão, ao final do qual havia uma boda mística e a formação do Andrógino, o que não seria possível sem a presença constante da mulher. Certamente reuniam ambos, a Soror e o Alquimista. suas substâncias psíquicas.

No trabalho da "individação", levado a efeito por uma "paciente", num "consultório" junguiano, também com infinita paciência suas imagens vão se reunindo às do "analista". Entre os dois se produzem imagens e sonhos, que chegam a ser comuns, confundindo-se até perderem a identidade e não se saber mais quem produz o sonho de quem, a imagem de quem. Na vida diária, no amor mortal da carne, os amantes, apesar do seu atormentado desejo de fusão, ainda quando dormem no mesmo leito, jamais poderão sonhar os mesmos sonhos, estarão separados para sempre por esse fio de ar endurecido. Somente no processo alquímico da boda mágica será possível fechar a fenda, somente na "conjunctio junguiana". É possível conseguir isso sem amor? Jung disse que não, porque é somente no amor que todo o ser atua e está disposto a "arriscar a

vida". Contudo, é um amor diferente, mágico, maldito; é um amor sem amor, contrário à criação física, aos tempos e à história. É o amor proibido, o da Rainha de Sabá, o que se realiza fora e à parte do casamento. Seu produto não é um filho de carne, mas sim um filho do espírito, da imaginação, um Andrógino; a fusão dos postos dentro da psique dos amantes, dos alquimistas, dos magos, dos iniciados, no rito da Individuação.

amor por certo não exclui o amor físico na carne dos oficiantes; mas se transforma em liturgia, não sendo imprescindível. O que se exclui é o prazer sexual comum. Para explicar melhor, exporemos o que ocorre na prática tântrica da Índia, a que praticaram os verdadeiros magos Siddhas que procuravam eternizar-se subindo ao céu com seus corpos e que também misturaram os metais em busca do ouro inatural.

O tantra é um método secreto, religioso, do amor sexual. O iniciado homem deverá ser casto; a mulher pode ser uma prostituta sagrada dos templos, o que no fundo equivale a ser casta. Os dois preparavam-se por muito tempo antes de realizar o ato chamado "Maithuna", em sânscrito, o coito místico. Ambos se isolavam nas selvas e viviam como irmão e irmã, como o alquimista e sua Soror, trocando idéias, imagens e palavras (moendo, gastando as substâncias, cansando o metal). Dormiam juntos, nus, num mesmo leito; mas não se tocavam. Somente após muitos meses celebram a Missa Tântrica em que se bebe vinho, come-se cereal e pratica-se o "Maithuna". Este ato é a culminação do processo de sublimação conjunta, de compenetração psíquica, até que a carne tenha-se transformado, tenha-se transfigurado, "perfumado" como o lótus, até que o chumbo tenha se convertido em ouro, com auxílio do mercúrio, do fogo misterioso despertar na base da coluna vertebral.

Este fogo é que age quando a mulher foi possuída no "Maithuna". É um fogo inextinguível. Neste ato de amor supremo - que nada tem a ver com o ato sexual comum - no qual só atua a morte e por isto produz a vida da carne — age agora o Anjo da Morte,

que é o que gera a vida do espírito; a mulher, a sacerdotisa do amor mágico, vai tocando, com seu fogo serpentino, os diferentes chakras do homem, o herói tântrico, preparado então para a morte mística e a ressurreição; ela vai deportando os "centros de consciência", ao mesmo tempo em que os seus também se abrem. Ao fim, o prazer sem nome que se atinge não é a ejaculação do sêmen, que é estritamente proibida, mas sim o prazer da visão, da abertura do Terceiro Olho, da fusão dos órgãos opostos. O sêmen não salta para fora, mas antes para dentro. O processo da criação se inverte num movimento retrógrado, por assim dizer. O filho d amor proibido é o Andrógino, o Homem Total, com todos os seus chakras ou centros da consciência despertados. É o encontro com o Si-Mesmo. Com a Última Flor, a que não existe, a que foi inventada há mais de cinco mil anos. . .

Cumprido este ritual do amor sem amor, essa Missa Tântrica, o homem e a mulher se separam. Já estão completos, já estão frios para sempre, já estão individuados. "Na verdade, ele desposou sua "anima"; ela, seu "animus". Somente uma vez em cada mil anos é dada a possibilidade de realização do amor, ao apresentarem-se as condições psíquicas, astrológicas e históricas favoráveis, o sincronismo entre a alma e a natureza.

Terá Jung redescoberto este caminho? Lá, na Índia, nos muros da cidade sagrada de Khajuraho, a Cidade das Bodas Eternas, tudo isso está exposto nas esculturas de pedra dos seus templos, em cenas indescritíveis de amor. Mas nos muros desta cidade sagrada não existem crianças esculpidas. E isso porque esse amor é um amor inatural. Somente dentro do templo, no local mais recôndito, repousa, medita com os olhos cerrados o Siva Andrógino, contemplando o único ponto de sua criação, gozando dela, nessa flor de pedra. . .

Também Krishna, o deus azul da Índia, dançarino enlouquecido, que Hesse tanto amava, executava suas danças nos jardins de Vrindavan, nos bosques, longe dos trabalhos e dos dias. E sua amante era Radha, uma mulher casada.

Com ela, na realização do número "Três", dançando a "Raslila", dentro de um Mandala, alcançavam o Si-Mesmo, a Flor Incruiada, o Centro inexistente da mais pura e dolorida imaginação. E o amor de Krishna e Radha era também um amor proibido, anti-social, porque Radha era casada.

Sem dúvida, em tudo isso há um sublime simbolismo. Nos planos mais altos desta "iniciação" o Maithuna não é físico: não é necessário que seja. Melhor ainda, é preferível que não seja. A Soror Mystica está ali, junto ao alquimista, para ajudá-lo a misturar as substâncias e para enxugar seu suor de sangue, como Maria Madalena. A "paciente" entrega suas imagens e sonhos para misturá-los com os do "analista", para criarem juntos, para fundirem-se no processo da individuação.

A união, porém, a boda final, produz-se na realidade dentro do corpo de cada um, isolado, sozinho, de sorte que não se sabe a quem pertence cada corpo. A união é o despertar dos diferentes chakras, graças a Kundalini — essa "corrente emocional", como a definiu Jung, esse mercúrio dos alquimistas, essa "serpente ígnea", ou "fogo astral" dos ocultistas. A boda é entre "Ida" e "Pingala", no canal "Susumna", ou então no templo do chakra Manipura, ou plexo solar. Também no centro do peito, no chakra Ajna, onde se abre o Terceiro Olho, ou no Vazio Último do Brahma-chakra, ou centro coronário. A boda é também entre o Ego e o Si-Mesmo, por meio e através da Anima e do Animus. Pela mão de Beatriz, Dante desce aos Infernos e depois sobe ao Céu... "Só os poetas me entenderão..." Sim. Incorporado à Áurea Catena, Jung não tem outra alternativa senão realizar suas determinantes míticas. O Mago Jung voltou a entregar-nos, a tornar possível hoje, a realização dos mistérios, para que alguns poucos voltem até a terra lendária dos Homens-Deuses.

Bastará para isso o aparecimento de uma grande alma entre seus discípulos, interpretando a linguagem subjacente em sua obra, presente ali como um palimpsesto. E terá que ser um sacerdote, um mago, ou talvez um poeta.

Com a Doutora Jacobi

ANTES DE DEIXAR Zurique, quis agradecer à doutora Jacobi ter-me indicado o rumo a seguir. Fui visitá-la em seu apartamento.

Perguntou-me com curiosidade acerca de minhas entrevistas com Jung. Interessava-lhe saber se esse havia referido à situação mundial.

— Jung teme uma guerra, ou uma catástrofe, para 1964, disse-me ela, devido às transformações astrológicas, à passagem de uma época para outra. A vinda do Cristo coincide com a entrada no Peixe, final de um Eon e começo de outro.

— Jung não me falou nada sobre isso, digo.

— Jung está intrigado também com a vinda de seres de outros planetas, o que corresponderia às visões coletivas dos "discos voadores". Os seres humanos experimentariam uma grande transformação...

— Jung não se referiu a nada disso, insisti. Conversamos sobre os chakras. Disse-me algo muito interessante: afirma que são centros da consciência e que Kundalini é a corrente emocional que os une.

— Não, os chakras são centros de energia e Kundalini, o Yoga-Kundalini, é o desenvolvimento da energia psíquica. ..

— Conversamos também sobre a interpretação dos sonhos e expliquei-lhe que ao analisá-los minha vitalidade aumenta.

— É lógico, porque assim o senhor incorpora uma energia que, de outra forma, se perderia. Mas é sumamente difícil alguém analisar os próprios sonhos.

— Teria muito interesse em conhecer sua opinião sobre os arquétipos, doutora Jacobi.

— São algo semelhante à estrutura da psique, um impulso determinado, a roupagem de um instinto. Na verdade, não sabemos quando se originam.

— Existe algo que seja a contraparte do Inconsciente Coletivo?

— No plano coletivo, a Europa, a América são o Consciente Coletivo, com suas legislações sociais e seus códigos. O Direito Internacional é esse Consciente Coletivo, que se equilibra e se polariza nos povos da África e da Ásia, convulsionados, emergindo à superfície. De um lado o cerebral, o racional., e do outro, o bárbaro. . . Por um lado, o desejo de governar a terra e até mesmo de fugir dela. Cada vez mais os homens aspiram por esta evasão... O avião é o homem feminino típico. Cada vez haverá menos homens sobre a terra e mais aviadores. . .

Diante de uns copos de vermute, falamos em seguida da Índia. Ela via no país unicamente o desejo de aniquilar o ego para se perder no Atman e contrapunha, à idéia vedentina, a psicologia de Jung, com a intenção de estabelecer o diálogo entre o homem e seu Deus pessoal, entre o Ego e o Si-Mesmo.

— O que não quer dizer que Deus não exista, diz. Jung deseja ampliar o raio da consciência estendendo seu feixe de luz sobre o mar de trevas, completando assim a obra da criação, terminando aquilo que a natureza deixou incompleto... No Ocidente, a pessoa não deseja ser Deus, como na Índia; o místico cristão se une a Deus, mas no dia seguinte toma seu café da manhã. Sua existência é simples, vive a Fé, o produto da Fé.

A doutora Jacobi diz então que não lhe agrada a Índia. Nessa data ela tinha sessenta e nove anos. Conversamos também sobre Wilhelm e o conde de Keyserling. D último contou-me algumas histórias e conversas :

— Era um homem excepcional. Quando estava presente, era impossível uma outra pessoa falar; carregava um vulcão dentro de si. Muitas vezes esteve aqui, sentado onde o senhor está agora.

No momento de deixar Zurique, escrevi a Jung, agradecendo-lhe. Dizia:

"Minhas entrevistas com o senhor foram algo de profunda significação para mim. Esses dias passados na Suíça foram repletos de sentido, envoltos na luz de uma misteriosa e breve primavera; uma atmosfera mágica, ousaria dizer. E nossa conversa em sua casa de Kusnacht, girando em torno do amor, ficará para sempre na minha lembrança. Suas palavras de que o caminho seguido e redescoberto pelo senhor pode ser mais bem entendido pelos poetas, e somente por alguns dentre eles, são muito exatas, e o são porque o senhor mesmo é um grande e verdadeiro poeta.

Durante todo o tempo que durou nossa conversa, a presença da Rainha de Sabá esteve rondando por perto. Essa Rainha que encontrara recentemente e que com toda certeza o senhor conhece há mais tempo. Atrevo-me a dizer, querido professor, que pelo fato de haver encontrado em nossas vidas esta Rainha, a eternidade nos será propícia, além da vida e da morte.

"Pela lembrança de nossas Rainhas de Sabá, que talvez sejam a mesma, envio-lhe meu agradecimento."

O Doutor Jung Escreve o Prefácio de "Las Visitas de La Reina de Sabá"

O DOUTOR JUNG dera-me o impulso e, de volta à Índia, entreguei-me de todo ao trabalho de continuar minhas estórias da Rainha de Sabá. Elas se foram organizando, criando-se quase por si mesmas; fizeram-me seu prisioneiro. Parece-me de fato que alguém me usou, valeu-se de mim. "Alguém me pescou em suas redes"; muito provavelmente no mar do Inconsciente Coletivo, ou o que isso significa. Sentia-me impelido por um vento poderoso, mais poderoso que o monção; e nas noites quentes da Índia, perfumadas pelo ratkirani, esse jasmim mortal, com os braços estendidos, tocando às vezes uma flauta velhíssima, de tempos remotos, procedente de Ur, na Caldéia, ou da lendária Iskandaria, nas estepes da Ásia central, procurava recriar em carne e osso uma alma mitológica, um sonho da

espécie. Contudo, ao final, o que surgiu foi um pé sangrando, a ferida de um flanco, uma Cruz, uma Flor sobre a Cruz.

Terminado o manuscrito e traduzido para o inglês, enviei-o ao professor Jung em Kusnacht, acompanhado da seguinte carta:

"Deli, 26 de novembro de 1959.

Querido doutor Jung:

Estou certo que o senhor será a única pessoa que poderá entender bem as páginas que lhe remeto. De certa forma, essas páginas foram inspiradas pelo senhor, porquanto se iniciaram com a estória de "Las Visitas de la Reina de Sabá", que lhe entreguei com uma dedicatória em Locarno, em fevereiro passado. Sua compreensão permitiu-me continuar o trabalho com as estórias que aqui vão. Estou enviando-lhe o manuscrito antes de publicá-lo na Índia. Minha única preocupação é o senhor encontrar tempo para lê-lo.

Com minhas afetuosas saudações."

A resposta levou cerca de dois meses para chegar. Dizia:

"Kusnacht, 14 de janeiro de 1960.

Querido senhor Serrano:

Rogo-lhe perdoar meu prolongado silêncio. A idade avançada diminui o tempo da atividade e tive que esperar o momento de poder retirar-me das vizinhanças da cidade para a tranquilidade e o silêncio do campo, onde poderia escrever uma carta sem ser incomodado.

Sua obra é extraordinária. É como um sonho dentro de outros sonhos. Altamente poética, diria eu, e bem diversa dos produtos do Inconsciente a que estou acostumado, embora algumas figuras arquetípicas estejam claramente indicadas. O gênio poético transformou o material primordial em formas quase musicais, assim como, num outro extremo, Schopenhauer entendia a música como movimento das idéias arquetípicas. O fator principal e formador parece ser uma forte tendência estética. Em razão disso, o leitor fica seduzido por um sonho crescente, num espaço que se amplia cada vez mais e numa insondável profundidade do tempo. O elemento

racional não representa um papel importante, embora resida num fundo nebuloso, bastante vivo na riqueza do colorido das imagens.

O Inconsciente — ou o que nós designamos por esse nome — apresenta-se ao autor no seu aspecto poético, embora eu o perceba principalmente no seu aspecto científico ou filosófico, ou quem sabe se mais exatamente no seu aspecto religioso. O Inconsciente é sem dúvida a Panmeter, a Mãe de Tudo (isto é, de toda a vida psíquica); é a Matriz, o fundo, o fundamento de todos os fenômenos diferenciados que chamamos psíquicos: religião, ciência, filosofia, arte. Sua experiência — em qualquer forma que seja — é a aproximação da totalidade; justamente essa experiência que se encontra ausente em nossa civilização moderna. É a avenida e o caminho real do Unus Mundos,.

Com meus melhores votos de feliz Ano Novo.

Seu, muito afetuoso,

C. G. Jung."¹

Dessa carta gostaria de destacar especialmente o parágrafo em que Jung define-se a si mesmo, declarando que o Inconsciente, "ou o que se designa por esse nome", apresenta-se a ele com mais exatidão sob o aspecto religioso.

Mostrei essa carta a vários amigos, os quais opinaram que deveria solicitar a Jung a permissão para utilizá-la como prefácio do meu livro. Resisti a esse conselho; não desejava importunar o professor. Por outra parte, dizia comigo: "À sombra desta grande árvore não podem crescer pequenas plantas. Não está bem, além do mais, fazer uso do apoio.

Devo caminhar sozinho, como ele mesmo. . ."

1. Todas as cartas do professor Jung são publicadas com autorização da família. Brevemente, "Adler" editará na Inglaterra a correspondência de Jung e incluirá também as cartas reproduzidas aqui.

Por aqueles dias visitava Deli o historiador inglês Arnold Toynbee, que almoçou um dia em minha casa. Ao falarmos sobre

Jung, contou-me que fora lendo sua obra que decidira procurar uma explicação mítica para o nascimento da civilização no mundo. Isto decidiu-me e, embora Toynbee tivesse suas dúvidas ao mostrar-lhe a carta de Jung e pedir sua opinião sobre o prefácio, escrevi novamente ao professor Jung solicitando-lhe sua autorização. A resposta não se fez esperar, como se de fato ele estivesse aguardando meu pedido e houvesse escrito propositadamente aquela carta para servir de introdução.

Esta foi sua resposta:

"Kusnacht, 16 de junho de 1960.

Querido senhor, Serrano:

Agradeço-lhe sua carta. E sinto vivos remorsos por não haver encontrado o tempo e o descanso necessários para responder a sua outra importante missiva, que recebi há bastante tempo. Em casos como , necessito de Kairos, o momento preciso, em que me seja possível dar a resposta apropriada, ultimamente, porém, fui interrompido por inúmeras coisas, sobretudo por visitantes inoportunos, e a ocasião favorável para escrever-lhe não se apresentou ainda; guardo porém a carta comigo com a firme intenção de respondê-la tão prontamente quanto me for possível, e o senhor vai receber essa resposta, pode estar certo.¹

No que se refere à sua solicitação, sinto-me feliz em dizer-lhe que aprecio muito ver minha carta incluída em seu livro. Permita-me apenas chamar sua atenção para um erro de máquina: o nome grego da Mãe de Tudo escreve-se corretamente Pammeter e não Panmeter.

Fui informado, com grande pesar, que o senhor sofreu um acidente, paralelo, poderia dizer, ao terrível desastre que assolou seu país. Li com horror a respeito da enorme destruição e das muitas pessoas que perderam suas vidas. Parece que a Mãe Terra atravessa uma situação difícil, em tudo semelhante à da humanidade, embora a mente científica não simpatize com esta coincidência.²

1 Minha outra carta, e a resposta a que o doutor Jung se refere, encontram-se reproduzidas mais adiante, num capítulo separado.

2 Jung referia-se aos espantosos terremotos que devastaram então o sul do Chile. Respondi ao doutor Jung:

"Estou certo de que deve existir uma profunda relação entre a Mãe Terra e a mente humana. Às vezes penso que a Terra é um grande organismo, e o homem algo como suas células localizadas em diferentes partes deste grande corpo. Pensei sobre isso quando o senhor me escreveu dizendo que meu acidente é um fato paralelo ao terrível desastre que ocorre em meu país.

A fantástica beleza da paisagem chilena, suas montanhas e seus lagos, e a extraordinária transparência do seu clima em torno dos vulcões, lembra a beleza de uma alma vivendo à beira do abismo, ou o halo que envolve uma menina enferma de tuberculose, que deverá morrer irremediavelmente. Sim, o Chile é um ponto extraordinário no corpo da Mãe Terra e meu ser está unido ao desse país. Em verdade, sou um homem do Sul do Mundo..." (Trechos de uma carta enviada a Jung no dia 27 de junho de 1960.)

Não tirei ainda minhas férias de verão. Luto contudo para abrir um caminho em meio a uma inundação de trabalho.

Com meus melhores votos para sua pronta recuperação.

Seu, muito afetuoso,

C. G. Jung."

Esta é a história de minha colaboração com o doutor Jung em uma obra de símbolos e poesia. Creio que nunca anteriormente, em sua extensa vida, deu ele um prefácio para um trabalho puramente literário. Suas introduções foram sempre para trabalhos científicos ou de pesquisa, para traduções como o "I Ching" e a "Flor de Ouro", de Wilhelm, ou para o "livro dos Mortos" do Tibet, e "O Livro da Grande Libertação".

E agora me pergunto; Por que Jung me concedeu esse prefácio? Sincronismo? Ou foi talvez o Círculo Hermético, a Áurea Catena, a que não tem idade. . .

Quando o primeiro exemplar do meu livro foi publicado, enviei-o a Jung com a seguinte dedicatória:

"Se alguma vez pude duvidar da intervenção de forças ocultas no mundo, o fato de o senhor me presentear com prefácio para "Las Visitas..." é uma prova da existência destas forças e também mais uma visita do desconhecido e do mistério no qual iremos unidos — embora talvez já estivéssemos — por vontade de Alguém que também desconhecemos, mas que nos conhece.

Com agradecimento e admiração.

Deli, domingo, 21 de agosto de 1960."

Com Arnold Toynbee

COMO JÁ disse, por essa data visitava a Índia o historiador Arnold Toynbee. Pronunciou várias conferências em Deli, convidado pelo "Indian Council for Cultural Relations", num seminário dedicado à memória de Maulana Azad.

Toynbee referiu-se a necessidade de uma religião universal, a uma espécie de sincretismo em que todos os grupos religiosos do mundo coexistissem lado a lado.

Em nossas conversas, Toynbee contou-me que em Zurique tomara parte na celebração do aniversário de Jung, pronunciando na ocasião um discurso pelo rádio. Toynbee contudo não havia visto o professor.

Como se sabe, Toynbee preocupava-se com o fato de que, embora o homem exista há mais de um milhão de anos sobre o planeta, a civilização só principiou há cerca de cinco mil anos. Por quê? O que tornou isso possível? Por que não antes? A hipótese junguiana dos arquétipos e da universalidade do Mito deu a Toynbee um ponto de partida.

Explicou-me:

— Talvez algum chefe de tribo tenha tido um sonho, que se apoderou dele. Foi possuído por um Mito, por um Arquétipo, por uma visão, e seu temor transmitiu-se a toda a comunidade.

Assim, segundo Toynbee, a religião seria o motor histórico. Na verdade, é ela que evolui em suas manifestações ou aparências de imagens eternas, ainda mesmo quando o invólucro externo, visível, da História, se repete, como afirmava Spengler. Hoje, as condições introduzidas pela super-técnica e pelo automatismo, das quais Toynbee é partidário, tornam possível uma religião do tipo universal, segundo ele.

Em tudo isso, porém, creio haver uma explicação demasiado racional e até mesmo um tanto simplista.

Perguntei a Toynbee sobre sua idéia do Arquétipo. Ele me disse:

— O Arquétipo de Jung é bem diferente da Idéia platônica. É um fenômeno natural, ou que se atribui à natureza... Mas há algo em Jung que nunca pude entender: sua hipótese do sincronismo. O que é o sincronismo?

Depois falamos do momento histórico, da Ásia e da Europa. Toynbee visitou também vários países da América do Sul, interessado que estava nas civilizações pré-colombianas.

— Creio, disse eu, que o Ocidente caminha para o redescobrimento dos valores da alma, da mesma forma que o Oriente experimenta a sugestão da técnica e de uma civilização puramente extrovertida.

Fiz referência às possibilidades de sobrevivência do homem branco diante do enchente do oceano imenso dos homens de cor.

— O homem branco deveria mergulhar como o nadador diante da onda monstruosa, para procurar sair do outro lado. Deveria silenciar agora para deixar falar as raças de cor. Deveria, nesse ínterim, estreitar o círculo, robustecer a corrente, para conservar um possível legado. Somente deste modo poderá ele apaziguar o justo desejo de vingança do oceano enfurecido, ocultando-se um instante para pôr um bálsamo sobre as feridas ainda vivas das raças que foram dominadas no passado. Ele só preservará seu legado se redescobrir o Mito e a Lenda. A ação exterior é completamente desnecessária quando a mente é como um rádio que transmite e recebe, ainda que seja na mais total solidão, no isolamento mais absoluto. Nada se perde. O verdadeiro caminho é o da magia, o trabalho para a perfeição individual. No mundo das massas atuais, são mais necessárias do que nunca as individualidades fortes, que polarizam e equilibram as tensões. . . Creio que o Oriente e a Índia, esgotaram o caminho da introversão; ali já não dão resultado o yoga, a meditação, a concentração, e isso porque o Inconsciente Coletivo

deste mundo parece ter esgotado esse caminho. O Oriente sai para o exterior, os swami e o yoga, os homens santos do Oriente continuam nessa posição quase que por uma velocidade adquirida, dentro de normas estereotipadas que já não afetam suas fibras profundas. A visão de uma máquina fotográfica desperta neles maior entusiasmo e põe em movimento forças psíquicas mais poderosas do que o aparecimento em carne e osso do deus Vishnu. . . Em compensação, o caminho da antiga magia, sua técnica arcaica, exerce um poder fascinante sobre o homem branco esgotado pela técnica, afetando-o e podendo transformar sua vida inteira. . . O pêndulo mudou de posição. . .

Assim falava eu aquela tarde ao professor Toynbee. Ele escutava em silêncio., com a extraordinária bondade que emana de sua pessoa, enquanto sua cabeça branca recortava-se no crepúsculo, contra o céu puro de verão na Índia. Não estou certo de que compartilhasse de meus pensamentos; na verdade, eu os deixava surgir livremente, sem sentir-me responsável por eles, seguindo de certa forma a técnica do pensar hindu que me fora explicada por Jung.

Folhee com Toynbee um livro de Jung que analisa os problemas do mundo atual, *The Undiscovered Self*, e lemos algumas de suas páginas, embaixo das mangueiras.

"Deli, 24 de fevereiro de 1960.

Querido doutor Jung:

Ontem almocei com o professor Arnold Toynbee e ele me disse que esteve recentemente na Suíça para a data do seu aniversário. Lamento não haver sido informado a tempo para enviar-lhe minhas felicitações. Aceite-as agora, embora tardiamente.

Encontro-me lendo seu livro *The Undiscovered Self*.

Conversei sobre ele com Toynbee, que pronunciou aqui algumas interessantes conferências sobre "A Civilização Universal" e "Uma Religião Mundial", etc. Seguindo de perto suas idéias, disse a

Toynbee que talvez fosse melhor para os ocidentais retirarem-se aos bastidores e deixar aos outros povos o campo de ação livre, uma vez que a tarefa mais importante para o mundo cristão seria tratar de preservar a individualidade, a persona, flor delicada que se encontra em perigo de desaparecer. Disse-lhe que para conseguir polarizar a massa e a quantidade, fazia-se necessário criar a qualidade. E isso só poderá ser realizado revivendo e revitalizando os símbolos; uma tarefa solitária.

Penso que neste caminho, hoje em dia, o senhor é a única luz. Isto se verá melhor no futuro. Mas não estou certo. Também os artistas, que trabalham hoje com os símbolos, esforçam-se por algo parecido, mas inconscientemente, a meu ver.

Com minhas mais afetuosas saudações."

"Kusnacht, 31 de março de 1960.

Querido senhor Serrano:

Agradeço-lhe sua interessante carta e estou inteiramente de acordo que as pessoas que no Ocidente possuem a visão e a vontade necessárias deveriam preocupar-se mais consigo mesmas e com suas próprias almas do que pregar às massas ou procurar encontrar o melhor caminho para essas. Se agem dessa forma é porque não conhecem o caminho para si mesmas. Infelizmente, é uma triste verdade que, de uma forma geral, os que não sabem nada a respeito de si mesmos dedicam-se a pregar aos demais, embora saibam que o melhor método de educar consiste no bom exemplo.

Sem dúvida alguma, a arte moderna esforça-se ao máximo por fazer com que o homem entre em contato com um mundo repleto de obscurantismo — mas por infelicidade, os próprios artistas não tem consciência do que fazem.

Só o pensamento de que a humanidade deve dar um passo à frente, estendendo e reafirmando a consciência do ser humano, parece ser tão difícil que ninguém o compreende; ou melhor, é tão árduo que ninguém possui a coragem para enfrentá-lo. Todo passo à

frente para o progresso da psique foi pago com sangue. Sou tomado de tristeza e medo quando penso nos meios de autodestruição que são acumulados pelos poderes importantes do mundo. Enquanto isso, todos pregam a todos e ninguém parece compreender a necessidade de que o caminho da melhoria começa exatamente em cada um, embora seja uma verdade tão simples. Todos andam em busca de organizações e técnicas mediante as quais cada um possa seguir o outro e mediante as quais as coisas possam ser feitas em companhia e sem perigo.

Gostaria de perguntar a Toynbee: Onde está sua civilização e o que é sua religião? O que ele diz às massas será estéril, me parece, a menos que haja chegado a ser verdade e realidade para ele próprio. As meras palavras perderam seu poder de forma considerável, porque foram empregadas e deformadas durante um tempo demasiado longo.

Esperando que o senhor se encontre bem de saúde,

Sinceramente seu

C. G. Jung."

Respondi a esta importantíssima carta do doutor Jung com uma outra bastante extensa que me valeu, por sua vez, uma resposta de mais de dez páginas manuscritas do grande homem. Devido à data em que a escrevera — poucos meses antes de sua morte — e graças ao tema fundamental, ela constitui para mim algo como seu testamento ideológico, razão pela qual reproduzo as duas cartas, em sua totalidade, pouco mais adiante. Era a essa carta que Jung se referia em sua comunicação do dia 16 de junho de 1960.

Recebo a Última Carta do Doutor Jung

EM SETEMBRO de 1960, tive que viajar para o Chile e de passagem por Zurique desejei visitar novamente o professor Jung. A senhora Aniela Jaffe informou-me que ele se encontrava bastante enfermo e acamado, razão pela qual não me seria possível vê-lo. Contou-me ainda que até o dia anterior estivera trabalhando na

resposta à minha carta, que estava ainda inacabada. Contudo, aconselhava-me a recebê-la assim mesmo. A senhora Jaffe se encarregaria de fazê-la assinar pelo doutor Jung em seu leito. Convidou-me para tomar chá em seu apartamento de Zurique, no dia seguinte, quando me entregaria a carta do professor.

Revisitei a velha cidade de Zurique. Almocei num restaurante junto à Catedral, com seu relógio monumental e uma árvore imensa crescendo no pátio fronteiriço. A força desta árvore é como a força invencível da História e seu tronco como um manancial de energia projetada pelas entranhas da terra, endurecido ao contato do ar, força obscura que faz com que os mitos regreis m através dias idades. Perto dali, havia um balcão florido na primavera, mas seco e desabrigado como um deserto sob as neves do inverno.

Neste local acha-se também uma casa que foi habitada por Goethe. O Deão da Catedral, Johann Kaspar Lavater, morto em 1801, era seu amigo. Encontra-se ali sua sepultura. Goethe visitou este local em 1779 e, com seu amigo Lavater, passeou por essas ruas, talvez conversando sobre Fausto e os alquimistas. Desde jovem, Jung sentiu uma grande afinidade com Goethe e existe uma lenda em sua família sobre um possível parentesco através dos filhos naturais do grande poeta.

Imóvel ali, contemplava a torre do relógio, o balcão e a pracinha. Era um tempo solitário, as coisas estavam como que paradas no espaço. Ninguém transitava por ali naquele instante. Um gato surgiu, caminhando pausadamente e foi parar em baixo do balcão. Ouvi passos e logo depois um homem apareceu. Vinha caminhando por uma das ruas laterais e entrou na pracinha, aumentando com sua presença o estatismo da hora; seu vulto parecia desligado do cenário e dos demais objetos, irremediavelmente sozinho, isolado do contorno, sem a Catedral, sem a praça, sem o mundo, sem Deus.

Recordei-me então de outra cena antiga, no Oriente, na cidade de Patan, vizinha a Katmandu, no Nepal; também numa pracinha,

num dia de sol frio. Os edifícios com seus telhados curvos e levantados destacavam-se sobre o fundo nevado. Estátuas douradas, madeiras talhadas em cores violentas, cenas de amor esculpidas nos muros; nos amplos pátios, nos templos e ruelas amontoava-se o grão profuso, amarelo, solar. De súbito, uma mulher coberta de preto entrou por uma das ruas, desembocando na praça. Chorava aos gritos, desconsoladamente. Seus lamentos atravessavam a manhã clara daquela distante cidade perdida.

E agora comparava aquela com a cena do Oriente. Aquela mulher, apesar de seu pranto agitado, fazia parte da paisagem, não existia, era um fantasma da mente coletiva, da História, da lenda; contudo, ligava-se a uma tradição, à alma quente dos mitos, ao sangue de seus deuses. A cena daqui porém, na Europa, na Suíça, na velha Zurique, era uma visão desolada. Um homem com as mãos no bolso do seu sobretudo, desligado, indiferente a tudo, à parte, sem contato com sua própria paisagem, com a praça da Catedral. Era a imagem do abandono: a persona e seu medo da morte.

Uma imagem de cartão recortada com tesouras de um jornal matutino e que ao meio-dia deixou de existir, que já passou de moda.

Entretanto, em tudo aquilo havia uma inegável beleza, profunda, delicada, dramática: na Catedral, na praça, no balcão, no gato e no homem.

Era a beleza, o drama do indivíduo, do efêmero e de seu anseio de eternidade.

Aquela noite encontrei-me com alguns discípulos de Jung e juntos consultamos o livro várias vezes milenar dos horóscopos da China, o "I Ching", ou "O Livro das Mutações".

Como já disse, esse livro foi revelado por Wilhelm e foi incorporado ao acervo cultural vivo do homem moderno pelas práticas do método de Jung, mediante seu descobrimento da lei decorrente do sincronismo, hipótese que se baseia na correspondência entre o mundo da realidade objetiva e a alma do homem, de modo que ambos se interinfluenciam, modificando um ao

outro. A alma, em certos instantes de grande tensão, de amor exaltado ou de ódio, influi sobre a realidade chegando, por assim dizer, a "modificar o curso dos astros".

Jesus dizia: "A fé move montanhas." E Oscar Wilde: "A natureza imita a arte." Do mesmo modo, os astros influem sobre o destino, as decisões e as "mutações". Num sentido profundo, o destino funda-se no Inconsciente, uma vez que esta é a Mãe de Tudo, e talvez o próprio céu com suas constelações incluía-se ali. O romano antigo que tropeçava "inconscientemente" ao sair de sua casa, voltava atrás e não realizava naquele dia seus afazeres. Jung referiu-se ao sincronismo no livro intitulado A Interpretação da Natureza e da Psique, escrito em colaboração com o sábio W. Pauli.

O mundo externo é percebido por nós mediante nossos sentidos e aquilo que não se viu, como o núcleo do átomo, os prótons, os elétrons, foi concebido a priori, pela mente, adivinhado ou — por que não dizê-lo? — inventado. Assim, a realidade conforma-se exatamente com o que a mente do homem concebe e surgem, entre outras coisas, a bomba atômica e a explosão, a ponto que se poderia dizer que o que explode é uma idéia.

Nunca se poderá saber o que é a realidade em si, já que, embora mediante os complicadíssimos instrumentos mecânicos e técnicos, quem em suma olha, vê e calcula é o homem que os construiu à imagem e semelhança de seu instrumento último: sua mente terrena. Poderia mesmo afirmar que com teses opostas, completamente contrárias à teoria da relatividade, também se teria chegado à desintegração do átomo, como prova o fato de que os alemães horbigerianos também produziram a bomba atômica. Na realidade, toda teoria, todo conceito não é mais do que uma hipótese de trabalho e a realidade última será sempre inacessível. O que conta em todo caso, tanto nas ciências quanto nos outros "fenômenos diferenciados", seria uma realidade arquetipa, pertencente à alma e que, num momento histórico, ou numa constelação determinada, impõe-se à realidade inacessível ou a cria, freqüentemente por meios

opostos, com diferentes "hipóteses de trabalho" e até mesmo sem importar-se com essas, acentuando suas urgências misteriosas. Arquétipos seriam então a bomba atômica, a desintegração do átomo e a Tríade (o número "Três") que hoje reaparece no ateísmo comunista com Marx, Engels e Lenine, tal como sucede com o Pai, o Filho e o Espírito Santo; e com Brama, Vishnu e Siva.

É por isso que a Magia nunca perdeu sua força essencial, uma vez que é possível atuar sobre a "realidade" graças à correspondência existente com a alma, pela lei decorrente do sincronismo e porque, quando a alma se encontra numa tensão extrema, "apaixonada", cria as condições "milagrosas" para a transformação, ou transfiguração.

Sentados no chão de um quarto de hotel, consultávamos o antiqüíssimo livro. O "I Ching" só deve ser aberto quando a resposta não foi encontrada por outros meios; em casos extremos, por assim dizer. E essa era minha situação: consultava-o para saber se havia chegado minha hora de deixar a Índia.

E a resposta do "I Ching" foi que, "para não estacionar, deveria arriscar a travessia das grandes águas".

Novamente o "Livro das Mutações" revelava sua grande sabedoria. Deveria partir, para harmonizar a alma e poder assim um dia chegar a ver "meu" Oriente de longe, com a necessária perspectiva.

Aniela Jaffe é magra, graciosa, com um rosto sensível e mãos finas. Conversamos longamente. Apreciava a atmosfera de retiro de seu pequeno apartamento, abandonando-me, quase sem pensar. Pela janela do quarto avistava-se o pátio de um convento. Ali caminhavam algumas freiras. Aniela Jaffe veio a ser para o doutor Jung o que Eckermann foi para Goethe. Fez o doutor terminar sua autobiografia, obra fundamental, publicada após sua morte, na qual revela muitas chaves do seu pensamento.

Com afeto e agradecimento sinceros, contemplava aquela mulher, associada à minha existência por haver ajudado a relacionar-me com Jung.

Aquela tarde, Aniela Jaffe entregou-me um documento de incalculável valor: as dez páginas manuscritas do professor Jung.

Texto das Cartas

TRANSCREVO em seguida as duas cartas. Incluo a minha unicamente porque motivou a última que recebi do doutor Jung, escrita originalmente em inglês e inacabada em consequência de sua enfermidade. Temia-se um desenlace fatal; contudo, Jung viveu até o dia 7 de junho de 1961. Sua carta foi assinada no dia 14 de setembro de 1960. Como ele mesmo confessou, levou mais de um mês para escrevê-la.

"Nova Deli, 7 de maio de 1960.

Querido doutor Jung:

Sua última carta foi de grande importância para mim e lhe agradeço muito. Quanta verdade há no que o senhor diz! Contudo, nem todos compreenderiam. Julgam ser impossível encontrar uma solução para os problemas atuais mediante o isolamento para aperfeiçoamento da pessoa humana.

Diriam: e a fome, e a miséria, e os povos subdesenvolvidos, e as massas? E afirmariam que se trata de individualismo, que seria um egoísmo criminoso pretender aperfeiçoar o indivíduo nessas circunstâncias. Mas, na verdade, eles desconhecem o trabalho da mente. A mente trabalha como um gravador de fita ou como um rádio que emite e recebe ondas.

Recordo ter ouvido certa vez uma história: os anjos pediram a Deus que destruísse o mundo, porque os homens haviam chegado ao limite da maldade. Deus, porém, indicou-lhes um local perdido na terra onde rezava uma menina. E Deus disse: "Por causa dela não destruo o mundo." Essa menina, entretanto, não fazia outra coisa senão rezar. E essa menina sustentava o mundo. Em uma palavra, o mundo se transforma graças ao Inconsciente. E para modificar o Inconsciente, com a colaboração ou auxílio da mente consciente, não

bastam a vontade e o mero desejo, a ação racional, a atividade externa. O caminho é outro, é o caminho antigo da magia, da Alquimia, a atitude lendária. A Índia, que viveu tanto tempo nessa posição, esgotou-a e não obtém mais nenhum êxito por este meio. O mesmo acontece talvez com o Oriente e com os povos de cor. Em compensação, o Ocidente esgotou a posição racional; insistindo nela, produzirá unicamente infelicidade para si mesmo e para o mundo. Torna-se necessária pois uma mudança. Por isso, dizia ao professor Toynbee que era melhor para o homem branco ocidental retirar-se aos bastidores e deixar os outros povos realizarem os trabalhos exteriores, os da política e do mundo em geral. Não há possibilidade de interromper a lógica perturbadora do marxismo, do materialismo histórico, dentro da dialética racionalista, como não há possibilidade de provar a imortalidade da alma, ou sua existência, racionalmente. A evidência disso está em outro local, em outras fontes que não dependem da razão. Ademais, dentro da razão não há evidência possível.

O que hoje é certo, amanhã não é mais. Trata-se de um mundo instável por antonomásia. Os hindus, que pensam pensamentos diferentes, procedentes de fontes não-rationais, carecem, por sua vez, da lógica racional dos ocidentais. Agora porém estão começando a se transformar e terão talvez que aprendê-la. O Ocidente, em compensação, terá que aprender a ser ilógico. É a única maneira de poder combater o comunismo, o estatismo e a escravidão tia pessoa.

Por outra parte, a verdade é que não há verdades absolutas? que tudo é criação. Wilde dizia que a "natureza imita a arte". E tinha razão, no sentido de que a natureza conforma-se com a vontade que emerge do Inconsciente. Desde o lagarto que mimetiza seu corpo até a mulher que adapta sua forma física à idéia da moda, à idéia da beleza predominante no momento. Uma fé, uma crença constante e firme podem chegar a tornar-se uma realidade. Isso não significa que a idéia marxista, que as leis de sua evolução econômica sejam corretas. Mas se elas são acreditadas e praticadas sem encontrar

oposição de uma crença mais poderosa, ou pelo menos diferente, nesse caso realizar-se-ão, mediante a vontade firme que está por trás da idéia. Talvez não existam leis, nenhuma lei no mundo, e exista apenas a fé, a "idéia" de que existem. E é isto que as torna possíveis.

Em princípio, talvez Toynbee tenha razão quando afirma que a história pode se transformar se o homem encontrar a réplica ao desafio que a história lhe apresenta, e que é preciso usar a propaganda como um meio para modificar as mentes. Ele acredita também no poder da mente. Mas onde se equivoca é ao pensar que isto se pode realizar conscientemente, racionalmente. Nesse sentido, os comunistas farão sempre melhor. E o produto será diabólico do Ocidente e em todo o mundo atual, pelo fato de estarmos insistindo demasiado numa posição psicológica sem respeito pelas outras "instâncias" (chakras?). Sem compensação natural, sem totalidade, como diz o senhor. O único caminho para sair desse dilema seria talvez o apontado pelo senhor: o trabalho da ressurreição dos símbolos, procurando encontrar novamente o elo perdido, cortado, entre a Ciência e a Alquimia, ou melhor entre a Ciência e a Alma; porquanto poderia ser também uma ciência de projeção, um símbolo. Em sua aspiração à unidade do cosmos e em seu desejo de explorá-lo inteiramente, estaríamos expressando novamente o desejo do homem pela totalidade.

Em todo caso, o caminho agora para o cristão deveria ser em direção ao interior, em busca de sua alma desgarrada, a fim de transformar-se num mago que não utilizaria mais a palavra, o verbo sacrilegamente. Porque a palavra, como disse acertadamente o senhor, perdeu seu poder. O verbo já não cria mundos. O mago não deve falar; só deveria fazer gestos, ou apenas pensar, emitir pensamentos do Inconsciente, capazes de transformar o mundo. Isso é o mais difícil, como o senhor sugere, e ninguém possui o valor para tentar. A fim de evitar isso aqui na terra, o homem está disposto a fugir para outros planetas, para o céu, para a morte e a destruição atômica. Porque isto é mais fácil.

É tremendamente difícil, porém, trabalho para alcançar a totalidade, querido doutor Jung. É um caminho tão árduo. . . Sinto, desde sempre, há muitos anos, que o falar, o escrever, não conduzem a nada, exceto à dispersão. Que o fazer é contrário ao ser. E, no entanto, continuei escrevendo.

Krishnamurti prega que não se deve seguir um Mestre, que não se deve querer reformar o mundo, que nos devemos manter tranquilos. Mas ele continua proferindo conferências em todo o mundo. Perguntei-lhe: "E o senhor, por que fala?"

Respondeu-me: "Faço-o tal como a flor que exala seu perfume. A flor não sabe porquê. É sua expressão natural."

Insisti: "E o senhor sente prazer em falar?" Respondeu-me que não, que se cansava um pouco. E a flor, por acaso se cansa quando emana seu perfume?

Tudo anda mal, algo anda muito mal em toda a parte e em todos nós. Serão os sinais do Apocalipse? Terão razão os sábios hindus com sua teoria dos "Kalpas"? Estaremos às portas de uma nova submersão da Atlântida? O Semeador semeou as sementes e um número fixo e predeterminado frutificou. As demais não servem. Passa-se agora o arado e se deixará repousar a terra até o novo grande plantio.

O árduo caminho para o cristão de hoje foi assinalado pelo senhor, redescoberto. Quão difícil era encontrar o caminho perdido! Por isso Hermann Hesse estava certo quando dizia que o senhor era uma gigantesca montanha. E quão incompreendido! Diria mesmo que ainda o é pelos próprios discípulos.

Recordo que quando lhe perguntei em Locarno pelos chakras o senhor me disse que os chakras eram "centros da consciência". E enumerou-os com seus nomes sânscritos.

Entretanto, pouco depois, conversando com a doutora Jacobi sobre o mesmo assunto, ela me dizia que os chakras não eram centros da consciência, mas sim de energia. Mas eu sei, por experiência, que o senhor está certo, porquanto descubro em meu

corpo zonas de consciência distintas, pressinto que meus sonhos vêm de diferentes partes do meu corpo. Alguns originam-se nos joelhos, por exemplo, e não acabaram de agir quando acordo. Ali continuam vibrando, e se não interrompo o processo com minha mente racional, as imagens produzidas por meus joelhos, ou conservadas neles, deslizam como um rio até a consciência, ou até a luz do dia. Outras verdades como esta podem proceder do ventre e do coração. É por isso que o ser total, inteiramente consciente, em todos os seus chakras, deverá ser redondo, como o ser dos alquimistas e também como um astro ou um planeta.

Tudo é uma questão de aprender a ouvir-se, porque no indivíduo há regiões que sabem muito mais do que o próprio indivíduo. Meu joelho sabe mais, ou sabe outras coisas, além das que conheci.

E assim, ouvindo, escutando, poderíamos talvez atingir esse centro que, como o senhor diz, parece não existir, como se fosse criado, inventado por nós mesmos; mas que, entretanto, nos envolve, nos domina, a ponto de sem ele nada sermos. Sem ele somos "mortos que enterram seus mortos".

Esse centro é nosso filho e também nosso pai. O Filho que é o Pai. O Si-Mesmo.

Doutor Jung, o senhor com sua grande experiência encontrou alguma vez alguém que tenha transformado, modificado o centro de sua consciência, alcançando o Si-Mesmo, graças a uma técnica, inclusive a sua? Pessoalmente não creio ser isso possível. Parece-me que os indivíduos diferentes nascem assim. No outro extremo encontra-se a revelação: mas mesmo ela me parece inferior ao produto natural, ao nascimento. Talvez seja isso o que os hindus chamam "karma" (um "karma" coletivo) e a reencarnação. Talvez seu esforço, seu trabalho, e o meu, só produzam frutos em alguém que irá nascer futuramente. O esforço de hoje produz assim seus frutos. E talvez esse alguém sejamos nós mesmos. Contudo, sendo o tempo

uma ilusão, os resultados de nossos esforços são também instantâneos.

Com meu mais sincero afeto.

P.S. A pedra preciosa do seu anel gnóstico só deverá ser dada pelo senhor, doutor Jung, a quem irá continuar seu trabalho, receber sua mensagem. Essa mensagem que vem sendo transmitida desde uma região sem tempo."

"Kusnacht, 14 de setembro de 1960.

Querido senhor,

Sua carta do dia 7 de maio de 1960 é tão vasta que não sei por onde começar a respondê-la. O caminho que proporia para a solução dos nossos problemas contemporâneos é na realidade o processo a que me vi forçado como um indivíduo moderno que se depara com a insuficiência moral, social, intelectual e religiosa do nosso tempo. Reconheço portanto que só posso dar uma resposta parcial: a minha, que, por certo, não é universalmente válida, mas que talvez seja suficiente para um número restrito de indivíduos contemporâneos. Sobretudo quando minha posição principal não é outra senão essa: "Siga a vontade ou o caminho que a experiência indica ser o seu e que é a verdadeira expressão de sua individualidade." Como nenhuma pessoa pode chegar a ser consciente de sua individualidade, a menos que se encontre íntima e responsavelmente relacionada com seus semelhantes, tal pessoa não se isolará num destino egoísta quando estiver procurando encontrar-se a si mesma. Somente pode descobrir-se a si mesma quando se encontrar profunda e incondicionalmente relacionada com alguns e geralmente com muitos indivíduos com os quais terá a possibilidade de comparar-se e de conhecer-se. Se alguém, num supremo egoísmo, retira-se para a solidão do monte Everest, poderia descobrir muitas coisas acerca das amenidades dessas alturas solitárias, mas nada sobre si mesmo; isto é, nada que já não sabia antes. O homem, em geral, encontra-se nessa situação, em razão de ser um animal dotado de capacidade de

introspecção, mas sem a possibilidade de comparar-se com outras espécies de animais igualmente dotados de consciência. Ele é um animal superior, exilado num pequeno ponto planetário da Via Láctea. Esta é a razão pela qual não se conhece a si mesmo; encontra-se cosmicamente isolado. Somente pode dizer com segurança que não é um macaco, um pássaro, um peixe, nem uma árvore. Mas o que é definitivamente lhe permanece obscuro. A humanidade de hoje sonha com comunicações lares. Se nós pudéssemos nos comunicar com a população de outras estrelas, talvez encontrássemos os meios de aprender algo essencial sobre nós mesmos. Incidentalmente vivemos num tempo em que o "homo homini lúpus" ameaça ser uma terrível realidade e nos encontramos na cruel necessidade de conhecer além de nós mesmos. As ficções científicas sobre viagens à Lua, Vênus ou Marte e as lendas sobre discos voadores, são efeitos do nosso ofuscamento, como também da necessidade intensa de atingir uma nova base física e espiritual, além da nossa atual consciência do mundo. Filósofos e psicólogos do século XIX e XX procuraram proporcionar uma Terra Nova em nós mesmos, o Inconsciente. Sem dúvida, trata-se de uma descoberta que poderia dar-nos uma orientação em muitos aspectos. Enquanto as histórias sobre marcianos e venesianos baseiam-se apenas em especulações, o Inconsciente está ao alcance da experiência humana. Ele nos é quase palpável e familiar, mas ao mesmo tempo sua existência é estranha e difícil de entender. Se admitimos que aquilo que denomino "arquétipo" é uma hipótese verificável, logo nos deparamos com realidades autônomas com uma espécie de consciência e vida psíquica própria, que pode ser observada, ao menos parcialmente, em nós mesmos; e não apenas nos homens vivos como também na evolução histórica de muitos séculos. E quer denominemo-las Deuses, Demônios ou Ilusões, elas existem, operam e ressuscitam em cada geração.

Possuem uma enorme influência tanto na vida individual quanto coletiva e, apesar de sua familiaridade, são curiosamente não-

humanas. Esta última característica é a razão porque foram chamadas Deuses ou Demônios no passado e porque foram compreendidas em nossa época científica como manifestações psíquicas dos instintos, enquanto representam atitudes habituais e universalmente conhecidas, pensamentos-forma. São formas básicas, mas não manifestações personificadas ou, num outro sentido, imagens concretizadas.

Possuem um alto grau de autonomia que não desaparece quando a imagem manifesta se transforma. Quando, por exemplo, a crença no deus Wotan desaparece e ninguém mais pensa nele, o fenômeno originalmente denominado Wotan permanece; somente seu nome muda. e como Nacional-Socialismo renasceu em grande escala. Um movimento coletivo consistindo em milhões de indivíduos, onde cada um demonstra sintomas de wotanismo, o que prova, por conseguinte, que Wotan nunca morreu na realidade e que, muito ao contrário, conserva sua vitalidade original e sua autonomia. Somente nossa consciência imagina que perdeu seus deuses; na realidade eles estão conservados ali e só necessitam de uma condição geral para ressurgir com maior força. Esta condição é uma situação na qual uma nova orientação e adaptação se fazem necessárias. Se este fato não for claramente compreendido e não receber uma resposta adequada, os "arquétipos" que expressam precisamente esta situação introduzem-se nela e produzem a reação, que sempre caracterizou estas épocas; no caso presente, Wotan. Como unicamente alguns indivíduos são capazes de escutar e aceitar bons conselhos, é sumamente improvável que alguém dê atenção às advertências de uma voz que avisa sobre o perigo que Wotan possa estar dominando de novo. É provável, antes, que se deixem apanhar nessa armadilha.

Como nós perdemos em grande parte nossos deuses e como o estado atual de nossa religião não oferece uma resposta eficaz à situação mundial em sua generalidade e à "religião" do comunismo em particular, encontramos-nos diante de uma situação semelhante à da Alemanha pré-nacionalista dos anos 20; isto é, estamos dispostos

a correr o perigo de uma nova experiência wotanista, sendo que desta vez de caráter universal. Ou seja, epidemia mental e guerra.

Contudo, não nos damos conta que quando um "arquétipo" se encontra inconscientemente constelado, e não é compreendido conscientemente, estamos possuídos por ele e somos forçados a realizar fatalmente seu destino. Assim Wotan representa e formula nossa maneira de proceder; contudo, isto não soluciona, evidentemente, nosso problema. O fato de que um deus arcaico formule e expresse a dominante de nosso comportamento significa que devemos encontrar uma nova atitude religiosa, uma nova realização de nossa dependência às dominantes superiores. Não sei como isso seria possível sem um renovado autoconhecimento do homem, o que inevitavelmente deverá começar pelo próprio indivíduo. Possuímos o meio de comparar o Homem com outros "animálias" psíquicos e dar-lhe um novo lugar, que projete uma luz objetiva sobre sua existência; isto é, como um indivíduo operado e movido por forças arquétipas em lugar de seu "livre arbítrio"; isto é, por seu egoísmo arbitrário e sua consciência limitada. O indivíduo deveria aprender que não é o dono de sua própria casa e que deve estudar cuidadosamente o outro lado de seu mundo psíquico, o qual parece ser o verdadeiro dono do seu destino.

Reconheço que isto é simplesmente um "desejo pio", para cuja realização são necessários séculos, mas em cada "Eon" existe pelo menos alguns poucos indivíduos que entendem que o verdadeiro trabalho do homem consiste em perseverar e ultrapassar sua tradição em vista das futuras gerações e de uma época em que a visão interior haja alcançado um nível mais profundo e mais geral. Primeiramente, a direção de alguns poucos se transformará e, após algumas gerações, haverá um número maior. É impossível, pois, que a mente comum, em nossa geração e mesmo na próxima, sofra uma transformação visível, porque o homem atual parece ser completamente incapaz de compreender que, em certas circunstâncias, ele é um estranho a si mesmo. Mas aquele que for

capaz de uma semelhante visão interior, não importa quão isolado esteja, deveria ter consciência da lei do sincronismo, a que se refere o provérbio chinês quando diz: "O homem puro, sentado em sua -casa e pensando corretamente, será ouvido a mil milhas de distância."

Nem propaganda nem exposições se fazem necessárias.

Se o "arquétipo", que é universal, isto é, idêntico a si mesmo sempre e em toda parte, for tratado corretamente, ainda que seja num local solitário, ele será, sem dúvida, alcançado e totalmente modificado; isto é, simultaneamente e em todas as partes. Assim um velho alquimista dava a seguinte consolação a um de seus discípulos: "Não importa quão afastado estejas e quão solitário te sintas; se realizas teu trabalho com consciência e verdadeiramente, amigos desconhecidos te procurarão e chegarão onde estás."

Parece-me que nunca se perdeu nada essencial, porque a "matriz" está sempre presente em nós e a partir dela pode-se reproduzir o original, caso for necessário. Mas somente aqueles que aprenderam a arte de afastar seus olhos da luz cegante das opiniões correntes e fecham seus ouvidos aos ruídos dos slogans efêmeros, podem recuperar o essencial.

O senhor corretamente afirma, com Multatuli, o filósofo holandês: "Nada é inteiramente verdadeiro"; e deveria acrescentar com ele: "E nem isto é inteiramente verdadeiro." O intelecto pode expor sua profunda declaração de que não existe a Verdade Absoluta. Mas se alguém perde dinheiro, esse dinheiro foi perdido e isto é tão exato quanto uma verdade absoluta; o que significa que esse indivíduo não será consolado pela profundidade intelectual do pensamento. Há algo como uma verdade convincente, mas nós perdemos sua visão, sendo que essa perda se deve principalmente a nosso intelecto inconstante, ao qual sacrificamos nossa certeza moral, para só ganhar em troca um complexo de inferioridade que — digamos de passagem — caracteriza a política ocidental.

Ser é fazer e criar. Nossa existência, porém, não depende unicamente de nossa Vontade-Própria, porque nosso fazer e criar

dependem em grande parte do domínio do Inconsciente. Eu não estou somente projetando-me a partir do meu ego, mas também fui feito para ser criador e ativo; permanecer imóvel é bom apenas para alguns que foram demasiado ativos ou erradamente ativos. Caso contrário, é um artifício inatural que interfere necessariamente com nossa Crescemos, florescemos e murchamos, e a morte é a quietude última, ou assim parece ser. Mas muito depende do espírito, isto é, do sentido ou significado segundo o qual fazemos e criamos ou, em outras palavras, do sentido segundo o qual vivemos. Esse espírito expressa-se ou manifesta-se numa Verdade, que é inequívoca e absolutamente convincente para a totalidade do meu ser, embora o intelecto, em seu perambular sem fim, continuará sempre com seus "mas" e seus "talvez", os que, contudo, não deveriam ser suprimidos, mas sim recebidos como ocasiões para aperfeiçoar nossa Verdade.

O senhor escolheu dois bons representantes do Oriente e do Ocidente: Krishnamurti prefere o irracional, deixando as soluções para a quietude; isto é, para si mesmas, como uma parte da Mãe Natureza. Toynbee, num outro extremo, aspira construir e formar opiniões. Nenhum dos dois acredita no florescimento e desabrochamento do indivíduo como sendo o trabalho experimental, duvidoso e enganador do Deus vivo, a quem devemos prestar nossos olhos, ouvidos e nossa mente discriminadora, para cujo fim ficaram incubados durante milhões de anos e foram trazidos à luz apenas uns seis mil anos atrás; isto é, no momento em que a continuidade histórica da consciência chega a ser visível mediante a invenção da escritura.

Os homens se encontram na penosa necessidade de uma Verdade ou de um autoconhecimento semelhante ao do antigo Egito, do qual encontrei um exemplo vivo entre os índios taos. Seu chefe de cerimônias, o velho Ochwián Bianco — Lago da Montanha — disse-me certa vez: “Somos o povo que vive no teto do mundo; somos os filhos do Sol, o qual é nosso Pai; nós o ajudamos a levantar-se diariamente e a atravessar o firmamento. Por isso os homens brancos não

deveriam intervir em nossa religião. Se eles continuam fazendo isso, impedindo-nos de realizar nosso trabalho, verão que em dez anos o sol não se levanta mais."

O chefe de cerimônias acreditava corretamente que seus dias, sua consciência e seu sentido morreriam destruídos pela mentalidade estreita do racionalismo americano e que o mesmo ocorreria ao mundo em geral, se fosse sujeito a um tratamento idêntico. Esta é a razão porque procuro encontrar a melhor Verdade e a luz mais clara. E uma vez alcançado este ponto mais alto, não posso ir além. Guardo minha luz e meu tesouro, convencido de que ninguém sairia ganhando — e eu mesmo seria ferido sem esperança — se a perdesse.

Ela é o que há de mais alto e precioso, não apenas para mim corno também, sobretudo, para a escuridão do Criador, que necessita do Homem para iluminar sua Criação. Se Deus houvesse previsto inteiramente seu mundo, seria uma mera máquina sem sentido e a existência do homem um inútil capricho.

O Intelecto pode vislumbrar a última necessidade, mas a totalidade do meu ser diz "Não" a isso. . .

Sinceramente seu,

C. G. Jung."

O Novo Encontro

No dia 23 de janeiro de 1961 voltei a ver o doutor Jung.

Encontrava-se em seu escritório, rodeado de livros e obras de arte. Como das vezes anteriores, segurava na mão um cachimbo.

— É uma invenção suíça, tem um depósito para água.

— Como o houka e o narguilé.

Ele sorri.

— Consulte o "I Ching" e me aconselhou a deixar a Índia.

— Deve obedecer-lhe, diz Jung, pois não se engana. Existe uma correspondência entre a psique e o mundo. Quando tenho

dificuldade de entender um paciente, peço-lhe que faça um horóscopo. Este corresponde sempre ao caráter da pessoa. Interpreto psicologicamente o horóscopo. Na correspondência entre o mundo e a psique é possível mesmo que as invenções e o tempo de três dimensões obedeçam a uma estrutura da mente. Analisando os sonhos dos meus pacientes, pude prever a última guerra. Wotan já aparecia nesses sonhos. Não pude, em compensação, prever a Primeira Guerra Mundial, apesar dos sonhos premonitórios que eu mesmo tive, porque naquela época ainda não os analisava. Analisei cerca de quarenta e um sonhos em que estavam profetizadas enfermidades graves ou a morte...

Observo o professor enquanto fala. Continua sempre animado, cheio de energia; seus olhos possuem uma luz carregada de humor, penetrante, embora distante. Na sua mão destaca-se a pedra do seu anel. Inclina-se às vezes para a frente a fim de acentuar algum conceito e logo se reclina como um movimento repousante de pêndulo.

— Todo esse tempo na Índia procurei investigar a existência do que os filósofos Sankhyas denominam o Linga-Sarira e os teósofos o corpo sutil, o corpo astral. Na minha carta consultei-o sobre isso e lhe dizia que durante os sonhos pareço experimentar a presença de um corpo dentro do meu corpo, do qual procederiam as imagens. Tive a oportunidade de conversar a esse respeito com Aldous Huxley. Contou-me que esteve com D. H. Lawrence nos seus últimos momentos e foi testemunha de uma estranha experiência. Lawrence declarou que estava saindo do seu corpo e que lhe era dado observar-se a si mesmo de um canto do quarto. Também conversei com o Dalai Lama. Perguntei-lhe se acreditava ser possível o desprendimento voluntário do corpo mental. Respondeu-me da seguinte forma: "Sim, durante a meditação. Os textos assinalam três etapas deste processo; primeira, a concentração no objeto; segunda, a dissociação parcial da mente, quando, ao perceber o objeto, o indivíduo está nele e, ao mesmo tempo, não está; e terceira, quando

não está mais no objeto ou quando o indivíduo penetrou-o profundamente, o que é o mesmo que não estar mais nele. . ."

— Tudo isso, diz Jung, são experiências subjetivas, embora não sejam comprovadas coletivamente. Poderíamos também atribuir esses fenômenos ao Inconsciente Coletivo. Se bem que, como hipótese, seria possível aceitar o Linga-Sarira. Vi alguns médiuns produzir fenômenos de materialização e mover objetos a distância.

— Conheceu Gustav Meyrink? pergunto. Ele narra experiências sumamente interessantes em seus livros.

— Não o conheci; mas li suas obras e as considero importantes. No Rosto Verde há verdades profundas. . .

— Há alguns anos atrás tive uma experiência que desejo contar-lhe, disse. Desde pequeno, à noite, experimentava fenômenos de desdobramento. Eram sempre precedidos de vibrações que ocorriam desde a planta dos pés, ou então desde a base da coluna vertebral, estendendo-se até em cima, possivelmente através dos chakras. Essas vibrações variavam de intensidade e, às vezes, chegaram a ser tão fortes que temi morrer... Lembro uma vez em que as vibrações se tornaram insuportáveis. Então, na minha frente apareceu uma bacia de louça. Como obedecendo a uma ordem, mergulhei as mãos dentro dela e espalhei seu líquido lustral sobre o corpo. As vibrações acalmaram-se instantaneamente. Tudo isso aconteceu num estado que não era em absoluto o do sono, nem tampouco o de vigília. Diria que era um plano mais real do que a realidade. Mas nada daquilo existia ao virar o corpo, ao mudar de posição e descobrir-me na cama. Depois desse dia e durante anos, seguindo um sistema de iniciação, procurei produzir os mesmos fenômenos voluntariamente,

— Todas estas coisas, repete Jung, são experiências subjetivas, embora não possuam uma validade de comprovação coletiva. O que o senhor denomina vibrações talvez sejam unicamente sonhos, ou manifestações do Inconsciente Coletivo...

Sua resposta não me satisfaz. Infelizmente, Jung me abandonou nesse ponto. Ele havia criado uma terminologia moderna para definir velhas verdades. Tampouco o Dalai Lama esclareceu-me sobre esses fenômenos, quando o consultei, citando-me textos e referindo-se a dogmas, com receio talvez de exceder-se, como Chefe de uma Igreja, em presença de seus dignatários.

Compreendi que em minhas experiências pessoais — subjetivas, como as definira Jung — não teria outro guia senão minha intuição ou iluminação. Deveria caminhar sozinho, da mesma forma que Jung fizera durante algum tempo, aceitando o "fio da navalha".

— É agradável poder conversar de tudo isso com alguém que não é um paciente — disse Jung.

— Acabo de visitar Hermann Hesse. Também conversamos sobre o yoga. Segundo sua opinião, o caminho certo consiste em harmonizar-se com a natureza.

— É também minha filosofia, diz Jung. O homem deve ser o que é, descobrir o que é e viver de acordo. Que diria o senhor de um tigre que se tornasse vegetariano? Evidentemente seria um mau tigre. É preciso viver de acordo com a natureza, tanto individual quanto coletivamente. A Índia nos dá um bom exemplo. Em compensação, a Rússia, que possui uma magnífica organização, não funciona, como se pode observar em seu malogro agrícola. E isso porque não considera o homem o que ele é, pretendendo racionalizá-lo inteiramente; desejam impor uma idéia sobre o homem, uma teoria, um conceito humano... Conheci uma senhora que era muito fina, muito nobre e viveu a vida inteira guiada por ideais elevados, dentro do mais delicado refinamento; pois bem, tinha sonhos de bebedeiras nos quais ela mesma embriagava-se perdidamente. . . É preciso ser o que se é: nisso consiste a Individuação, numa passagem do centro da personalidade para um ponto eqüidistante entre o consciente e o inconsciente, um ponto ideal que a natureza parece indicar. Só dali é possível realizar satisfatoriamente nossos deveres.. .

— Os hindus expressam isso quando afirmam que é preferível realizar mal o próprio karma do que perfeitamente bem o karma alheio.

— Exatamente.

— Professor, o senhor acredita que seu sistema poderá ter êxito fora do Ocidente? Isto é, num mundo onde a pessoa não seja tão diferenciada? Na Índia, por exemplo, não existem neuróticos e tampouco creio que os existam na Birmânia, na Indonésia, na Tailândia, no Japão e na China. E isso porque nesses países o indivíduo não é persona no sentido cristão ocidental. A persona é produto do cristianismo, das inibições e imposições criadas por ele na alma nórdica ainda bárbara, como o senhor explicou-me em nossa primeira entrevista em Locarno. A persona é o lótus do cristianismo, com suas raízes no lodo de um drama de inibição talvez necessária.

— Sim, confirma Jung em voz baixa, refletindo, a falta da pessoa é o que faz com que no Oriente seja possível aceitar com tanta facilidade certos sistemas coletivos como o comunismo, bem como religiões que aspiram anulá-la, como o budismo.. .

O tempo passou sem eu perceber, como sempre. Através da janela, vejo a noite avançar. Receio cansá-lo, mas digo:

— Há pouco tempo, almoçando com Hesse, mostrei curiosidade em saber por que tinha eu a felicidade de encontrar-me sentado em sua mesa e ele me explicou que não era um fato accidental, que ali só se encontravam os convidados certos, que aquele era o Círculo Hermético.

Jung esboça um leve sorriso.

— É verdade. A mente atrai a mente. Somente os exatos se encontram. O inconsciente é que dirige, atrai o que conhece.

Enquanto escuto, penso:

"Mas o que é o Inconsciente, o que é isso que Jung denomina por este nome? Meyrink dizia: "Se a Mãe de Deus está no Inconsciente, é porque o Inconsciente é a Mãe de Deus."

Jung continua:

— Uma vez ia num trem. A meu lado sentou-se um general. Conversamos e, sem saber quem eu era, ele me contou seus sonhos, algo inteiramente fora do comum num homem de sua profissão. O general pensava que seus sonhos eram absurdos. Depois de escutá-lo, disse-lhe que, ao se tornar adulto, experimentara uma grande transformação em sua vida: pôde ser um intelectual. O general me olhou espantado, pensando talvez que eu era um feiticeiro, dotado de poderes de adivinhação. É o Inconsciente o que sabe, o que busca. . . O general dirigira-se a meu Inconsciente em busca de uma resposta e era ele mesmo quem se dava essa resposta através de mim. . . Eu poderia, por exemplo, dizer-lhe coisas sobre sua vida que também o espantariam. . .

E Jung olha no fundo dos meus olhos, fixamente. Seu corpo, na penumbra da tarde, parece crescer e tenho a impressão de estar diante de um ser no qual Abraxas se encarnou.

Um frio me percorre, correntes me envolvem. De este ser poderoso parecem emanar vozes e ecos que o atravessam e que vêm de idades remotas.

Os Sete Sermões aos Mortos

EM 1925, Jung editou um livro curioso, sem sua assinatura.

Somente depois de sua morte, com a publicação de suas Memórias, confirmou-se a paternidade da obra. Jung narra ali as condições em que escreveu este livro, aparentemente como se fosse ditado do "outro mundo", do Inconsciente Coletivo, como diria ele. O personagem que "o ditou" foi um Arquétipo: o do Mestre, do Sábio, do Guru dos hindus. Por aquela época, Jung enfrentava o Arquétipo da Anima, esforçando-se para não ouvir suas vozes sedutoras, ao mesmo tempo em que, algumas vezes, segurava em sua mão para descer em sua companhia aos infernos ou subir ao céu.

Jung batizou com o nome de Filemon a esse ancião que lhe aparecia e lhe falava, revelando-lhe profundos segredos no fundo de

sua alma. Chegou a desenhá-lo e assim foi possível conhecer sua silhueta no "Livro Vermelho", que escreveu como um diário naquela mesma época. Deste modo, Filemon veio a ser o Velho Eterno, o Caminhante da Aurora, o Viajante dos Dias, o Mestre, o Guru que fala de um mundo sem tempo, com outras dimensões.

Conheci na Índia e também no Chile alguns iniciados que recebem suas ordens, suas "práticas", suas normas de vida, de Mestres desencarnados, habitantes do outro mundo.

Esses Gurus não desceram jamais à carne, ainda mesmo quando suas imagens são definidas e descritas com a mesma precisão que Jung usou para desenhar seu Filemon.

Jung conta como se viu obrigado a escrever esse estranho livro que intitulou, em latim, "VII Sermones ad Mortuos" e que lhe foi ditado por Filemon; mas que ele atribui a Basíledes, gnóstico de Alexandria, "a cidade onde o Leste se depara com o Oeste".

Os mais curiosos fenômenos antecederam a publicação da obra. A casa de Jung encheu-se de ruídos, o ambiente tornou-se tenso, como se estivesse repleto de presenças invisíveis, seus filhos e ele mesmo tinham sonhos estranhos, a fatalidade parecia rondá-lo, escondendo-se nos cantos. E tudo isso não cessou até o momento em que Jung deu por terminado seu livro.

O estilo no qual foi escrito é arcaico e algo confuso, o que é inevitável diante do impacto numinoso do Arquétipo.

Os junguianos não desejam que livro se difunda, temendo talvez que a reputação científica do Mestre venha a sofrer um certo prejuízo, confirmando-se assim a reputação de misticismo que alguns críticos apontaram em Jung. Jung porém reconhece sua autoria e a assinala em suas Memórias, sem receio algum. Na edição alemã destas Memórias póstumas são reproduzidos na íntegra os "VII Sermones ad Mortuos", o que não ocorre na tradução inglesa, de onde foram retirados.

Conheci os "Sermones.. ." em sua edição inglesa, particular, de 1925, que chegou às minhas mãos em Londres, também de maneira curiosa, depois da morte de Jung.

Nesta extraordinária obra, Jung fala igualmente de Abraxas, da seguinte forma:

"... Existe um Deus que vós não conheceis, porque a humanidade o esqueceu. Nós o chamamos pelo seu nome, ABRAXAS. Ele é ainda mais indefinível do que Deus ou o Demônio.

Abraxas é o efetivo. Nada se mantém em oposição a ele: por isso, sua natureza efetiva se manifesta livremente. O inefetivo não lhe resiste, porque não aparece para se opor a ele. Abraxas está acima do Sol e do Demônio. É uma probabilidade improvável, uma realidade irreal. Se o Pleroma possuísse um ser, Abraxas seria sua manifestação; não um efeito particular, mas um efeito geral.

É uma realidade irreal, porque é diferente do Pleroma.

O Sol possui um efeito definido e também o Demônio. Por isso nos parecem mais efetivos do que o indefinido Abraxas. Este é fogo, duração, transformação... "

"... Como uma névoa elevando-se do lago, os mortos vieram e imploraram:

— Fala-nos mais sobre o Deus Supremo.

Difícil de conhecer é a divindade de Abraxas. Seu poder é grande porque o homem não o percebe. Ele retira do Sol o Summum bonum; do demônio, o Infinitum malum: mas de Abraxas procede a VIDA, inteiramente indefinida, mãe do bem e do mal.

Abraxas parece ter uma vida menor e mais difícil do que o Summum bonum, e por isso é difícil conceber que ele transcenda em poder o próprio Sol, que é a origem radiante de toda a força da vida.

Abraxas é o Sol e, ao mesmo tempo, o eternamente sugante, a garganta do vazio, o demônio aviltante e esquartejante.

O poder de Abraxas é duplo; mas vós não o vedes, porque para vossos olhos o combate de seus opostos permanece oculto.

O deus Sol fala da vida.

O Demônio fala da morte.

Mas só Abráxas fala palavras consagradas e malditas, que são vida e morte ao mesmo tempo.

Abraxas gera a verdade e a mentira, mal e bem, luz e trevas, numa mesma palavra e num mesmo ato. Por tudo isso, Abraxas é terrível.

É esplêndido como um leão no momento de devorar sua vítima.

É belo como um dia de primavera.

É o grande PÃ e também o menor.

É PRÍAPO.

É um monstro das profundezas, um polvo de mil tentáculos, um novelo nu de Serpentes Aladas e frenéticas. É o Hermafrodita dos princípios distantes. O senhor dos sapos e das rãs que vivem na água e sobem à terra para entoar à meia-noite o coro baixo da lua.

É a abundância que busca a união com o vazio.

É o sagrado gerador.

É o Amor e ama o crime.

É o santo e seu traidor.

É a luz mais luminosa do meio-dia e é a noite mais escura da loucura.

Vê-lo significa a cegueira.

Conhecê-lo, a enfermidade.

Adorá-lo é a morte.

Temê-lo é a sabedoria.

Não resistir-lhe é a redenção.

Deus habita atrás do Sol; o Demônio, atrás da noite. O que Deus tira da luz, o Demônio retira da noite. Mas Abraxas é o mundo, seu devir e seu deixar de ser. Sobre cada bênção que vem do deus Sol, o demônio coloca uma maldição

Cada coisa que vos criais com o deus Sol, dá um poder efetivo ao Demônio

Assim é o terrível Abraxas.

É a criatura mais poderosa e Nele a criatura teme a si mesma.

É a oposição manifesta da criatura ao Pleroma e ao seu nada.
É o horror do filho pela mãe.
É o amor da mãe pelo filho.
É a delícia da terra e a crueldade do céu.
Diante de sua presença, o homem se petrifica.
É a vida da criatura.
É a operação do diferenciado.
É o amor do homem.
É a aparência e a sombra do homem.
É a realidade ilusória.

E então os mortos uivaram e se enfureceram, porque eram imperfeito...

A Despedida

NA QUARTA-FEIRA. 10 de maio de 1961, procurei novamente o professor Jung. Não quis deixar passar um tempo excessivo. Algo imperioso me impelia. Vinte e sete dias mais tarde, Jung morria. Creio ter sido o último amigo estrangeiro a visitá-lo e manter com ele uma conversa essencial.

Até o último instante, não sabia se seria possível vê-lo.

A senhora Ruth Bailey comunicou-me pelo telefone que ela me receberia nesse dia para tomarmos chá e conversarmos, pois Jung estava de cama e seriamente enfermo. Cheguei assim a Kusnacht no dia marcado. Passamos a uma sala pequena no andar térreo. Como revelasse desejo de conhecer a casa. Miss Bailey mostrou-me a sala de jantar com quadros do Renascimento, móveis nobres e antigos. Depois nos sentamos numa saleta onde pude observar com atenção aquela mulher extraordinária, que acompanhara Jung durante suas expedições na África e que cuidara dele durante os últimos anos de sua vida. Tinha um rosto interessante, possuía maneiras elegantes e

uma aguda inteligência. A tranqüilidade emanava dela, envolta numa dolorosa expectativa. De certa maneira lembrava-me de Miraben, a discípula inglesa de Mahatma Gandhi, que também acompanhou até o fim aquele grande homem, abandonando depois a Índia, ao considerar perdida a atmosfera gandhiana. Miraben radicou-se na Grécia. Também Miss Bailey deixou a Suíça após a morte de Jung e hoje trabalha na Inglaterra, numa obra social em benefício das mães pobres. As duas mulheres deviam sentir-se perdidas, sem direção, num mundo privado dos ideais de sua veneração.

Enquanto servia o chá — esse cerimonial tão inglês — Miss Bailey dizia-me que eu era um homem de sorte, porquanto Jung experimentara uma súbita melhora aquela manhã, manifestando desejos de ver-me tão logo terminássemos o chá. Nesse meio tempo, Miss Bailey abandonou-se em reflexões sobre a morte.

— Carl Gustav acusa-me de prendê-lo à terra. Diz que deseja partir e que eu o impeço. . . No entanto, parece-me que ele ainda deseja viver, pois sua vitalidade se revela no seu sentido agudo do humor. . .

— A senhora acredita que exista algo além da morte?

— Não poderia ser de outro modo. . . Não poderia imaginar que Jung se extinguísse completamente, num instante, assim. . .

E faz o gesto de apagar uma luz, de apertar uma tomada.

— Além disso — continua — existem provas psicológicas de algo semelhante a uma sobrevivência. O Inconsciente possui um sentido de continuidade, de continuação, de um avançar da vida além dos umbrais da morte. O Inconsciente parece ignorar um fim brusco e a morte não o espanta. . . A morte aparece agora em sonhos a Jung; o motivo da morte, como algo conhecido. . .

Faz uma pausa e prossegue:

— Esteve muito ocupado esses dias, escrevendo um ensaio para uma editora norte-americana, intitulado "O Homem e Seus Símbolos". Este trabalho o esgotou. Escreve-o à mão e já completou oitenta páginas; redige-o diretamente em inglês, porque acredita que

assim sairá mais simples, uma vez que a sintaxe alemã obscurece os conceitos.¹

Miss Bailey serve-me outra xícara de chá e, como Ninon de Hesse e Elsy Bodmer, diz também:

— Entre o senhor e Jung existe uma relação boa e profunda. Ele se alegra quando o vê. Hoje desejou recebê-lo.

1. O ensaio não foi publicado na data indicada nos Estados Unidos. Foi considerado obscuro e difícil; precisamente o que o autor desejava evitar. ..

Após nova pausa, pergunta:

— O senhor conhece a torre de Bollingen?

A torre a que ela se referia foi construída por Jung no campo, em Bollingen, junto ao lago, seguindo um impulso e guiado pelos sonhos, para procurar expressar na pedra sua idéia do Si-Mesmo. Seu sistema psicológico encontra-se representado ali. Jung costumava retirar-se em sua torre durante semanas. Às vezes ia em um veleiro através do lago.

Acendia o fogão, cozinhava sozinho e não dispunha de eletricidade nem de água potável. Na pedra de sua torre, nas paredes, gravou sentenças dos alquimistas, dos gnósticos gregos e egípcios; executou também alguns desenhos, mandalas e símbolos.

— Não, digo, não conheço.

— É muito interessante. Deveria ir até lá. Assisti a alguns rituais que Jung celebrava ali. Uma manhã acompanhei-o à cozinha e o vi saudando a cada um dos utensílios: as panelas, frigideiras, caldeirões. Pediu-me que fizesse o mesmo. "Elas sabem e agradecem", disse-me. Jung cozinhou sempre na mesma frigideira e nas mesmas panelas; porque eram suas amigas, dizia, velhas conhecidas, com as quais travava grandes conversas na solidão do seu retiro. Todas as coisas são animadas para Jung de uma vida própria, ou de uma vida que ele lhes empresta, lhes transmite. . .

Terminado o chá, Miss Bailey deseja que suba logo para visitar Jung. Recomenda-me que a entrevista seja curta, para não cansá-lo.

Pela última vez, enquanto Jung estava vivo, subi a escada de sua casa. Miss Bailey acompanhou-me até o andar de cima, abriu a porta do escritório e se afastou para deixar-nos a sós.

O professor Jung encontrava-se sentado junto à janela, como nos encontros anteriores. Mas agora vestia um quimono de cerimônia japonês, de forma que, na luz do entardecer, parecia um monge, um mago, ou um sacerdote de um culto extinto do passado.

Ao entrar, fez menção de levantar-se de sua poltrona, o que me apressei a impedir. Inclinei-me em sua direção e lhe fiz entrega de um presente que trazia do Oriente, uma caixinha de Cachemira, engastada com turquesas, igual à que acabara de presentear a Hermann Hesse em Montagnola.

Fechava-se o Círculo.

Segurou-a em suas velhas mãos, apalpou-a e disse:

— Turquesas de Cachemira. Nunca estive lá. Só cheguei até Bengala, no nordeste da Índia, e em Madura, no Sul.. . Muito obrigado por este belo presente...

— Não é nada, disse. Acabo de visitar Hermann Hesse e conversamos sobre a morte. Perguntei-lhe se é importante saber se há algo além da morte. Disse-me que não, que talvez a morte seja entrar no Inconsciente Coletivo, cair dentro dele . . .

— Sua pergunta foi mal formulada, diz Jung. É preciso colocá-la da seguinte forma: Existe alguma razão para se acreditar que haja uma vida depois da morte?

— E o senhor crê que exista?

— Se a mente pudesse operar sem o cérebro, sem o espaço e o tempo, nesse caso seria incorruptível.

— E isso é possível à mente?

— Os fenômenos psicológicos parecem provar que sim. , . Eu mesmo experimentei certos fatos que talvez confirmem isso. Uma vez estive muito mal, quase em coma. Todos acreditavam que sofresse enormemente. Na verdade, porém, experimentava um estado muito agradável: parecia flutuar sobre meu corpo, muito longe. . . Depois da

morte de meu pai, eu o vi várias vezes. . . Estritamente falando, isso não quer dizer que o visse na realidade. . . Podem ser fenômenos meramente subjetivos. . .

— Por quê? perguntei. Porventura não pode isso acontecer fora em vez de dentro? Seu pai morto e o restante?. . . Hesse referia-se ao Inconsciente Coletivo como a algo exterior e ali o indivíduo caísse na morte. Meyrink supunha que o Inconsciente é a Mãe de Deus e de todos os deuses. . .

— Vi, continuou Jung, homens feridos a bala no cérebro, durante a guerra, com as funções do córtice cerebral paralisadas; isto é, com o tempo e o espaço de três dimensões interrompidos. E contudo sonhavam, tinham visões importantes nesse estado. Se o cérebro deles estava paralisado, que órgão produzia os sonhos? O que será isso que o homem sonha quando seu cérebro não funciona? Com que parte do seu corpo sonha? É física essa parte? Poderia isso indicar-nos que a mente atua à parte do cérebro, do espaço e do tempo?. . . É apenas uma hipótese.. . Outra indicação: um menino, de quatro ou cinco anos, por exemplo, ou ainda menor, que ainda não possui o ego. Seu ego está difuso, disperso em sua fisiologia. Não obstante, esse menino tem sonhos de adulto, individualizados, de um ser velhíssimo, antigo, nos quais é indubitavelmente uma persona. Se, cientificamente, nessa criança não existe ainda um ego, o que é que no menino produz esses sonhos fundamentais, que o marcam e dão um estilo a toda sua vida? Se o ego temporal desaparece com a morte, porventura desaparece também esse outro, mais profundo, antiquíssimo, que se encontrava no menino e o dotou de um sonho sem tempo?

Quanta honradez nesse homem excepcional! Nos umbrais da morte procurava, e talvez quisesse encontrar, um motivo de crença, mas seu rigor científico o impedia de pronunciar uma única palavra que não correspondesse às experiências objetivamente demonstráveis nesse perigoso e escorregadio caminho que havia escolhido.

— Ninguém vê hoje o que está por trás das palavras, das idéias, ninguém presta atenção a essas coisas. Somente a idéia expõe algo que estava ali virtualmente. Foi o que fiz dando nomes novos a essas realidades. Por exemplo, a palavra inconsciente. Acabo de ler um livro de um sábio chinês zen. Pareceu-me ler a mim mesmo, com a diferença que ele dá outros nomes às mesmas realidades. A palavra Inconsciente não figura no seu livro, mas ali está isso que denominei de outro modo.

Numa mesinha, junto à cadeira em que Jung está sentado, vejo um livro, O Fenômeno Humano, de Teilhard de Chardin.

— Leu-o? perguntei-lhe.

— É um grande livro, afirma Jung.

Seu rosto está pálido, mas envolto numa luz interior. Pelas amplas mangas do seu quimono oriental aparecem suas mãos finas e enrugadas. No seu dedo anular, destaca-se o anel gnóstico.

— O que significa esse símbolo? pergunto.

— É egípcio. Nele está gravada a Serpente, que simboliza o Cristo. Em cima, um rosto de mulher; em baixo, o número oito, símbolo do Infinito, do labirinto, do Caminho do Inconsciente. Mudei algo no anel para que o signo fosse cristão, uma vez que a jóia é anterior ao cristianismo. Todos esses símbolos estão absolutamente vivos em mim e cada um deles desperta uma reação determinada em minha alma.

— O senhor representa em nossa época um laço com o hermetismo do passado; encontrou a ligação, o caminho, a via oculta que se havia perdido com o advento do Século das Luzes, ou talvez antes. Assim como o Renascimento encontrou o nexo perdido com a parte externa da época clássica, da mesma forma o senhor o estabelece com sua história secreta e oculta. A trajetória do homem essencial encontrou novamente um caminho graças ao senhor. Mestre Eckhart está assim confirmado. . .

— Procurei ensinar ao cristão o que é o Redentor, o que é a Ressurreição, algo perdido na noite da alma, que ninguém mais lembra, mas que nos sonhos reaparece. . .

— Tempos atrás contemplava em Florença "A Anunciação" de Leonardo. E veio-me à lembrança a Degolação dos Inocentes, fato que coincide, ou polariza, com o nascimento de Jesus. Muito se falou sobre a morte de Jesus, mas ninguém lamenta de igual forma a morte de tantos inocentes, como se fosse aceita como algo necessário para o nascimento do Redentor. Também quando Krishna vem ao mundo, o tirano Kansas ordena sacrificar todos os meninos nascidos aquele dia no país. . . A vinda do Redentor, nessas condições, parece tremendamente injusta e, diria mesmo, até nociva para o mundo, pelo menos no momento do seu advento. . . Caberia indagar se afinal se justifica. . .

Jung permanece em silêncio um instante e depois diz:

— Os que morrem sacrificados são freqüentemente os melhores. . .

— Professor, não crê o senhor que falando destas coisas estamos um pouco fora de moda, fora de época, no meio deste tempo da supertécnica, quando o homem inicia os vôos espaciais?... Consultei Hesse sobre o que ele pensa que vai acontecer com a vida interior, com a vida do espírito e da introspecção. E ele mostrou-se pessimista.

— Os vôos a outros mundos espaciais estão ainda muito distantes. Mais cedo ou mais tarde o homem deverá voltar à terra, à sua terra, onde se originou, porque terá que regressar a si mesmo. Os vôos espaciais são uma fuga, uma evasão, porque é mais fácil ir a Marte, ou à Lua, do que conhecer-se a si mesmo. Entretanto, n afã de conquista cósmica, há também o símbolo de um anseio de totalidade. O homem se encontrará, além disso, numa encruzilhada crescente, numa situação histórica desesperada, com o aumento da população mundial no planeta e a crise da alimentação. .. Nos vôos espaciais e no desejo de conquistar outros mundos, existe também uma

aspiração instintiva para encontrar uma solução para esses problemas. . . Jung ia continuar desenvolvendo esse tema apaixonante quando a porta se abriu e entrou Miss Bailey. Havia prolongado demasiado minha visita. Mas meu coração dizia que aquela ia ser a última. E estou certo que Jung também o pressentia.

Miss Bailey anunciou que uma das filhas de Jung e seu marido haviam chegado para vê-lo e esperavam em baixo.

Voltou a sair para que me despedisse.

Toquei em suas duas mãos, inclinando-me. E me afastei lentamente em direção à porta. Ao chegar ali, voltei-me, e o vi observando-me fixamente, envolto na luz do entardecer, junto à janela, com seu manto do Oriente.

Jung levantou a mão e fez-me o sinal de adeus.

Uma Manhã na Índia

LEVANTEI-ME bem cedo. Era uma manhã de intenso verão indiano. Fui ao terraço do meu quarto, sobre o qual caíam as sombras esquálidas das mangueiras. Saudei o Sol e comecei meus exercícios de yoga. Nas reverberações da luz distingui o bearer, de turbante e pés descalços, que vinha se aproximando com a cadência suave de sua raça. Ao chegar em minha frente, juntou suas mãos e disse: "Namasté", o que significa, mais ou menos, "Saúdo o Deus que há em ti."

É me entregou telegrama.

Abri-o e comecei a ler com dificuldade, devido ao excesso de luz, O telegrama dizia: "O professor Jung morreu ontem, tranqüilamente." Assinavam Bailey e Jaffe.

A luz forte, o sol e o calor obrigaram-me a sair dali.

Deveria ir aquela manhã ao aeroporto de Deli despedir-me de Nehru, que partia em descanso para o Himalaia, creio que para o Vale de Kulu, ou Vale dos Deuses.

Cheguei ao aeroporto quando Nehru se dirigia para o avião. Vestia-se de branco e sua figura graciosa movia-se com elegância, desprendendo-se dele uma espécie de aroma espiritual, um encanto peculiar.

Mostrei-lhe o telegrama que recebera aquela manhã, porquanto Nehru também admirava Jung. Disse-lhe:

— O senhor sabe quanto Jung interessou-se pela Índia. Uma mensagem de pêsames de sua parte ou de seu Governo seria profundamente agradecida.

Nehru meditou um momento.

— Não posso dar essa ordem pessoalmente. Rogo-lhe que fale de minha parte com o senhor Desai, Secretário das Relações Exteriores, e que ele envie um telegrama de pêsames em meu nome.

E foi assim que a Índia se fez presente à morte de quem fizera tanto para compreender os profundos valores de sua civilização, para compará-los com os do mundo ocidental e enriquecê-la. Outro grande Círculo se fechava.

Passei todo aquele dia em meditação, procurando fixar a imagem de Jung e acompanhá-lo agora que se iniciavam as vicissitudes da Grande Viagem e sua transformação no reino das trevas, ou das luzes desconhecidas, o mesmo reino que ele tentara penetrar outrora, descrevendo-o em seu comentário ao "livro dos Mortos", do Tibet.

Foi então que escrevi a Hermann Hesse aquela carta que foi publicada no número especial dedicado a Jung do "Neue Züricher Zeitung". Também escrevi à família de Jung., a Miss Bailey e à senhora Jaffe, enviando meus pêsames.

Pouco depois, recebi uma carta de Miss Bailey, na qual me relatava os últimos instantes de seu venerado amigo:

"Kusnacht-Zurique, 16 de junho de 1961.

Querido senhor Serrano:

Muito lhe agradeço sua bondosa carta, com a qual me deu ânimo. Foi um grande privilégio poder cuidar de C. G. Jung. E agora

que meu trabalho terminou, sinto-me completamente perdida e desolada. Mas as bondosas cartas que recebo de seus amigos me ajudam muito na minha solidão e nos sentimentos de incerteza para enfrentar a vida sem ele.

Morreu com oitenta anos, em grande paz, enquanto dormia e no momento em que desejara. Sentia-se muito cansado e muito fraco. No dia 17 de maio, após um dia muito tranquilo e muito feliz, teve uma embolia cerebral. Isso afetou-lhe a fala, o que produziu em mim uma grande impressão.

Contudo, depois de alguns dias, começou a recuperar-se e sua dicção melhorou quase por completo, de modo que pôde novamente trabalhar e ler normalmente. Mesmo assim, passava bastante tempo lendo para ele. Foi então que, no dia 30 de maio, outra vez depois de um dia muito feliz e tranquilo, encontrando-nos sentados em sua biblioteca, tomando chá perto da janela, perdeu o conhecimento. E foi essa a última vez que estive ali, devendo, a partir daquele momento, retirar-se em seu quarto. Foi enfraquecendo dia a dia. Dois dias antes de sua morte, encontrou-se fora do seu corpo, num país estranho, onde viu coisas belas e maravilhosas; estou certa disso. Sorria freqüentemente e parecia feliz. A última vez que nos sentamos no terraço, contou-me que tivera um sonho. Disse: "Agora conheço a verdade; contudo, há uma pequena parte que não foi esclarecida e ao conhecê-la, morrerei." Teve outro sonho ainda que me contou à noite. Via uma enorme pedra redonda sobre um platô elevado; na base da pedra encontrava-se escrita a seguinte frase: "E este será um sinal em ti de totalidade e unidade."

Compreendi então, sem sombra de dúvida, que sua vida se completava. Durante aqueles dias percebi claramente que ele nos abandonava. Não obstante, punha de lado esta certeza. Talvez tenha sido errado, porque não me permitiu fazer tudo quanto devia por ele. Poderia fazer-lhe companhia noite e dia, por exemplo.

Querido senhor Serrano, poderia escrever muito mais, o que farei de novo quando tiver a mente mais clara. Contar-lhe-ei então uma série de coisas estranhas que aconteceram.

Partirei para a Inglaterra, onde pretendo permanecer algumas semanas, e voltarei depois para manter a casa aberta.

O que será preciso fazer aqui levará meses. Os membros da família são muito carinhosos comigo. Receberam o telegrama do senhor Nehru e se comoveram profundamente.

C. G. Jung sentia um grande afeto pelo senhor e sua amizade é também valiosa para mim. Sempre senti que era muito fácil conversar com o senhor!

A caixinha de turquesas que o senhor lhe trouxe da Índia foi-me dada por ele nos seus últimos dias, em vista de nossa admiração mútua e amor por ele. Espero que o senhor não se importe com isso, a não ser que deseje tê-la de volta...

Muito obrigada, novamente,

Sinceramente sua,

Ruth Bailey.

O Sonho

No DIA 20 de outubro de 1961, às seis da manhã, na cidade de Misore, na Índia, tive um sonho com o professor Jung.

Caminho com ele por uma estrada cheia de poeira. Voltara à vida. Vamos muito juntos, os cotovelos se tocando, um ao lado do outro. Duas gerações. Ele muito velho e eu ainda jovem. Passa um homem que nos cumprimenta. Jung responde à saudação. Por meu lado, tiro o chapéu de abas largas. Jung fala dizendo estar muito velho. A caminhada fatiga-o e acabará dormindo. "Estou muito velho e me sinto cansado. A pele está gasta e devo morrer. O haver voltado é algo que se paga com grandes sofrimentos físicos, como bem sei."

Compreendo que ele voltou, refazendo-se de sua embolia. Digo-lhe que os sofrimentos do corpo foram compensados pelo saber, uma

vez que agora sabe o que é a morte, justamente quando os cientistas descobriram o que é a vida. E pergunto-lhe:

— O que é a morte?

Responde-me:

— A morte é Ly e Tata.

Não entendo absolutamente nada e lhe confesso. Creio que ele traduz:

— Água e Pedra.

E continua:

— Passei oitenta anos procurando ver o que estava atrás da água. Quando na água estava apenas eu. Passei dentro da água. Agora saio finalmente desta água onde correm cavalos. . .

Olho para o canal próximo. A água transborda. Não há nada. Gostaria de poder gravar em mim a palavra do Altíssimo. Jung continua falando, agora como um iluminado, dizendo frases de uma poesia sublime. Ouço-as, desejo guardá-las, mas sei que as esquecerei instantaneamente, pois são palavras que não podem ser guardadas, por corresponderem a revelações; são ouvidas, apreciadas e se perdem.

De toda esta cena fica uma impressão desolada, terrível, diante do mistério da morte. Desejava acreditar mas temo que, de volta da morte, Jung tenha descoberto apenas o nada, que não existe nada. Embora talvez tenha querido revelar que a vida continua além do indivíduo, nas forças naturais e, talvez, em algo mais, no gume cortante da poesia.

Acordo com uma forte dor no peito.

Jung Volta a Receber-me Em Sua Casa

NA PRIMEIRA parte do livro, contei como, após a morte de Hesse, fui com meu filho mais velho visitar sua viúva.

De volta a Montagnola, desejei que meu filho conhecesse também a casa de Jung.

Chegamos uma tarde em Kusnacht e penetramos no jardim, até nos encontrarmos diante do portão com a inscrição latina. Tocamos a campainha e aguardamos. Um jovem da idade do meu filho abriu a porta. Era um dos netos de Jung.

Expliquei-lhe quem era e o que desejava; mas o jovem nos respondeu que, seus pais não estando em casa, não poderia nos deixar entrar.

lá partir desanimado quando um automóvel entrou no jardim e se deteve em nossa frente. Uma mulher desceu.

Era a filha de Jung, a senhora Niehul-Jung, tia do rapaz.

Ao reconhecer-me, fez-nos entrar imediatamente. E nos explicou :

— A casa foi ocupada por meu irmão arquiteto. E dessa forma a vida continua, como teria agradado a meu pai. . . É muito estranho o que aconteceu. Eu ia para um outro lugar, não pensava passar aqui, e fui desviada do meu caminho, como se fosse dirigida. . .

Jung me recebeu, assim, novamente em sua casa; ele não podia me deixar na porta, como a um estranho. E com recolhimento conduziu meu filho até o andar de cima, em direção ao escritório. Ali tudo se encontra como antes. As estantes com seus livros; falta porém, a mesa de trabalho e alguma coisa no ambiente. Siva permanece ainda sobre o monte Kailas.

Procuro reviver nosso último encontro, a despedida. E, com os olhos semi-cerrados, imagino que o doutor Jung está junto à janela.

A senhora Niehul-Jung nos conta que, uma vez por semana, em obediência aos desejos do seu pai, a valiosa biblioteca alquimista será franqueada para consulta pública.

Ela nos conduz em seguida ao jardim, pois desejava nos mostrar alguma coisa. Foram cortadas recentemente muitas árvores antigas para deixar a vista aberta sobre o lago. Leva-nos em direção à árvore em cuja sombra Jung costumava sentar-se e mostra-nos uma grande cicatriz que atravessa o tronco de cima a baixo, quase em toda sua extensão.

— Quando meu pai morreu, uma tempestade desabou sobre Kusunacht. Nunca havia ocorrido isso naquela época do ano; um raio caiu sobre a árvore em cuja sombra ele costumava sentar-se.

Contemplo a marca do fogo celeste, que é também um sinal de que Jung estava localizado no centro das forças universais. A natureza respondia, sincronizada, tocada, emocionada.

Se no meu sonho a angústia e a dúvida me envolveram, agora outros fatos significativos vinham equilibrar no exterior o peso do nada. Ou era talvez eu que não soubera interpretar um sonho?

Ouçó meu filho dizer:

— Que bonito é aqui! Gostaria de viver sempre neste lugar. Ele está junto ao lago, aonde as ondas delicadas vêm roçar seus pés.

No cemitério de Kusunacht está a sepultura da família Jung. Vou visitá-la.

Na terra vejo uma pedra redonda com uma cavidade no centro para recolher a água da chuva, a água do céu.

Outra pedra vertical reproduz o escudo de armas da família e, formando um quadrado que o cerca, lê-se a seguinte inscrição:

"Primeiro, o homem terrestre da Terra." "Segundo, o homem celestial do Céu." É uma frase de São Paulo, creio.

Depois a mesma frase que se encontra no portão da casa de Jung: "Invocado ou não invocado, Deus está presente."

Um Mito Para a Nossa Época

No FIM de sua carta do dia 14 de setembro de 1960, Jung escrevia:

"Guardo minha luz e meu tesouro, convencido de que ninguém lucraria — e eu mesmo seria ferido sem esperança — se a perdesse. Ela é o que há de mais alto e precioso, não somente para mim como também, sobretudo, para as trevas do Criador, que necessita do homem para iluminar sua Criação."

Em suas Memórias póstumas, este pensamento se completa. Também ali ele narra o que dizia em sua carta sobre o chefe dos índios pueblos, Ochwián Biano, que acreditava ajudar o Sol a levantar-se todas as manhãs. E Jung procura encontrar para o homem moderno um Mito tão transcendente ou vital como aquele. Isto se revela em sua vida, no seu trabalho de anos: Iluminar a escuridão do Criador, Projetar a luz da consciência nesse mar ilimitado e sem fundo, no Inconsciente, que não é outra coisa, talvez, senão Deus mesmo... Este é o Mito vivo e transcendente à disposição do homem moderno, ainda que não seja o de todos os homens.

Dar consciência no sentido junguiano não significa racionalizar, mas sim projetar-se com "essa luz que é seu tesouro" e que emana daquela mesma "central" misteriosa da pessoa, do indivíduo, para dirigir-se ao reino das trevas e ir incorporando-o num processo sem fim.

Jung vê nos olhos dos animais o sofrimento da noite da criação, o medo de uma região em que não existe ainda a luz. E acredita descobrir que eles necessitam de nós, esperam que lhes revelemos o mundo e o mistério de suas existências dolorosas, para que os contemplemos e os reflitamos, projetando-os na luz. Em uma palavra: para que cheguemos a ser o espelho da criação, do animal, da árvore, do rio, da pedra e, talvez, de Deus mesmo. Somos, enfim, a consciência do mundo, o espelho da flor; a natureza nos formou através das idades, para que a revelemos, para que a contemplemos em sua efemeridade, em sua evanescência. E aí estão, pois, os seres, os objetos sacramentais, esperando-nos. Nós passamos e não sabemos. Passamos sem ver, sem olhar. Passamos sem saber que a flor grita de dor porque a admiramos, que a frigideira espera nosso bom dia matinal, que o Sol necessita que o ajudemos a manter-se no alto, que a Terra deseja ser auxiliada no seu movimento de rotação. E quando chegamos a olhar a flor, ela sabe disso, sente e nos devolverá esse olhar com alguma forma de amor, talvez quando nos estivermos dissolvendo no seio da terra.

Rilke dizia em suas Elegias de Duino algo que, certamente, Jung aprovaria:

*Porque o estar aqui é muito, e porque tudo
daqui nos necessita em aparência, o evanescente,
o que de uma maneira delicada nos comove.
A nós os mais evanescentes. Uma vez
cada coisa. Somente uma vez. Uma vez e não mais.
E nós também uma vez. Nunca de novo. Mas
haver sido uma vez, ainda somente uma vez;
haver sido terrestre, parece irrevocável.
E estas coisas cujo viver é des falecimento
compreendem que tu as elogiavas; perecíveis,
confiam em nós, os mais efêmeros, como capazes de
salvar.
Querem que nos obriguemos a transformá-las de todo,
em nosso coração invisível — oh infinitamente! — em
nós,
quem quer que sejamos ao fim.
Terra, não é isso o que tu queres: tornar a brotar
em nós invisível? — Não é teu sonho
ser invisível? Terra! Invisível!
Pois, que outra coisa senão transformação
é teu urgente mandamento?*

O homem é um produto da natureza e, no entanto, revolta-se contra ela, por lhe parecer que não o aceita, isso se deve, talvez, ao fato de existir na natureza também algo mais do que um ser cego e sofredor, outra força que a atravessa de lado a lado e que nos impele ao sacrifício, à revolta.

Mas esta "outra força", possivelmente, também faz parte da natureza; isto é, o que nos impele à revolta é o mesmo que nos induz a amá-la. Quando menino, perdia-me na contemplação paradisíaca do mundo que me cercava, unido às plantas e aos espíritos da natureza.

E isso talvez porque existisse ali um deus de sofrimento e de prazer, que nos chama, à espera de que lhe revelemos os abismos de seus gozos e de suas misérias; porque, como dizia o Alquimista: "O homem deverá terminar a obra que a Natureza deixou incompleta."

Teilhard de Chardin escrevia:

"A Terra elevará maternalmente em seus braços gigantes e fará ver o rosto de Deus a quem amar apaixonadamente Jesus, escondido nas forças que fazem crescer a Terra."

E adiante:

"Quem tiver amado a Jesus, oculto nas forças que fazem morrer a Terra, quando ele desfalecer, levantá-lo-á maternalmente em seus braços gigantes e com ela mesma despertará no seio de Deus."

Segundo Rilke, levaremos daqui algumas palavras, talvez a palavra "casa", "ponte", "ânfora", "árvore frutífera". Cada um levará a palavra que mais tiver amado. E também um ramo de gencianas amarelas ou azuis.

Sim. Parece-me que este é o Mito para o homem moderno, ensinado por Jung no fim de sua vida e exemplificado durante sua existência.

Para mim há também algo mais, há uma última flor, uma flor de pura criação, uma flor mítica e inexistente, que talvez já não seja da natureza e que é o que realmente situa Jung na tradição mágica que atravessa as idades.

A flor inexistente é isso que ele denominou o Si Mesmo, o Círculo cuja circunferência está em toda a parte e o centro em lugar nenhum. Esse centro da pessoa precisa ser inventado porque, estando ali, não esteve jamais, embora haja existido sempre implicitamente, em potencia.

Ou seja: a eternidade, a imortalidade, é invenção, é criação. A alma mesma é uma obra, uma construção do homem. É preciso acreditar que o Centro e a Flor existem ainda mesmo quando não existem, ainda mesmo quando nunca existiram. "Bem-aventurados os que não vêem e creram. . ."

E este ato de pura criação, de pura inexistência, parece ser tão fundamental que, quando ocorre, a natureza inteira responde, inclina-se diante de seu sopro e poder. E então, um raio cai sobre uma árvore, para indicar que foi tocada no centro de seu coração abismal.

Conclusão

UMA MANHÃ, no alto do Himalaia, na religiosa cidade de Almora, observava meu amigo Bochi Sen: sentado com as pernas cruzadas à maneira hindu e coberto com uma manta que trouxera da Espanha, deixava escorrer suas lágrimas pelo rosto moreno, enquanto narrava suas experiências no Jardim das Oliveiras, durante sua peregrinação à Terra Santa.

Subitamente, mudou de conversa e passou a falar do doutor Jung e de uma visita que a ele fizera em Zurique, alguns anos antes. Meu amigo hindu estava profundamente impressionado porque Jung lhe havia dito que se voltasse a viver uma outra vez, a reencarnar, e pudesse escolher sua vida, escolheria a mesma que teve.

Hesse e Jung viveram suas vidas plenamente, enchendo-as de significado: talvez estejam entre os poucos e últimos homens que assim fizeram. O trabalho que realizaram os satisfazia, era uma expressão de suas naturezas. Se tivesse que apontar uma diferença entre os dois, diria que junto a Hesse encontrei maior paz, maior serenidade do que junto a Jung no fim de seus dias. Jung parecia estar procurando algo até o último momento. Talvez ele tenha podido fazer sua a aspiração do Mago que, ao contrário do Santo, não anseia pela fusão, nem pela perdição, nem pela paz em Deus, nem pela felicidade, mas sim pelo eterno caminhar, a grande infelicidade. Mas não sei. E creio também que se Jung não fosse um cientista, que expressava suas pesquisas e descobertas num estilo adequado com a mentalidade atual, teria parecido aos homens de nossa época um indivíduo estranho, que narra experiências fantásticas e duvidosas. Ele expôs com termos novos os mistérios que correspondem à tradição eterna e que, de um modo ou de outro, encontram-se em

conflito com a linguagem da ciência oficial. Por isso, é muito provável que essa tradição mantenha da obra de Jung apenas o que procurei indicar neste livro: a Áurea Catena, o Círculo Hermético.

Compreendo que se fui admitido junto a Hesse e Jung talvez tenha sido por essa mesma razão, ou seja a necessidade de salientar essa parte de suas mensagens, contando o que presenciei na companhia deles. Nosso dever não se limita apenas aos fatos; ele se prende também aos homens. Devemos traduzir a mensagem de geração em geração.

Ao terminar este livro de lembranças a respeito destes dois grandes homens, sinto que suas presenças me rodeiam — ainda que isso ocorra apenas no meu interior — como se tivessem ainda alguma coisa mais a dizer-me, embora seja algo que me escapa. . .

BIOGRAFIA DO AUTOR

MIGUEL SERRANO, atual embaixador do Chile na Áustria, é um explorador e escritor que viajou pelo sul do seu país até a Antártida, procurando encontrar uma explicação para os mitos e lendas dos povos nativos da América do Sul. Em 1953, viajou para a Índia, onde permaneceu cerca de nove anos, buscando uma ligação entre as antigas civilizações da América Latina e da Ásia. Ali estudou Yoga e iniciou sua correspondência com o Professor Jung.